

Rosane Cordeiro da Silva

A POESIA COMO ARMA POLÍTICA: O SATÍRICO NA DESTERRO DO SÉCULO XIX.



"Descendente de franceses,
É francês de coração.
Por acaso é brasileiro,
Por interesse alemão

É conserva e liberal.
Mais tarde republicano.
Sendo eleito outra vez,
O que será para o ano?"

(A Regeneração - 12/11/1885)

Ilha de Santa Catarina, 1995

A POESIA COMO ARMA POLÍTICA: O SATÍRICO NA DESTERRO DO SÉCULO XIX.

ROSANE CORDEIRO DA SILVA

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de "Mestre em Letras", área de
concentração em Literatura Brasileira.
Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura
Brasileira e Teoria Literária.
Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Zahidé Lupinacci Muzart

Ilha de Santa Catarina

1995

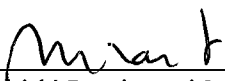
**“A POESIA COMO ARMA POLÍTICA:
O SATÍRICO NA DESTERRO NO SÉCULO XIX.”**

ROSANE CORDEIRO DA SILVA

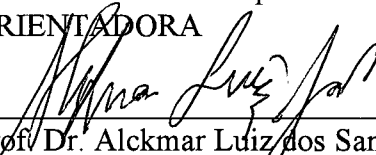
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LETRAS

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina.

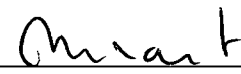


Prof. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart
ORIENTADORA

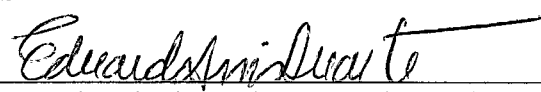


Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos
COORDENADOR DO CURSO


BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart
PRESIDENTE



Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte (UFRN)



Prof. Dr. Celestino Sachet

Prof. Dr. João Hernesto Weber
SUPLENTE

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pela vida e incentivo,
A minha tia, Anna, pelo carinho e apoio,
A minha sogra e sogro, pela dedicação,
Ao meu marido, Rui, pela compreensão,
A minha filha, Marianne, pela constante alegria,
A todos que estão no meio do caminho,
Aos meus queridos "manezinhos da ilha".

AGRADECIMENTOS

A Deus;

À família;

À Zahidé Lupinacci Muzart, minha orientadora, pela paciente e dedicada orientação;

Ao Curso, professores e colegas;

À CAPES, pelo apoio financeiro;

Aos funcionários do setor de Santa Catarina da Biblioteca Pública do Estado que muito colaboraram para a realização do trabalho;

Às funcionárias do COMUT e do setor de Santa Catarina da UFSC, que muito me ajudaram na pesquisa;

Ao professor Iaponan Soares pelos generosos empréstimos de sua biblioteca, pela simpatia com que acolheu o meu trabalho;

“Quando me deito nos teus canteiros mornos,
Jurerê-mirim, Isla de Los Patos, Santa Catarina,
não me basta a alegria telúrica
de ter nascido em ti
nem o pensamento quase bíblico
de que sou feita do teu barro. “

(Maura de Senna Pereira)

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações	
Lista de Abreviaturas	
Resumo	
Abstract	
Introdução	
Objetivos	11
Sobre Sátira	14
Crêterios para Transcriçãõ dos Poemas	17
Capítulo 1	
Desterro: Uma Sociedade Bem Humorada	21
"Lixo" ou "Literatura"? Textos Dispersos nos Jornais do Sêculo	
Passado	25
Capítulo 2	
Um Poeta "Manezinho" às Margens da Sociedade	33
Capítulo 3	
A Presençã de Taunay na Província de Santa Catarina e o Poema	
"Pomada Taunay" (Boletim-Retrato)	51
Capítulo 4	
Manoel Januário Bezerra Montenegro: Um Juiz Satirizado	70
Capítulo 5	
Assemblêia das Aves	81
Pomada Taunay (Boletim-Retrato)	116
Montenegreida	121
Conclusão	174
Anexos	176
Bibliografia.....	183

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. Capa: <i>O Moleque</i> , 20/09/1885	
2. <i>Matraca</i> , 01/08/1885	20
3. Ilustrações: SOARES, Iaponan. <i>Marcelino Antônio Dutra - Um Aspecto Formativo da Literatura Catarinense</i>	31 32
4. Foto : TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. <i>Memórias</i>	48
5. <i>Matraca</i> , 11/07/1886	49
6. <i>Matraca</i> , 05/06/1886	50
7. <i>O Moleque</i> , 05/07/1885	81
8. <i>O Moleque</i> , 13/09/1885	116
9. <i>O Moleque</i> , 01/01/1885	121

LISTA DE ABREVIATURAS

Dic. Bibl.	- <i>Diccionario de la Biblia</i>
Dic. Crist.	- <i>Diccionario del Cristianismo</i>
Dic. Cont. Ling. Port.	- <i>Diccionario Contemporâneo da Língua Portuguesa</i>
Dest. Cam. Tr. Cid., Hist., G.	- <i>Desterro e a Câmara - Traços da Cidade, de sua História, e de sua Gente</i>
Dic. Fol. Bras.	- <i>Dicionário do Folclore Brasileiro</i>
Dic. Mit. Gr.	- <i>Dicionário da Mitologia Grega</i>
Dic. Mit. Gr. Lat.	- <i>Dicionário de Mitologia Greco-Latina</i>
Dic. Mit. Gr. Rom.	- <i>Dicionário da Mitologia Grega e Romana</i>
Dic. Pol. Cat.	- <i>Dicionário Político Catarinense</i>
Dic. Pros. Port. Br.	- <i>Diccionario Prosodico Portugal e Brazil</i>
Dic. Simb.	- <i>Dicionário de Símbolos</i>
Enc. Mir. Int.	- <i>Enciclopédia Mirador Internacional</i>
Fund. Flor.	- <i>A Fundação de Florianópolis</i>
Hist. Mun. Big.	- <i>História do Município de Biguaçu</i>
Mus. Orig. Jou.	- <i>La Musique des Origins à nos Jours</i>
N. Sra. Dest.	- <i>Nossa Senhora do Desterro</i>
Nov. Dic. A. Ling. Port.	- <i>Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa</i>
Nov. Dic. Lat. Port.	- <i>Novissimo Diccionario Latino-Portuguez</i>
Nov. Dic. Ling. Port.	- <i>Novo Dicionário da Língua Portuguesa</i>
Obr. Reu. B.B.	- <i>Obras Reunidas de Brito Broca</i>
Obr. Poet.G. M.	- <i>Obra Poética de Gregório de Matos</i>
S. Jud. I. Dest.	- <i>Saga Judaica na Ilha do Desterro</i>
Taun.	- <i>As Taunaydes - Um Poemeto Político do Conselheiro do Império João Silveira de Souza</i>

RESUMO

Este estudo objetiva efetuar o resgate de três poemas satíricos do século passado na antiga Desterro: *Assembléia das Aves*, *Pomada Taunay* (Boletim-Retrato), *Montenegreida*.

Anterior ao resgate, apresentam-se fatos relacionados à história, à imprensa e à literatura da época, bem como caricaturas, que ilustram o texto e situam o leitor nesse período, coletadas dos jornais *Matraca* e *O Moleque*.

O resgate partiu da atualização do poema *Assembléia das Aves*, publicado em 1847 e reimpresso em edição fac similar em 1921. *Pomada Taunay* e *Montenegreida* foram transcritos e atualizados do jornal *A Regeneração* (1884-1885).

ABSTRACT

This study has as its objective to examine in new light three satirical poems of the last century of the former "Desterro": *Assembléia das Aves*, *Pomada Taunay* (Boletim-Retrato), *Montenegreida*.

Before analyzing the poems, facts relating to the history, the press, the literature of the period as well as caricatures, collected from the newspapers *Matraca* and *O Moleque*, that illustrate that text and situate the reader in that period.

This analysis is based on an updating of the poem *Assembléia das Aves*, published in 1847 and reprinted in fac simile in 1921. *Pomada Taunay* and *Montenegreida* were transcribed and updated in the newspaper *A Regeneração* (1884-1885).

Introdução

Objetivos:

O presente trabalho tem como seu principal objetivo o resgate da poesia satírica publicada, em jornais ou livro, na antiga cidade Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, no século XIX. Tais textos, principalmente os que ainda permanecem nos jornais e periódicos, tendem a desaparecer completamente com o tempo. Já a preciosa coleção de jornais da Biblioteca Pública de Florianópolis se encontra bem deteriorada, visto que está em secção aberta ao público em geral e os escolares que a frequentam não têm os cuidados necessários para manusear as páginas frágeis de nosso passado literário.

O interesse pelo satírico nos jornais do século passado tem várias razões: primeiramente por ser um assunto muito pouco tratado, pouco valorizado pela crítica local a tal ponto de já se poder considerar que tais poemas estariam nas "latas de lixo", conforme expressão da estudiosa Flora Süssekind¹. Em segundo lugar, a preocupação deve-se à memória literária de Santa Catarina, em esquecimento.

O interesse pelo assunto originou-se em pesquisa no periódico *O Moleque*, em 1988, quando pela primeira vez, percebeu-se o valor dos poemas e caricaturas nos periódicos daquela época. Conscientizou-se, então, da importância da preservação de nosso passado. Segundo o historiador Arnaldo S. Thiago comentando sobre os jornais do século XIX, "neles é que se encontra dispersa a melhor produção literária... pois naquele tempo os jornais não faziam indústria, mas simplesmente intelectualismo e

¹ SÜSSEKIND, Flora. *O Sapateiro Silva*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983. p. 8

literatura"². O interesse foi crescendo à medida em que verificava-se o descaso e, de certo modo, o preconceito com que é tratado o nosso passado literário. Olhando-se, somente para a coleção de jornais da Biblioteca Pública, verifica-se que alguns jornais já desapareceram e outros estão em lastimável estado de conservação. Os governos sucedem-se mas o interesse pelos livros, pela nossa história literária é quase inexistente.

Pelas razões acima apontadas, escolheu-se, como objeto da dissertação de mestrado, em um primeiro momento, essencialmente como resgate, a coleta de três poemas satíricos disseminados nos jornais do século XIX, possibilitando a outros pesquisadores o acesso a esses textos e, conseqüentemente, a estudos mais aprofundados e, igualmente, contribuindo para o estabelecimento da História Literária em Santa Catarina, no século XIX. Além da cópia dos poemas, efetuou-se, também, o estabelecimento do texto, o confronto com outras publicações, e fez-se, em rápida análise, a contextualização dos textos resgatados.

Pesquisou-se na coleção de jornais de Santa Catarina, século XIX, na Biblioteca Pública do Estado, na Biblioteca Central da UFSC, na Biblioteca particular do Professor Iaponan Soares, então Diretor da Fundação Catarinense de Cultura e possuidor do maior acervo sobre o tema "Santa Catarina", e na Biblioteca particular da orientadora que sugeriu o tema dessa dissertação.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro, em breve contextualização, apresentam-se fatos relacionados à imprensa e à literatura na antiga Desterro, bem como levanta-se a questão básica do trabalho, ou seja, o valor dos textos resgatados: "lixo" ou literatura? Os capítulos dois, três e quatro trazem os comentários relativos aos poemas com dados históricos relativos à vida política desterrense, dados importantes para a

² S. THIAGO, Arnaldo. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro: 1957. p. 41

compreensão dos textos. O último capítulo, o mais importante, traz a transcrição e atualização dos poemas com notas quando necessárias.

Sobre Sátira e O Riso:

"A sátira é uma espécie de espelho, no qual os que olham geralmente descobrem o rosto de todo mundo, menos o seu próprio."

(Swift - "Batalha dos Livros")

O estudo da sátira, que se mescla a estudos sobre o humor, o riso, a ironia, a caricatura, o chiste, tem bibliografia muito vasta. No Brasil, tais estudos não estão em "ordem do dia". O gênero, originário da Grécia e Roma, propõe-se a censurar, castigar, corrigir ou ridicularizar atitudes, idéias, valores, pessoas. Em verso e/ou prosa, é um protesto que usa, muitas vezes, da indignação.

Na Literatura Brasileira, foi Gregório de Matos Guerra, o "Boca do Inferno", no século XVII, a principal figura a criticar toda uma sociedade, mas em todas as épocas têm surgido obras satíricas. Cita-se, como exemplo, "Cartas Chilenas" de 1788, de Tomás Antônio Gonzaga. Ainda no século XVIII, tivemos dois poemas herói-cômicos³ que defendem a reforma da Universidade e atacam o ensino escolástico. São eles "O Desertor" e "O Reino da Estupidez".

Embora o trabalho de resgate não tenha cunho teórico mas eminentemente prático, transcrevem-se, abaixo, alguns conceitos teóricos sobre a sátira, que embasaram toda a pesquisa.

Em seu precioso estudo sobre o assunto, Mathew Hodgarth, conceitua a sátira como "el proceso de atacar mediante el ridiculo dentro de *cualquier* medio de expresión, y no solamente en la literatura (...). La satira comienza

³ Segundo Antônio Cândido, "no século XVIII, o virtuosismo literário favoreceu a elaboração duma forma nova, em que a sátira tradicional se mesclava ao burlesco e à epopéia, gerando o chamado poema herói-cômico, de raízes firmadas porventura nos italianos do século XV." In CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: USP, vol. 1, 1975. p. 153

con una postura mental de crítica y hostilidad, por un estado de irritación causada por los ejemplos inmediatos del vicio y de la estupidez humanos y aunque las ocasiones que se nos presentan para dar rienda suelta a la sátira son infinitas e inherentes a la condición humana, los impulsos que incitan a ella son básicos de la naturaleza humana."⁴

"A sátira é uma zombaria que se dirige ao objeto do qual se zomba ou que se reprova e que nos é estranho. Nós nos recusamos a ter alguma coisa em comum com o objeto dessa zombaria, a ele estamos brutalmente contra, nós os desnudamos então sem simpatia nem compaixão. (...) A sátira destrói, a ironia ensina."⁵

Segundo Humberto de Campos, "a sátira, modalidade combativa, só podia nascer (...) de um povo belicoso. Ela é uma arma como a espada, como a lança, como a flecha, como os mais perigosos instrumentos de guerra.

....Entre o humorista e o satírico, aprofunda-se um fosso insoterrável. O humorista zomba do mundo e de si mesmo. São lhe defesos a lisonja, o louvor, o elogio individual. O satírico zomba do homem, seleccionando os indivíduos e pode ser lisongeiro, áulico, palaciano. (...) Examinando o trigal, o satírico escolhe as espigas, separando-as. O humorista amaldiçoa, ou abençoa, a seara, no seu conjunto. O pão do primeiro é feito com o joio. O segundo tritura, para o seu pão, o joio e o trigo.

Exercida genialmente, como foi por Juvenal, a sátira pode ser, na família ameaçada, a sentinela da virtude. Denunciando o vício atrevido, amedrontando o crime insolente, assinalando, rápido, com um traço de fogo, as feridas do carácter onde elas mostrem os bordos, o satírico é um dos

⁴ HODGARTH, Mathew. *La Satira*. Madrid: Ediciones Guadarrama. - Biblioteca para el Hombre Actual, 1969. p. 7-10

⁵ JOLLES, André. *Formes Simples*. Paris: Editions du Seuil, 1972. p. 203

elementos indispensáveis à disciplina dos instintos, dos costumes, das instituições. A sátira é mesmo o freio de ouro das sociedades desembestadas."⁶

O riso é um produto da sátira. Segundo Bergson⁷, há alguns elementos que caracterizam o riso. O homem, a insensibilidade, o social, a inteligência, a casualidade, o automatismo, são elementos risíveis. Segundo teoria do mesmo, são risíveis: a moda, todo disfarce, todo incidente que chame nossa atenção para o físico de uma pessoa estando em causa o moral.

Baudelaire caracteriza o rir (ou riso) como ambíguo, nem sempre traduzindo alegria. Pode-se ter um riso de alegria, puro como o das crianças, um riso diabólico, ou um riso de dor. Baudelaire faz distinção entre o riso e alegria. "O riso é a expressão de um sentimento duplo, ou contraditório; e é por isso que há convulsão. A alegria é una."⁸ O riso satírico é um riso diabólico, zombeteiro. Oswald de Andrade afirma que "o que caracteriza o riso é sempre o insólito, o bizarro, o anormal. É o cachorro na igreja, que torna o riso inevitável. É o inadequado nas várias modalidades."⁹

Ao se colocar numa posição privilegiada, o satírico procura despertar o riso de um terceiro em relação ao objeto satirizado. O riso satírico é produto de uma ridicularização. O objeto satírico é rebaixado, menosprezado. Ao passo que ridiculariza, o satírico estabelece uma relação de superioridade. O homem, como um animal narcisista, ri dos defeitos alheios, nunca de si, nunca se enxerga, o que reafirma a frase de Swift.

⁶ CAMPOS, Humberto de. *Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras*. In: *Humberto de Campos. Trinta Anos de Discursos Acadêmicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935. p. 256-263

⁷ BERGSON, Henri. *O Riso*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

⁸ BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre Arte*. São Paulo: Edusp/Imaginário, 1991. p. 38.

⁹ ANDRADE, Oswald. "A Sátira na Literatura Brasileira." *Boletim Bibliográfico. Biblioteca Municipal de São Paulo*. p. 40

Crêterios para Transcrição dos Poemas

Para a transcrição e atualização dos poemas, procurou-se:

- . Manter a disposição dos versos na folha, bem como a organização destes em estrofes;
- . Respeitar a rima e a métrica;
- . Manter as notas explicativas do autor;
- . Manter a pontuação, por ser um problema de interpretação;
- . Manter as palavras/frases em itálico;
- . Manter as letras maiúsculas no início e meio dos versos;
- . Manter o uso do apóstrofo como em: c'o, qu'em;

Sem risco de alterar o significado,

- . Simplificar as consoantes dobradas "LL", "CC", "FF", "PP", "NN", como em allegoria, occidente, soffre, presupp e, innocentes;
- . Simplificar os dígrafos helenizantes: "PH", "TH" como em: zephiros, throno;
- . Trocar o "Y" por "I" como em cysne;
- . Corrigir os erros óbvios;
- . Simplificar os grupos conson nticos impróprios; "CT", "PT" como em: nocturna, captivos;
- . Acentuar graficamente conforme o sistema vigente;
- . Atualizar os ditongos "EO(S)", "IO" e "OA" como em: Deos, servio, língua;
- . Atualizar a grafia no que se refere ao emprego de j - c - s - ch - h - s - como em: socego, presupp e, desharmonia, defeza;
- . Atualizar o ditongo nasal, desinência verbal de 3  pessoa do plural do modo indicativo como em irmit o;

. Mudar a posição das notas do autor que, no texto original (Assembléia das Aves) apareciam no final da página e no texto transcrito aparecem ao lado dos versos;

No caso de palavras não dicionarizadas, estas foram identificadas em nota de rodapé, seguidas da expressão: "sem referência".

CAPÍTULO 1

DESTERRO: UMA SOCIEDADE BEM HUMORADA

Como em algumas cidades do Brasil, o povoamento e, portanto, o acesso à cultura, na antiga Desterro, foram tardios. Devido a inúmeros problemas, a cidade passou, até o século XVIII, por longo período de escasso povoamento. "Em 1750, D. José I, por Provisão Régia, mandou criar um colégio na vila do Desterro"¹. Oswaldo Cabral nos chama a atenção para o número de habitantes no final do século XVIII, sendo que estes eram "muito pobres, tinham muitos filhos e andavam mal trajados".²

Depois da situação de miséria por que passou o povo desterrense até os primeiros anos do século XIX, houve uma pequena mudança. "Nos vinte primeiros anos, apesar de todas as deficiências, a sociedade catarinense, principalmente da sua vila capital, conseguiu atingir um nível que permitiu conservar a sua autonomia como unidade política."³ Na primeira metade deste século, a instrução primária no estado era bastante deficiente, sendo que pouca melhora aconteceu nas décadas seguintes; começando a crescer nos últimos vinte anos. Nesse período, a sociedade começou a se organizar e surgiram clubes e sociedades carnavalescas.

Thaís Luzia Colaço, em *O Carnaval no Desterro Século XIX*⁴, nos fala sobre o carnaval como meio de crítica e sátira. Acontecimentos variados eram satirizados pelas sociedades carnavalescas, principalmente os motivos políticos. Nos carros alegóricos havia grande número de caricaturas

¹ CABRAL, Oswaldo. *História de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p. 65.

² Id. ib. p. 80.

³ Id. ib. p. 107.

⁴ COLAÇO, Thaís Luzia. *O Carnaval no Desterro Século XIX*. Dissertação de Mestrado. Curso de História/UFSC - 1988.

políticas, um "mundo às avessas"⁵, como a representação dos partidos conservador e liberal através de dois velhos segurando a sua coluna, ambas arruinadas, questionavam o poder dos mesmos"⁶ "T. L. Colaço afirma que "o carnaval era um movimento isolado e apesar de ter no divertimento o seu principal objetivo, ele captava diversas modalidades da vida política, econômica e social do país, mostrando ser algo dinâmico, reflexivo e crítico."⁷

Nesse processo de desenvolvimento, a imprensa foi um veículo de aculturação. "Depois de 1831, desenvolveu-se de maneira inconstante, aparecendo, às vésperas dos grandes pleitos numerosos jornais que, passadas as lutas eleitorais, em geral cerravam as suas portas."⁸ Alguns jornais, dependendo do papel que desempenhavam e como o desempenhavam, sobreviveram, portanto, por muito pouco tempo. Entre eles, alguns de relativa importância como *O Moleque* (1884-1885), *O Mosquito* (1888-1889) entre outros. No final do século XIX, já contávamos com um número razoável de escritores, poetas e jornalistas, entretanto "apesar do regular número de poetas, da existência de uma Biblioteca Pública e da publicação de numerosos jornais, não havia uma só livraria no Desterro, cujo povo continuava a desconhecer os grandes nomes da literatura nacional e universal... "⁹ Os periódicos eram o único meio de

⁵ Quem estudou o topos do *mundo às avessas* foi Ernest Robert Curtius, em *Literatura Européia e Idade Média Latina*, obra que é sempre um guia seguro para os nossos estudos. Pode-se definir o que trata um mundo às avessas, dizendo que nele há, principalmente, uma inversão de papéis. Por exemplo, a tartaruga voa, a lebre ameaça os leões, etc. Os Jovens agem como velhos, os velhos como jovens. [Ernest Robert Curtius. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. 2. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979. p. 98 e seg.]

⁶ COLAÇO, op.cit., p. 186.

⁷ Id. ib., p. 184-185.

⁸ CABRAL, *História de...*, op. cit., p. 186.

⁹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 115.

informação local e universal. Ora como meio de pura informação, ora como objeto de questionamento, o jornal exerceu importante papel na formação sócio-cultural do povo.

Nos periódicos, é grande o número de poemas que visam à crítica de políticos da época e até mesmo redatores de outros jornais. A imprensa da capital "foi partidária às vezes, violenta, outras cruel."¹⁰ "Foi uma imprensa desassombrada, viril, apaixonada."¹¹ Ora através de versinhos, ora através de caricaturas, nesses periódicos havia espaço para a literatura.

O período pós-independência e pré-república foram decisivos para a imprensa catarinense, pois nesse período ela se firmou, saindo de sua fase transitória. Os periódicos estavam ligados a este ou aquele partido político. Devido a esse fator, encontram-se, em grande quantidade, as sátiras políticas. Como consequência das inúmeras brigas políticas e busca pelo poder surgiram alguns poemas que caricaturavam adversários da época. As lutas foram constantes, fato este comprovado pelo grande número de caricaturas existentes nos jornais e dos "tipos rimados".¹² Ora publicados por conservadores retratando liberais, ora publicados por liberais retratando conservadores, o cômico ganhava espaço nos jornais através de desenhos caricaturados e poemas satíricos.

As críticas não eram feitas somente de redator a redator ou de candidato a candidato. Havia críticas, inclusive ao estilo/escola literária. Em relação a este fato, Oswaldo Cabral nos chama a atenção para os literatos que faziam parte do grupo da "Idéia Nova". Dentre eles figuravam Virgílio Várzea, Santos Lostada, Araújo Figueiredo, Carlos de Farias e Cruz e

¹⁰ CABRAL, *História de...*, op. cit., p. 187.

¹¹ Id. ib., p. 188.

¹² CABRAL, op. cit. *Nossa Senhora...* Expressão usada por Oswaldo Cabral: poemas que caricaturavam personagens políticos. Segundo o mesmo: "Não era apenas Silveira de Souza a epigramar adversários. Havia outros poetas, piores mas nem por isso, menos agressivos." p. 138-139.

Sousa. Segundo o mesmo estudioso, "os velhos reagiam à guerra que lhes era pelo grupo da Idéia Nova movida."¹³ Os versos que seguem explicitam este fato:

**“Ó idiota emproado
Com pretensões a talento,
Tu tens o crânio lastrado,
Ó idiota emproado
És literato atrasado
E poeta bolorento.
Ó idiota emproado
Com pretensões a talento.”¹⁴**

Percebe-se, portanto, que a sociedade catarinense desenvolveu-se, apesar de distante dos grandes centros como o Rio de Janeiro. O jornal foi o veículo de cultura e diversão. Aprendia-se e divertia-se, ora através de poemas líricos, trechos de autores consagrados, ora através de triolés, charadas... e foi nesta prática informal do "fazer rir" que nasceram muitos escritores dentro e fora de Santa Catarina.

¹³ CABRAL, f. *Nossa Senhora...*, op. cit., p. 131/132.

¹⁴ *A Regeneração* - 03/01/1884, p. 02.

"LIXO" OU "LITERATURA"?

TEXTOS DISPERSOS NOS JORNAIS DO SÉCULO PASSADO

Encontra-se, no século passado, disseminada nos jornais brasileiros, uma literatura que privilegia o cômico, o humor e o satírico. Tal literatura apresenta abundante produção: poeminhas ou quadrinhas, charadas, triolés, sonetos, paródias e outros que enriquecem a imprensa, divertindo e, ao mesmo tempo, instruindo os leitores.

"A vida literária (e intelectual) do século XIX girava em torno de seus jornais. Grande é o número dos editados por aqui (por jornais, entenda-se também semanários ou publicações que aparecem duas ou três vezes por semana). O espaço que a literatura possuía nesses periódicos era enorme. Pode-se dizer que, sem a literatura, alguns nem poderiam ser editados por falta de matéria... Poemas em quantidade, contos, crônicas, romances em folhetins. E a crítica literária esboçando-se timidamente!"¹⁵ Os jornais, além de informar, preocupavam-se, pois, com a literatura local, o que foi muito importante nesse nascimento de nossa literatura, compondo os nossos "momentos decisivos."¹⁶

"A imprensa brasileira nasceu sob o signo da repressão e todas as suas lutas pela liberdade de opinião deram lugar a um tipo de imprensa, o pasquim, de características específicas. As razões do aparecimento e do desenvolvimento desse tipo de imprensa residiram na realidade, entretanto. Não surgiram de desejos, de deficiências dos jornalistas do tempo: brotaram da vida."¹⁷

¹⁵ MUZART, Zahidé L. Insulano. A crítica a serviço da literatura. *Diário Catarinense*, 23/06/1987 - p. 06.

¹⁶ Via Antonio Candido (Formação da Literatura Brasileira (Momentos decisivos). 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, vol. 1, 1975).

¹⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 96.

Segundo afirma Maria Helena Martins, "Não só no Rio Grande do Sul, mas em todos os estados mais desenvolvidos do país, jornalismo, direito, política e literatura foram feitos por um mesmo indivíduo".¹⁸ Em Santa Catarina, especificamente na antiga Desterro, o fato se repetiu. Aqui, assim como nos demais centros do país, o fazer literário se mesclou ao fazer política.

Devido ao preconceito em torno do cômico, há um grande número de poemas esquecidos nos jornais catarinenses a espera de estudos e de publicação. Alguns poemas líricos e contos já foram resgatados e publicados, textos de Cruz e Sousa, Barreiros Filho, Otto Gama d'Eça entre outros, no entanto, as poesias satíricas continuaram esquecidas, taxadas de "longas demais" e, principalmente, por serem consideradas de "circunstância". Tal discriminação deve-se ao enquadramento do cômico como uma literatura do "baixo". Por baixo incluiu-se o humor, o satírico e o erótico.

Flora Süssekind nos fala de um poeta sapateiro¹⁹. Assim como este, alguns poetas desterrenses foram esquecidos pela nossa história da literatura, entre eles figuram os nomes de Marcelino Antônio Dutra e Ogê Mannebach, ambos poetas satíricos.

Dentro desse processo de desenvolvimento, Bernard Mouralis questiona o que é literatura nacional. Segundo o mesmo, a literatura tem um "valor".²⁰ Há um mito da literatura proposto como modelo, fato este tão revisado por nossos modernistas e contemporâneos. Percebe-se que a

¹⁸ MARTINS, Maria Helena. *A Agonia do Heroísmo*. (contexto e trajetória de Antônio Chimango) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980. p. 61.

¹⁹ SÜSSEKIND, Flora e VALENÇA, Rachel Teixeira. *O Sapateiro Silva*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

²⁰ MOURALIS, Bernard. *As Contra-literaturas*. Coimbra: Livraria Smedina, 1982. p. 17.

história da literatura brasileira se restringiu a uma literatura elitizada donde se excluíram uns e incluíram outros.

Em relação à questão do cômico, segundo as pesquisadoras Flora Süssekind e Rachel Valença, "a desvalorização deste, como produto estético menor, é uma constante nas avaliações dos historiadores da literatura".²¹ Devido a esses fatores, estudar uma literatura "menor", uma "contra-literatura", como a chama Mouralis²² é, realmente, tarefa para "urubus"²³.

Além do processo de canonização e do enquadramento, outros fatores contribuíram para que isso acontecesse. Em primeiro lugar o meio escolhido, o jornal e, em segundo, o fato de muito dessa produção não ser assinada ou, quando o foi, os autores se esconderem sob pseudônimos, o que já comprova uma desqualificação na origem. Segundo Guilhermino César o que teria causado quase a inexistência de poemas satíricos foi um "sentimento chorão e magoado onde predomina o lirismo"²⁴. Já Maria Helena Martins afirma que "boa parte dos autores de sátiras, no Brasil, forma verdadeira confraria dos enfeitados".²⁵

Salvo algumas exceções, o fato é que "poucos escritores e críticos ousaram romper com a respeitabilidade beletrista imposta pelos padrões transplantados da Europa".²⁶ Imposição e literatura, duas palavras incompatíveis.

No final do século passado e início deste, tivemos um dos períodos mais produtivos da literatura humorística e satírica, houve uma "boêmia

²¹ SÜSSEKIND e VALENÇA, *op. cit.*, p.12.

²² MOURALIS, *op. cit.*, p. 39.

²³ SÜSSEKIND e VALENÇA, *op. cit.*, p. 7.

²⁴ CÉSAR, Guilhermino apud Maria Helena Martins, *op. cit.*, p. 56.

²⁵ MARTINS, *op. cit.*, p. 56.

²⁶ MARTINS, *op. cit.*, p. 56.

literária"²⁷, um repúdio à literatura acadêmica e aos padrões estabelecidos pela sociedade. Angelo Agostini dirigiu uma revista ilustrada que tinha como legenda "Ridendo, castigat mores", que é divisa da comédia e de autoria do poeta Santeuil.²⁸ Ainda no século XIX, são inúmeras as edas, de influência camoniana. Tais poemas ridicularizavam políticos da época. Ao contrário de *Os Lusíadas*, o herói é comicizado, rebaixado.

Na cidade do Desterro, no século XIX, três poemas seguiram essa mesma linha: *Assembléia das Aves*, *As Taunaydas* e *Montenegreida*.

Embora tenha-se procurado pela definição do sufixo *eida* de *Taunaydas* e *Montenegreida*, não se a encontrou tal sufixo nos dicionários disponíveis. Pode-se deduzir, entretanto, que é uma clara alusão às EDDAS,²⁹ conjunto de poemas que narram toda a mitologia da Escandinávia ou *Eneida*, epopéia de Virgílio com as aventuras de Enéias. Aqui, no nosso limitado círculo, o sufixo *eidás* define com intenção claramente satírica, os poemas como as epopéias de Taunay e de Montenegro ou os mitos referentes às duas personalidades da política de então. Nos poemas catarinenses, os deuses e heróis são burlescos, têm pés de barro! Segundo Jorge Luis Borges, "as peças da Edda Maior são gnômicas, narrativas burlescas e trágicas. Tratam de deuses e de heróis."³⁰

²⁷ Id. ib., p. 55.

²⁸ In: VICTORIA, Luiz A. P. *Dicionário de Frases, Citações e Aforismos Latinos*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1956.

²⁹ Eddas: Nome dado às duas principais fontes islandesas para a mitologia escandinava. A *Edda Antiga ou Poética* contém 33 poemas, alguns dos quais datam do século IX, embora a compilação fosse efetuada no século XIII. A *Nova Edda ou Edda Prosaica* também foi organizada no século XIII, por Snorri Sturluson, mas é geralmente considerada como de meados do século XII. [H.R. Loyn (Org.) *Dicionário da Idade Média*. Trad. de Alvaro Cabral, 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.]

³⁰ BORGES, Jorge Luís. *Literaturas Germânicas Medievais*. Madrid: Aliança Editorial, 1980. p. 79.

Não se pretendeu, em nenhum momento, julgar os textos encontrados. Percebe-se, lendo-os desde o nosso final de século, que traduzem bem uma época ainda titubeante, a procura de sua identidade. Não podem ser classificados como lixo. São textos que mostram um período de formação de nossa cidade, início da imprensa e da literatura em Desterro com tudo a se fazer, uma época de muito pioneirismo. A descoberta e o resgate devem ser feitos para que outros pesquisadores possam responder se são lixo ou literatura.

CAPÍTULO 2



Marcellino Antonio Dutra

ASSEMBLEA DAS AVES

POEMETO EM QUATRO CANTOS.

DEDICADO

AOS VERDADEIROS AMIGOS DO
EXM^o SR. CONSELHEIRO JERONIMO
FRANCISCO COELHO.

POR

MAD

FEITO NA CIDADE DO DESTERRO DA PROVINCIA DE
SANTA CATHARINA AOS 2 DE JUNHO DE 1847

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHUS DO MERCANTE, RUA DA QUESTANDA N. 13

1847.

IMPRIMISSO NA LIVRARIA CENTRAL
FLORIANOPOLIS

1921

Fôlha de rosto da 2^a ed. de «Assembleia das Aves», reprodução
fac-similar da primeira.

UM POETA "MANEZINHO" ÀS MARGENS DA SOCIEDADE

Em "um pedacinho de terra, /perdido no mar"¹ nasceu, a 19 de junho de 1809, Marcelino Antônio Dutra, natural da freguesia da Lapa do Ribeirão, interior da ilha, filho de ilhéus natos. Foi professor e exerceu alguns cargos políticos. "Visto como agressivo, mordaz, irônico, satírico e malcriado. Não temia as lutas partidárias e fez numerosos adversários, aos quais enfrentava, apesar de ser considerado pelos mesmos um matuto."² Deixou inúmeros poemas dispersos nos jornais, alguns textos ficcionais intitulados "Cartas"³ e um livro, *O Trovador Namorado*, infelizmente desaparecido. Faleceu a 13 de julho de 1869 na Freguesia do Ribeirão.

Marcelino Antônio Dutra, como um homem público, foi alvo de muitas críticas. Seus adversários nomearam-no "Poeta do Brejo". Em resposta à essa afronta, o poeta assumiu o apelido assinando, em alguns jornais da época, P. do B. Além deste pseudônimo, Marcelino adotou também o de Gil Fabiano e a sigla M.A.D.:

**"Deus te salve barrigudo
Com o vil torpe grasnar!
Deus te salve oh! produção
D'um Bicho que faz pasmar!**

.....

**Foste já por teus pecados
Transformado em vira bosta,
És hoje um *Poeta do Brejo*,
Nome que não te desgosta."**⁴

¹ BARBOSA, Cláudio Alvim. "Rancho de Amor à Ilha".

"Um pedacinho de terra, / perdido no mar!... / Num pedacinho de terra / beleza sem par..." In GOULART, Janete Jane e OLIVEIRA, Sônia Maria de. *Florianópolis: Nosso Município*. Secretaria Municipal de Educação, 1992.

² CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 102.

³ Em anexo - "Cartas" de Gil Fabiano, *O Argos*.

⁴ *O Novo Íris*, 18/10/1850, p. 04.

Nas primeiras décadas do século XIX, MAD procurou cumprir seu papel como cidadão. Apesar de o 1º jornal datar de 1831,⁵ nada se tinha publicado até o momento. Enquanto membro da sociedade, o poeta defendeu os direitos em que acreditava escrevendo e publicando, em 1847, o poemeto *Assembléia das Aves*.⁶ O poema foi enviado para o Rio de Janeiro, onde foi editado por influência de Jerônimo Francisco Coelho, na Typografia do "Mercantil". P. do B. foi um precursor das letras catarinenses e sua sátira tornou-se um marco histórico-literário.

Frutos bons e ruins surgiram após a publicação do poema-alegórico. Em relação às letras catarinenses, a publicação do poema foi positiva contudo, para o poeta, enquanto homem político, repercutiu negativamente. O "poeta do brejo" caiu no esquecimento, primeiro por ser um "Matuto" do interior da ilha, segundo por ter assinado seu poema, ou seja, não levou em conta seu "referendum acadêmico."⁷ Pode-se lembrar aqui uma citação de Benjamin Franklin que diz o seguinte: "É de estranhar que um homem dotado de bastante espírito para escrever uma sátira, seja tolo bastante para publicá-la".⁸ Apesar de ter caído no esquecimento, assim como o foi, no passado, a obra de Gregório de Matos, a obra satírica de MAD resistiu aos comentários, sendo um dos poucos textos satíricos publicado em livro, com o poeta ainda vivo.

"Em poucos dias tornara-se popular *Assembléia das Aves*, um poemeto em que o satírico, ex-mestre escola do Ribeirão, desforrando-se

⁵ Jornal *O Catarinense* fundado por Jerônimo Francisco Coelho a 28/07/1831.

⁶ Poema reimpresso em 1921 - por iniciativa da Sociedade Catarinense de Letras - edição fac-similar.

⁷ Segundo Maria Helena Martins, assinar um poema satírico, na época, era por em jogo toda a carreira política. (MARTINS, Maria Helena. *A Agonia do Heroísmo*. (Contexto e Trajetória de Antônio Chimango). Porto Alegre: UFRGS, 1980) p. 56.

⁸ NINA, A. Della. *Dicionário da Sabedoria*. São Paulo: Fitipaldi, vol. IV, 1985. p. 30.

dos ataques tremendos dos seus antagonistas, realça os méritos dos correligionários..."⁹

Nesse período começou uma intensa briga entre liberais e republicanos, que segundo Boiteux, "se prolongou por 42 anos, até a implantação do regime republicano".¹⁰ A briga se acentuou com a construção do Mercado Público Municipal, anteriormente, "bancas" e "barraquinhas" onde se vendiam pescados e outros alimentos.

De um lado, havia os irmãos Luz.¹¹ Eles pretendiam que o edifício fosse construído na praça do Palácio; de outro, o grupo de Amaro José Pereira¹² e Francisco Duarte Silva¹³. Estes defendiam que o Mercado¹⁴ deveria ser construído depois da Capitania dos Portos, perto do forte de Santa Bárbara.

Desses desentendimentos, surgiram dois partidos políticos, o partido Cristão (Livrametista), com idéias conservadoras e o partido Judeu (Jeromista), com idéias liberais. "E esta divisão foi tão acentuada que os homens do partido "cristão" usavam em seus chapéus fitas brancas, enquanto, os seus adversários, os "judeus", usavam fitas pretas".¹⁵

⁹ BOITEUX, José Artur. *Os Partidos Políticos de Santa Catarina. 1ª Parte /Memória Apresentada ao 1º Congresso de História Nacional.* p. 19.

¹⁰ Id. ib., p. 18.

¹¹ Irmãos Luz - destaque a João Pinto, rico armador e comerciante. Natural da freguesia de N. Sra. das Necessidades e Sto Antônio de Lisboa, Ilha de Santa Catarina. PIAZZA, Walter. *Dicionário Político Catarinense.* Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. p. 314.

¹² Amaro José Pereira - Natural do Desterro, SC, 01/05/1814. Chefio o Partido Liberal no Desterro. Exerceu cargos de Vereador e Deputado. Formado em Farmácia. Feleceu a 11/09/1866 no Desterro. PIAZZA, id. ib., p. 445.

¹³ Francisco Duarte Silva - Comendador. CABRAL, *Nossa Senhora...* op. cit., p. 146.

¹⁴ O Mercado ficaria fronteiro à Alfândega, fechando a praça para o lado do mar. Foi construído em 1851, demolido em 1896 e reconstruído em 1898, no lugar onde ainda se encontra. Id. ib., p. 96.

¹⁵ PIAZZA, Walter. *Santa Catarina: Sua História.* Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983. p. 272

A imprensa se dividia entre os dois partidos. De um lado o partido Cristão chefiado pelo padre Joaquim Gomes de Oliveira Paiva¹⁶, de outro lado o Judeu, por Marcelino Antônio Dutra. A publicação de poesias era uma constante. Na Tipografia Provincial, foi impressa, entre outras, uma modinha feita por um Cristão e dedicada à sociedade eleitoral cristã. Uma das estrofes diz o seguinte:

**"Não troquemos nosso nome
Que é mais doce do que Amor
Antes de ser Cristo vencido
Do que judeu vencedor".¹⁷**

Marcelino Antônio Dutra foi alvo do Pe. Paiva que, sob o pseudônimo de O Sacristão, entre outros, criticou-o arduamente nos jornais. No jornal *O Novo Íris*, lê-se o seguinte poema dedicado a M. A. Dutra:

**"Nas matas do Ribeirão
Entre as lameiras de um Brejo
Criou-se gordo matuto;
Oh que famoso badejo.**

**As letras desconhecendo
Vida folgada passava:
jogando, bebendo bem,
Nas horas vagas pescava.**

**Porém deu-lhe na cabeça
Queres também figurar,
E depois de vinte anos
Veio escolas frequentar.
Munido de escassas luzes
Na roça uma escola abriu,
E cheio de entusiasmo**

¹⁶ Pe. Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva - Natural do Desterro, SC, a 12/06/1821. Coursou o Seminário S. José, Rio de Janeiro. Foi Vigário da Freguesia de São José e de Nossa Senhora do Desterro. Exerceu cargos de professor e de deputado. É autor de inúmeros trabalhos literários e inéditos. Faleceu a 29/01/1869 no Desterro. PIAZZA, *Dicionário Político...* op. cit., p. 388.

¹⁷ BOITEUX, op. cit., p. 21.

O magistério seguiu.

**Quando viu que algum mal
Já podia então fazer
Do Coelho a eleição
Começou a combater**

**Vendo este que só fome
A obra assim o movia,
Que dar-lhe aqui na cidade
De gran pão-de-ló fatia.**

**Calou-se até agora o bicho
Porque tinha a boca cheia!
E agora já está falando?
Encham-lhe a boca d'areia.**

**Meu matuto, não te metas
A lavar sobrepelizes
Vai lavar primeiro as nódoas
Que abundam nesses narizes."¹⁸**

As críticas do poeta Marcelino iam além das intrigas políticas. Paralelo à disputa pelo poder estava o preconceito ao poeta marginalizado por não ter estudado nos grandes centros e, principalmente por ser um vendedor do interior da ilha:

"O Sr. Marcelino Antônio Dutra, poeta erótico, e sábio de orelha dá agora muitas viagens ao seu sítio.

.....

Este Sr. Dutra é uma pomba sem fel, e sobretudo muito desinteressado, especialmente quando promove as vendas das melancias na praia do mercado."¹⁹

¹⁸ *O Novo Íris*, nº 15, 03/05/1850, p. 04. Poema: "Ao Poeta do Brejo". Assinado: O Sacristão.

¹⁹ *O Cruzeiro*, nº 59, 18/11/1860.

O nome dos partidos políticos *Judeu* e *Cristão* tem muito a ver com os preconceitos e perseguições que sofreram os judeus, ao longo dos séculos. O Partido cristão teria relação com os conservadores - católicos, e o Partido Judeu, com os liberais.

O preconceito contra os judeus vem de tempos muito remotos mas sobretudo com a Igreja Católica e a Inquisição. A Inquisição, a partir do fim do século XIII, dedicou atenção especial aos judeus e queimou, nas famigeradas fogueiras, grande número deles, como heréticos, antecipando Hitler e os nazistas. A Inquisição foi muito ativa em vários países, além da Espanha. E, de Portugal estendeu suas garras até o Brasil. "Na visão do folclore judaico, a Inquisição representava a face cruel, intolerante e fanática do cristianismo"²⁰.

Talvez, aqui na antiga Desterro, o preconceito só tivesse a origem na morte de Jesus Cristo, atribuída aos judeus. Então, esses seriam sempre os 'maus... Mas podemos levantar a hipótese de que o nome dos dois partidos estaria diretamente ligado à origem do povo desterrense o que é, com certeza, um ponto obscuro na história de Santa Catarina. Jacques Schweidson afirma que houve uma "penca de famílias judias"²¹ na cidade. Segundo o mesmo, "no período da sua colonização, vieram verdadeiras levadas de judeus, sob o disfarce de cristãos novos".²² Hipótese plausível mas faltam maiores pesquisas para afirmar que a razão da criação dos dois partidos tenha sido essa. Em todo o caso, nesse período, os preconceitos

²⁰ V. Alan Unterman. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992. p. 124.

²¹ SCHWEIDSON, Jacques. *Saga Judaica na Ilha do Desterro*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989. p. 84.

²² Id. ib., p. 124.

contra os judeus, insuflados pela Inquisição, ainda eram bastante fortes para que a hipótese possa se confirmar.

Schweidson afirma que "os nomes dos partidos representam uma realidade, realidade que marcou a história do estado, refletindo uma luta ferrenha, portador (sic) no seu bojo, dos mais vivos ressaibos de um passado, embora distante, repleto de preconceitos e violências que estigmatizaram um período da história do estado."²³

Ainda em relação aos partidos "Judeu" e "Cristão", J. Schweidson, ao perguntar ao Professor Mâncio Costa, quem eram os descendentes de judeus na nossa Desterro, o mesmo respondeu:

"Tua pergunta foi mal formulada. Ser-me-ia muito mais fácil responder-te se me pertuntasses quem é que não descende em Florianópolis de judeus?"²⁴

Voltando ao poema de Marcelino Antônio Dutra, é, pois, de uma intensa briga eleitoral, que se originou, em 1847, o poema alegórico intitulado *Assembléia das Aves*. Foi impresso pela Tipografia Mercantil do Rio de Janeiro e dedicado "aos verdadeiros amigos do Sr. Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho."²⁵

A estrutura formal de *Assembléia das Aves* é a do poema épico, composto de quatro cantos de trinta e três quartetos cada um. Para cada canto, há uma décima que os precede e que compõe o argumento. Como um poema alegórico e satírico se caracteriza por uma narração em versos, com ritmo composto em redondilha maior.²⁶

²³ Id. ib., p. 318.

²⁴ Id. ib., p. 291.

²⁵ DUTRA, Marcelino Antônio. *Assembléia das Aves*. Rio de Janeiro: Typografia do Mercantil, 1847. Capa. Reimpresso na Livraria Central, ed. fac. similar. Florianópolis, 1921.

²⁶ A predileção do autor pela redondilha maior aproxima-o dos trovadores. Diz Segismundo Spina. *Manual de Versificação Romana Medieval*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971. p. 26.

1. "Aos¹/graus²/vin³/te e⁴/se⁵/te e⁶/trin⁷/ta a
2. Pa¹/ra o²/Sul³/do⁴/E⁵/qua⁶/dor,⁷/ b
3. No¹/mun²/do³/de⁴/que⁵/Co⁶/lom⁷/bo c
4. Foi¹/fe²/liz³/des⁴/co⁵/bri⁶/dor.⁷" b

Poema de rima e métrica regulares, com a presença de seres mitológicos e linguagem coloquial, características que mostram o quanto o autor ainda se filiava à poética clássica, estando, portanto, muito longe do Romantismo.

Segundo Oswaldo Cabral, "nesse poemeto, o mundo político de Santa Catarina é caricaturado sob forma de comunidade ornitológica na qual as aves confabulam, discutem entre si e fazem raciocínios humanos. Eram aves daqui e aves de fora."²⁷ Como numa representação, as aves, políticos disfarçados, dialogam. O narrador/poeta é um mero espectador que vê os fatos e os expõe. Todo o enredo gira em torno dos personagens: um *Cisne*, que representa Jerônimo Francisco Coelho²⁸ e um *Quero-quero*, representando o Dr. Augusto do Livramento²⁹, ambos candidatos a uma vaga na Assembléia.

"Mas o metro mais largamente utilizado não só pelos trovadores, como pela poesia de feição popular de todos os tempos, foi o redondilho maior. Nas cantigas satíricas de escárnio e maldizer, o redondilho maior aparece com muita frequência, bem como nos cantares d'amigo mais antigos; com a infiltração dos metros cultos provençais e franceses, o redondilho cedeu à competição - o decassílabo, por exemplo, superou-o consideravelmente; mas, no fim do movimento trovadoresco (meados do século XIV) o redondilho readquiriu o seu prestígio primitivo."

²⁷ CABRAL, *Nossa Senhora....* op. cit. p. 102.

²⁸ Jerônimo Francisco Coelho. Natural de Laguna, SC, a 30/09/1806. Coursou Matemática e Engenharia na Escola Militar, fazendo carreira até alcançar o posto de Brigadeiro. Veio a servir no Desterro em 1831, onde fundou o primeiro jornal, *O Catarinense*. Participou desde então da política catarinense, tendo exercido alguns cargos como deputado. Faleceu em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, a 16/01/1860. p. 195. PIAZZA, op. cit., *Dicionário ...* p. 159.

²⁹ Augusto do Livramento - Natural do Desterro, SC, a 14/02/1820. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Exerceu alguns cargos como Deputado, juiz, Presidente da Assembléia. Faleceu a 07/05/1883. id. ib. p. 301.

O título do poema, deve-se ao grande número de reuniões de políticos por isso, Assembléia ("reunião de numerosas pessoas para determinado fim")³⁰. Já Aves, devido à experiência do poeta com esses animais, pois vivia no interior da ilha, onde havia uma fauna bastante diversificada. A escolha de um título-alegórico deve-se, também, a discrição em tratar o assunto, já que estava se identificando.

As demais aves do poema formam os membros da Assembléia, as outras são frequentadoras das galerias. O sabiá representa a voz crítica. Pintando a "candura" de um cisne e vituperando as outras aves, "rebeldes", "turbulentas"; juntando a estes alguns seres mitológicos, bem como um pouco de bom senso, o poeta narra a história do *Cisne* tendo, em alguns momentos se inspirado em *Os Lusíadas*. Aqui, o herói não é um povo mas um único indivíduo: Francisco Coelho.

Como o enredo concentra-se num momento eleitoral, quando os dois candidatos concorriam a uma vaga, o narrador tem, como objetivo maior, convencer o leitor/eleitor de que seu candidato é superior. No prólogo do livro, o editor define o poema como um "poemeto eleitoral": "Quem esperava ver das urnas saírem aspirações políticas"?³¹ Acentuando ainda mais a disputa política entre os dois partidos, esta "singela alegoria"³² conseguiu mexer com o pleito eleitoral na época.

No primeiro canto o poeta louva a paz do povo ilhéu que vive em harmonia; contrapõe a candura de um *Cisne* à turbulência de um *Quero-quero* piador. A paz é quebrada com a chegada do *Quero-quero*, pois este trouxe consigo a cobiça:

³⁰ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 183.

³¹ DUTRA, op. cit., p. 09.

³² Id. ib., p. 01.

**"O plúmeo bando feliz
Da paz os gozos fruía,
Até que veio a cobiça
Plantar a desarmonia."**³³

No segundo canto, o poeta narra o retorno do cisne ao pátrio ninho. Nos primeiros versos, o cisne, na figura de Febo, vai curar os danos causados ao Setentrião, pois Febo, "deus solar, deus da luz penetra nos corações o amor pela concórdia, e o horror pela guerra civil."³⁴ "Símbolo da vitória sobre a violência, do auto-domínio no entusiasmo, da aliança entre a paixão e a razão. Sua sabedoria é fruto de uma conquista e não de uma herança."³⁵ Além de cantar a chegada do Cisne na cidade, o narrador critica o fato de alguns negros terem se filiado ao partido do candidato adversário:

**"Para o Cisne disputar
Populares afeições,
Chamam às reuniões
Negras aves d'ultramar."**³⁶

Ainda nesse canto, o poeta define os objetivos do poema ao afirmar que seu poema não é para qualquer um, é para os bons, puros de coração, ou seja, as aves superiores:

**"Esses que no peito abrigam
Corações cheios de fel,
Não podem sentir as coisas
Que escrevo neste papel."**³⁷

³³ DUTRA, op.cit.,p.02

³⁴ CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981. p. 66-67.

³⁵ Id. ib., p. 66-67.

³⁶ DUTRA, op. cit., p. 09.

³⁷ Id. ib., p. 15.

Com a chegada do Cisne no canto III, o sabiá lhe faz uma bela alocução, pois o cisne é sua musa inspiradora. Neste canto, o poeta faz, através do canto de um sabiá, uma breve biografia do candidato judeu:

**"Teus discursos, teus escritos
De animada erudição,
Nossos direitos defendem,
Velam no bem da nação.**

.....

**Muitas leis, que feitas foram
Por bem nosso, e do país,
Nasceram, e sazouaram
Na tua mente feliz.**

**Associada união,
Política e fraternal,
Tudo criaste; e também
Uma imprensa liberal."³⁸**

Assim como na epopéia camoniana, o poeta afirma que não mais cantará, pois lhe faltam inspirações. No canto IV, o pássaro cessa seu canto e assim como Camões, em *Os Lusíadas*, o poeta invoca a musa, pois não pode mais continuar:

**"Musa, tu, que me inspiraste
Este humilde canto meu,
No mais difícil do canto,
Me privas de auxílio teu?"³⁹**

Ao mostrar as qualidades do candidato judeu; ave superior, sem ambição, sem riquezas, denuncia os defeitos do candidato cristão, este visto como uma ameaça à "concordia, paz e sossego." O poeta usa ironicamente a expressão "vomita sandices" para o candidato cristão. Há um jogo onde o

³⁸ Id. ib., p. 21-22.

³⁹ Id. ib., p. 27.

poeta/narrador pretende denunciar os defeitos do candidato cristão, associando-o a uma ave ruim. O Quero-quero se assemelha às gralhas (aves que falam mal). É constante a relação maniqueísta entre o bem e o mal, o bom e o ruim. O candidato judeu representa a figura do bem, da paz, assim como o candidato cristão, a figura do mal, da discórdia.

A representação do candidato judeu como um cisne, deve-se ao fato deste simbolizar elegância, poder, luz, coragem e prudência. Como afirma Vitor Magnein: "O cisne simboliza a força do poeta e da poesia, simbolizando também os estados superiores ou angélicos do ser em processo de libertação."⁴⁰ Para o poeta, que precisava de uma musa inspiradora, não poderia ter feito escolha melhor.

Segundo Hodgart, sátira é "el proceso de atacar mediante el ridículo dentro de *cualquier* medio de expresión, y no solamente en la literatura."⁴¹ Levando-se em consideração tais conceitos, o poema alegórico de Marcelino se caracteriza como um texto satírico: mistura prosa e verso, critica algumas pessoas, partido político.... Entretanto, há, no poema, um equilíbrio entre falar mal e falar bem. A medida que o poeta critica um, enaltece outro. Há uma relação constante entre o satirizado e o "enaltecido".

Apesar de maliciosa, a intenção do poeta é convencer o leitor/eleitor, apresentando os defeitos do candidato cristão versus as virtudes do candidato judeu. Há portanto, uma relação de castigo, ao mesmo tempo de correção, expressa pelo poema. Ao passo que expõe os defeitos de um, exalta as qualidades do outro. Como afirma Bergson: "o riso é, antes de tudo, um castigo feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vingá-se através do riso".⁴²

⁴⁰ CHEVALIER, e GHEERBRANT, op. cit., p. 257-259.

⁴¹ HODGART, Mathew. *La Satira*. Madrid: Ediciones Guadarrama - Biblioteca para el Hombre Actual, 1969. p. 07.

⁴² BERGSON, Henri. *O Riso*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 99-100.

A produção do riso, através da presença do grotesco e da idéia de superioridade é uma característica desse poema. Ao denunciar o candidato cristão, o narrador faz uso do grotesco, intensificando ainda mais seu desprezo pelo adversário:

**"Para o cisne disputar
Populares afeições
Chamam às reuniões
Negras aves de ultramar.
Vão ali fezes vazar."**⁴³

Há um jogo onde haverá um perdedor e um vencedor: a eleição. Assim, a comunidade ornitológica é exposta ao riso. A relação de superioridade é uma constante: aves superiores e inferiores. A idéia de superioridade busca o riso, pois quem ri sempre se considera superior em relação ao outro, objeto risível. Segundo Baudelaire, "o riso é a expressão da idéia de superioridade."⁴⁴

A relação forma-conteúdo aparece também na métrica. Quando o personagem principal é um cisne, a maioria dos versos possui sete sílabas. Segundo o Dicionário de Símbolos, "o sete é o número da perfeição, aquele que une simbolicamente o céu e a terra, o princípio feminino e o princípio masculino, as trevas e a luz. É o número de Apolo. Apolo nasceu no 7º dia do mês; viveu sobre seu signo."⁴⁵ Assim, mais do que criticar, o poeta/narrador pretendia cantar e pintar, mostrar algumas características que faziam de Jerônimo Francisco Coelho um homem ilustre, alguém que teria condições de acabar com a escravidão, com a desigualdade e manter a paz e harmonia na cidade de Desterro naquele ano.

⁴³ DUTRA, op. cit., *Argumento* p. 09.

⁴⁴ BAUDELAIRE, *Escritos sobre Arte*. Usp: Imaginário, 1991. p. 39.

⁴⁵ CHEVALIER, e GHEERBRANT, op. cit., p. 67.

Pode-se afirmar, portanto, que o poema não é puramente satírico. Apesar de apresentar alguns elementos satíricos, tais como: alegoria, grotesco, idéia de superioridade, entre outras; o poema é um canto, um elogio ao candidato "judeu": F. J. Coelho. Para finalizar este capítulo, transcreve-se a seguir uma afirmação do autor a respeito do assunto:

"É portanto descaridosa semelhante zombaria. Eu de minha parte a reprovo, pois que assim não é possível trazer-se o homem ao estado normal."⁴⁶

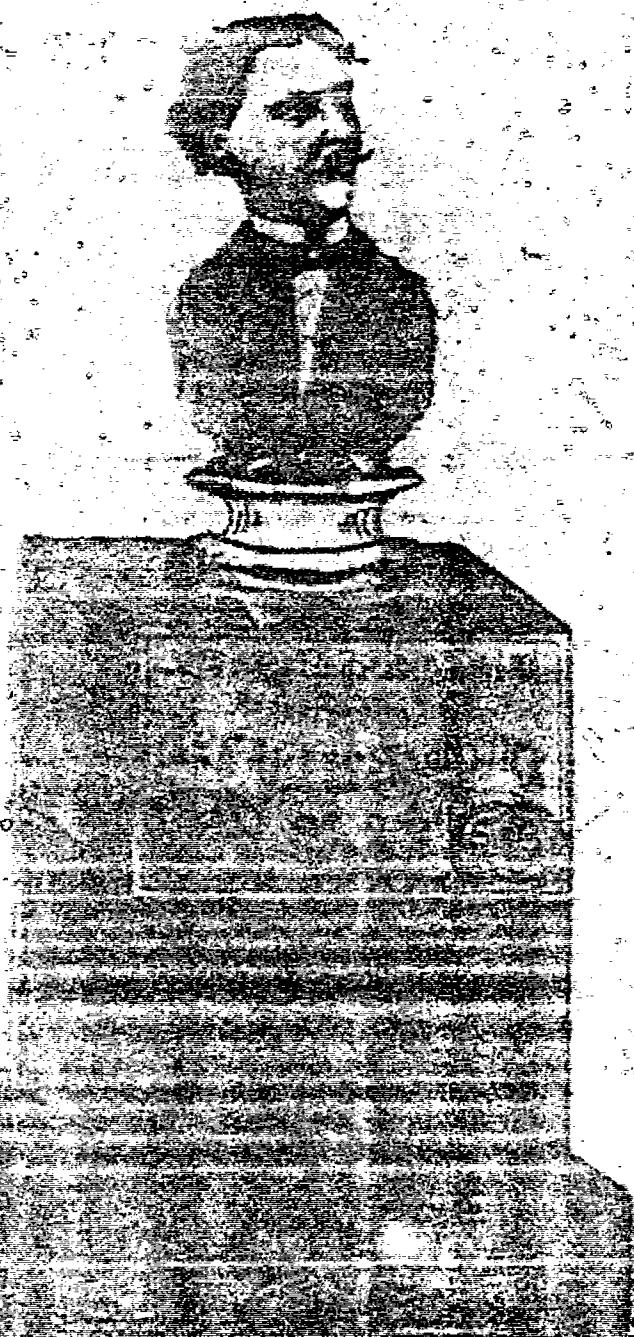
⁴⁶ Anexo.

CAPÍTULO 3



PRIMER DISTRITO

SEGUNDO DISTRITO



ACTUALIDAD DE

Selección Simbólica - Monumento Bhashaziro, instalado en homenaje
al grande Republicano, Liberal, Gobernador, A. P.

A PRESENÇA DE TAUNAY NA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA E O POEMA "POMADA TAUNAY".

(BOLETIM RETRATO)

Nasceu, a 22 de fevereiro de 1843 no Rio de Janeiro, Alfredo d'Escragnolle Taunay. Bacharel em Ciências e Letras, cursou também Ciências Físicas e Matemáticas. Militar, político renomado, literato, publicou, em 1871, *A Retirada da Laguna*, e *Inocência* (1872) sob o pseudônimo de Silvio Dinarte. Foi um personagem de grande importância e destaque para a cidade de Desterro, no século passado. Faleceu, a 05 de janeiro de 1900, no Rio de Janeiro.

Em 1876 Taunay foi nomeado Presidente da Província, cargo desempenhado até 1877. Apesar de não ser catarinense, exerceu o cargo com responsabilidade. Ao pisar na cidade, assustou-se ao deparar com a sujeira e com a despreocupação dos encarregados pela saúde pública: "Quando cheguei a esta capital, achei-a ainda a braços com a terrível epidemia de febre amarela, que tantos estragos lhe causara. De pronto tomei as medidas a meu alcance, cuidando logo da limpeza geral da cidade, que estava em péssimo estado, sendo uma das causas, senão produtoras, pelo menos auxiliares da conservação d'aquela flagelo no seio d'esta população."¹ Foi esse um passo importante para o desenvolvimento da cidade e, principalmente para a saúde do povo que vivia em péssimas condições de higiene.

No ano de 1881, houve uma grande mudança do sistema eleitoral, as eleições passaram a ser diretas e as províncias foram divididas em distritos eleitorais. Para o 1º Distrito-Legislatura de 1881-1884, concorriam Alfredo

¹ TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. *Relatório com que ao Exmo. Sr. Dr. Herminio Francisco do Espírito Santo 1º Vice-Presidente passou a administração da Província de Santa Catharina o Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay*. Em 2 de Janeiro de 1877. Cidade do Desterro: J. J. Lopes, 1877. p. 61.

d'Escragnolle Taunay, Luiz Betim Paes Leme, Sebastião Antônio Rodrigues Braga, Olímpio Adolfo Pitanga, Duarte Paranhos Schutel e João Silveira de Souza. Foi uma longa disputa. Taunay venceu com uma diferença mínima de votos.

Três anos depois, Taunay disputava uma reeleição para deputado geral, tendo como seu adversário, novamente, o médico Duarte Paranhos Schutel. Nesse ano, os liberais venceram. Em suas memórias, afirmou Taunay: "Em 1884, a 10 de dezembro, perdera, é verdade, a eleição, mas por vinte e um votos apenas, pois tivera o meu vencedor Dr. Duarte Paranhos Schutel 687 votos e eu 666."²

Durante esses pleitos eleitorais, Taunay foi alvo de elogios, críticas e difamações. Em 1881 de passagem por São Francisco, com destino à capital da Província, foi homenageado por parte dos conservadores, seus amigos, ao se hospedar na residência do Comendador Costa Pereira. Era um homem bem sucedido, tinha uma carreira militar exemplar, era um escritor e um político, além de ser um apreciador da dança e da música, fatores que o levaram, com certeza, a conquistar corações e despertar a inveja de seus adversários. Segundo o historiador Carlos da Costa Pereira, parente do comendador, "Era, pois, a ele que a poetisa Júlia da Costa evocava em seus versos *Harmonias do Crepúsculo*, não contendo a admiração que lhe deixara no espírito esse homem que tanto a encantara com a sua palavra fluente e política e com a sua virtuosidade..."³.

**"Ouvi-te tocar um dia
A casta Divina sonora
E na minh'alma a essa hora
Levantou-se uma harmonia;**

² TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960. p. 417.

³ PEREIRA, Carlos da Costa Pereira. *Traços da Vida da Poetisa Júlia da Costa*. Florianópolis: FCC, 1982. p. 53.

**No meu livro abandonado
Fui procurar esse hino
Que dedilhaste sorrindo
Aos ecos da ventania."**⁴

Continuando Carlos da Costa Pereira, seria também dedicado a ele o poema *Diante de uma paisagem* da mesma autora, da qual transcrevem-se duas estrofes:

**".....
Contemplei-o entre as palmas da vitória,
Entre os vivos de um povo hospitaleiro!
- Era ele, o poeta, o romancista,
Que pisava este solo brasileiro!**

**Era ele o orador tão festejado,
Da idade gentil da florescência
Em cujos olhos brilhava a luz do gênio
E nos lábios frementes a eloquência!"**⁵

Apesar de alguns elogios, as críticas foram ainda mais intensas. No século XIX, na antiga Desterro, Taunay foi uma das figuras que despertou muitas críticas: não era catarinense, possuía um nome francês, além de apresentar-se muito bem vestido:

**"Mas coisa de melhor gosto
Era ver nosso Torneira,
A dançar uma habaneira
No clube-doze de agosto!
Eu o vi, ninguém m'o disse -**

⁴ Id. ib., p. 50-51.

⁵ Id. ib., p. 52.

**Que requebros, que denguiçe!
Ainda me lembro agora,
De vê-lo todo ternura
Fazer, de mão na cintura,
O passo do *Manoel da Hora!*"⁶**

A briga entre *conservadores* e *liberais* não era recente, já vinha desde o confronto entre *cristãos* e *judeus*. Em relação a esta disputa, sem limites para alguns, afirma Taunay: "Quanta mesquinhez pratica a ira partidária e politqueira! É inacreditável como os ditames de partidarismo estreito e tolo sobrepujam as considerações de interesse geral!"⁷

O jornal era o veículo utilizado para divulgar interesses de terceiros. Nesse período, destaca-se o jornal *A Regeneração*, órgão do partido liberal. "Seria demasiado longo falar nas campanhas eleitorais empreendidas pelos jornais. Cada um, louvando, no estilo próprio da época, o seu candidato, ou, pelo contrário, tecendo comentários difamatórios, procedentes ou não, aos seus adversários."⁸ Como já se mencionou anteriormente, Taunay foi um dos mais satirizados e caricaturados. Os poemas não tinham autoria, às vezes, eram publicados sob pseudônimos, na sua maioria ofensivos, como pode-se observar nos versos abaixo:

**"Quem gostar de *amarelas*
E não foi eleito *macho*
Em dezembro venda o voto
Ao candidato Penacho.**

⁶ *A Regeneração*, 23/11/1884, p. 03.

⁷ TAUNAY, op. cit., *Memórias*, p. 418.

⁸ BOPRÉ, Maria Regina. *Regime Eleitoral e Realidade Político-Social no Império. O caso do Altiplano Catarinense nas Primeiras Eleições Diretas. (1881-1889)*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em História, UFSC, 1983. p. 143.

Traz a bolsa recheada
 Mais luzente que um facho;
 Compra votos, paga bem
 O candidato Penacho.

O Zé de Brito, o diabo
 O Ciceroni, o Baracho
 Sacam todos, só aceita
 O candidato Penacho.

De 81 os espertos
 D'esta vez enchem o *tacho*.
 Explorem, esfolem todos
 O candidato Penacho."⁹

E ainda:

A "Gazeta de notícias"
 Deu-nos uma de chorar,
 O grande emancipador,
 Gazeou, foi se deitar

Não querendo ficar mal
 Com a idéia, ou sua gente
 Constipou, veio a bronquite,
 Preferiu ficar doente.

Que penacho espertalhão
 Que deputado de truz
 Dedicou o Rei Paulino
 Como se fora um lapuz

A idéia abolicionista
 Voltou as costas, fugiu!
 Disse àqueles, não sou bobo
 Disse à este, quem te viu.

⁹ A *Regeneração*, 14/11/1884, p. 02.

**Até logo, boa noite
Vou pr'a casa, voltarei
O voto não dou não quero
Mais tarde, sim, voltarei."**¹⁰

Os poemas e as caricaturas contribuíram para que Taunay perdesse as eleições de 1884, entretanto, tal fato não o fez desistir, nem tão pouco responder a seus adversários com os mesmos instrumentos utilizados por eles. Em suas *Memórias* lê-se apenas a seguinte afirmação em relação a este fato: "Quantos incidentes engraçados, jocosos, cômicos!"¹¹

No dia 15 de outubro de 1884, no jornal *A Regeneração*, foram publicados dois cantos de um poema intitulado *Tauneyda - Circular Retrato*. No mesmo mês e ano, no dia 18, foram publicadas dez estrofes do mesmo poema agora, sob o título de *Pomada Taunay* (Boletim Retrato). Era mais uma, dentre outras manifestações satíricas direcionadas ao candidato a uma vaga para deputado pelo partido conservador: Alfredo d'Escagnolle Taunay.

Há algumas dúvidas em relação à autoria do mesmo. Alguns afirmam pertencer a João Silveira de Souza (adversário de Taunay na eleição de 1881), outros, a Duarte Paranhos Schutel (adversário do mesmo nas eleições de 1881 e 1884). Segundo o professor Iaponan Soares, "em 1868 com a derrota sofrida no Parlamento, os liberais trataram de fortalecer suas idéias e combater os adversários".¹² Duarte Paranhos Schutel foi proprietário e diretor do jornal *A Regeneração*, fato este que confirma a suspeita de Iaponan de que seria ele o autor do poema, todavia, não se pode deixar de considerar a hipótese de Cabral que vê, em João Silveira de Souza, o autor do mesmo.¹³

¹⁰ *A Regeneração*, 25/07/1884, p. 02-03.

¹¹ TAUNAY, op. cit., *Memórias*, p. 417.

¹² SCHUTEL, Duarte Paranhos. *A Massambu*. Florianópolis: UFSC/Movimento/INL, 1988. p. 23.

¹³ Iaponan Soares mantém a forma *Touneydas*. Oswaldo Cabral usa *TAUNAYDES*.

Há pontos obscuros em relação ao número de cantos e ao título do poema, ora *Tounayda*, ora *Pomada Taunay*, ora *As Taunaydas*. Iaponan Soares afirma serem dez cantos,¹⁴ contudo, Sara Regina Silveira de Souza¹⁵ apresenta apenas oito cantos. Foram encontrados apenas dez estrofes que acredita-se, façam parte do canto I. Logo, deteve-se apenas no material encontrado nos jornais, pois não se teve acesso ao texto original.

É um poema de dez estrofes compostas de dez versos cada uma, totalizando cem versos de sete sílabas, em redondilha maior e rima abbaccdeed:

- | | |
|---|---|
| 1. "Sem ¹ / es ² / ta ³ / fla ⁴ / man ⁵ / te ⁶ / pe ⁷ / ça | a |
| 2. Qu'os ¹ / nos ² / sos ³ / ci ⁴ / da ⁵ / dão ⁶ / zi ⁷ / nhos | b |
| 3. Can ¹ / ta ² / rão ³ / em ⁴ / tão ⁵ / bons ⁶ / ver ⁷ / si ⁸ / nhos | b |
| 4. Nos ¹ / mu ² / ros ³ / do ⁴ / Ga ⁵ / ma ⁶ / d'E ⁷ / ça! | a |
| 5. Que ¹ / ri ² / di ³ / cu ⁴ / la ⁵ / fi ⁶ / gu ⁷ / ra! | c |
| 6. Que ¹ / tos ² / ca ³ / ca ⁴ / ri ⁵ / ca ⁶ / tu ⁷ / ra! | c |
| 7. Que ¹ / de ² / sa ³ / sa ⁴ / do ⁵ / pin ⁶ / tor ⁷ / , | d |
| 8. Tão ¹ / pe ² / co ³ / tão ⁴ / bes ⁵ / ta ⁶ / lhão ⁷ / | e |
| 9. Qu'a ¹ / té ² / nem ³ / lhe ⁴ / pôs ⁵ / na ⁶ / mão ⁷ / | e |
| 10. À ¹ / bro ² / cha ³ / d'um ⁴ / cai ⁵ / a ⁶ / dor ⁷ / !". ¹⁶ | d |

Sendo um poema eleitoral, o autor tem o objetivo principal de denegrir a imagem de seu adversário, pois a derrota do mesmo, implicaria na sua vitória ou, na vitória de seu candidato. Há um objeto satirizado: Taunay, o que implica numa relação de superioridade e inferioridade. Há uma relação entre autor, que possui uma "idéia de superioridade"¹⁷ e o satirizado,

¹⁴ Id. ib., p. 24.

No jornal *A Regeneração*, 15/10/1884, após o título do poema está escrito: *Poema em dez cantos* (ver em anexo).

¹⁵ CABRAL, Oswaldo Rodrigues e SOUZA, Sara Regina Silveira de. *As Taunaydes* - Um Poemeto Plítico co Conselheiro do Império João Silveira de Souza. São Paulo: J. Scortecci, 1991.

¹⁶ *A Regeneração*, 18/10/1884, p. 02.

¹⁷ BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre Arte*. São Paulo: Edusp/Imaginário, 1991. p. 32.

considerado pelo autor, inferior, "uma ridícula figura!/ uma tosca caricatura/um desasado pintor". Ao contrário do que acontece em *Assembléia das Aves*, em *Pomada Taunay* só são apontados defeitos e/ou virtudes distorcidas do candidato conservador. Este é um "peco", um "bestalhão", um "taful".

Todos os fatos relacionados à pessoa e ao homem público Taunay, são motivos de riso: o nome francês, a maneira como se apresentava: "Que bigode retorcido/ Que figurão de marmota!/ parece um cabeleireiro/ D'anúncios d'água de cheiro/ D'óleos Ducoux, ou Barry!".

Taunay era possuidor de muitas virtudes, que despertavam em seus concorrentes, dentro e fora da política, muita inveja, além de não se deixar abater pelas críticas e difamações, continuava seu caminho sem responder, em nenhum momento, com a mesma perversidade. O poema é uma sátira ferrenha, com críticas constantes. Em cem versos o autor delineia a pessoa de Taunay.

O "caiador", o "Presidente limpeza" é visto como um homem comum, até certo ponto menosprezado pelo autor que desconsidera totalmente as virtudes do mesmo. Nas duas últimas estrofes, o poeta alude à Presidência de Taunay em 1876. Ao governar por um ano (1876-1877) e deparar-se com a presença da epidemia de febre amarela, Taunay mandou limpar as valas e pintar as casas e edifícios: "as valas foram limpas, as casas e edifícios foram caiados. Com a entrada do inverno a febre amarela desapareceu totalmente."¹⁸

O autor fez uso de certos recursos para intensificar ainda mais sua sátira: uso de maiúsculas, itálico, grande número de adjetivos e substantivos, repetição e a pontuação. O uso de letras maiúsculas no meio dos versos, assim como o do itálico ressaltava palavras e expressões que caracterizam

¹⁸ TAUNAY, op. cit., *Relatório...*, p. 62.

Taunay, tais como, "cidadãozinho", "penacho", "Gênio", "Escraméla" "Tonéis", "Presidente limpeza" entre outras. Numa tentativa de caracterizar o satirizado, predominam adjetivos e substantivos aos verbos. Há versos com predominância dos nomes, sem verbos. A repetição se dá na construção de alguns versos que seguem a estrutura: Que + adj. + subst... Há uma relação entre forma e conteúdo no que se refere à pontuação do texto. O uso de vírgulas e pontos de exclamação nos leva a crer que há um sentimento de constante admiração e espanto!

Através da indiscrição e da malícia, o autor denigre, difama, ridiculariza a imagem de seu adversário, fazendo uso da ironia, que aparece através do jogo de palavras: "Qu'importante novidade/ Que risível baboseira" - "E não pode ser eleito/um candidato tão chique".

Em 1991, pela João Scortecci Editora de São Paulo, Sara Regina Silveira de Souza organizou o livro *Taunaydes um poemeto político do conselheiro do Império João Silveira de Souza*. Há, em relação ao texto transcrito por Sara Regina Silveira de Souza e o transcrito do jornal, algumas diferenças consideráveis. Não se pretende questionar, nem tão pouco desvalorizar o trabalho desenvolvido pela autora, pois o mesmo é fruto do trabalho de um pesquisador de extrema importância para a História de Santa Catarina: Oswaldo Cabral. Entretanto, faz-se necessário fazer tal paralelo. Na publicação de S.R.S. Souza a pontuação está totalmente diferente, assim como o uso de maiúsculas e do itálico. Alguns vocábulos também não coincidem, tais como bestalhão/bestachão, catador/caiador.

Já se tinha encontrado e transcrito todo o poema nos jornais, quando se soube da publicação de Sara Regina Silveira de Souza. Por essa razão, resolveu-se apresentar a comparação a seguir.

POMADA TAUNAY¹⁹**1º Canto****I**

Qu'importante novidade!
 Que risível baboseira
 Acaba o Major Torneira
 D'espalhar n'esta cidade!
 Boletim que traz no meio
 Um calunga muito feio
 C'o seu nome escrito em baixo,
 E que fora mais perfeito
 Se não tivesse o defeito
 De vir sem o seu *penacho*!

II

Sem esta flamante peça
 Qu'os nossos *cidadãozinhos*
 Cantarão em tão bons versinhos
 Nos muros do Gama d'Eça!
 Que ridícula figura!
 Que tosca caricatura!
 Que desasado pintor,
 Tão peco, tão bestalhão
 Qu'até nem lhe pôs na mão
 A brocha d'um caiador!

TAUNAYDES²⁰**1º Canto**

Qu'importante novidade
 Que risível babuseira:
 Acaba o Major Torneira
 D'espalhar n'esta Cidade.
 Boletim que traz no meio
 um calunga muito feio,
 com seu nome escrito em baixo,
 e que fora mais perfeito,
 se não tivesse o defeito
 de vir sem o seu *penacho*.

Sem esta flamante peça,
 qu'os nossos cidadãozinhos
 cantavam em tão bons versinhos,
 nos muros do Gama d'Eça.
 Que ridícula figura,
 que tosca caricatura
 que desasado pintor...
 Tão freco, tão bestachão,
 que até não lhe pos na mão
 a brocha d'um caiador.

¹⁹ *A Regeneração*, 18/10/1884.

²⁰ CABRAL, Oswaldo Rodrigues e SOUZA, Sara Regina Silveira de (org.). *As Taunaydes - Um Poemeto Plítico co Conselheiro do Império João Silveira de Souza*. São Paulo: J. Scortecci, 1991.

III

Ele que tanto alvejou
 Nossas frentes e traseiras
 Vir com tintas tão trigueiras
 N'esse papel qu'espalhou!
 Com cara tão carregada,
 De tantos riscos lanhada,
 Como o vejo em tal retrato,
 Um taful de cor tão fina
 Me parece um preto Mina
 Pintado a pós de sapato!

Ele que tanto alvejou
 nossas frentes e trazeiras,
 vir com tintas tão trigueiras,
 nesse papel qu'espalhou.
 Com cara tão carregada,
 de tantos riscos lanhada,
 como o vejo em tal retrato;
 Um taful de cor tão fina,
 me parece um preto Mina
 pintado a pós de sapato.

IV

Que gravata de fiota!
 Que pescoço tão comprido!
 Que bigode retorcido!
 Que figurão de marmota!
 Quem ver um retrato assim,
 Tão grosseiro, tão chinfrim,
 E tão sem gosto, e sem arte,
 Há de supor com razão,
 Ser apenas um borrão
 De qualquer Silvio Dinarte!

Que gravata de fiota,
 que pescoço tão comprido.
 Que bigode retorcido.
 Que figurão de marmota...
 Quem ver um retrato assim,
 tão grosseiro, tão chinfrim,
 e tão sem gosto e sem arte,
 há se supor com razão,
 ser apenas um borrão
 de qualquer Sylvio Dinarte

V

Como tão fofa gaforina
 De rego! (falando mal) ...
 Faz ele figura igual
 Às dos cartazes d'esquina!
 Parece um cabeleireiro
 D'anúncios d'água de cheiro
 D'óleos *Ducoux*, ou *Barry*!
 E se a mente não me engana,
 Na folhinha americana
 Esta careta eu já vi!

Com tão fofa gaforina
 de rego (falando mal)
 faz ele figura igual
 às dos cartazes d'esquina.
 Parece um cabeleireiro
 d'anúncios d'água de cheiro,
 d'óleos *Ducoux* ou *Barry*;
 e se a mente não me engana,
 na folhinha americana,
 esta careta eu já vi.

VI

Quem seria o Gênio mau
 Qu'a tão gentil maganão
 Quis pregar tal mangação
 Na colônia Blumenau
 Não lhe bastava o cameu
 Co'as zangas que lhe meteu
 Nos seus estultos papéis,
 Em qu'o nome lh'estrompava
 E tanta vez o tratava
 Por *d'Escramélla Tonéis!*

Quem seria o gênio mau
 qu'a tão gentil maganão
 quis pregar tal mangação
 na Colônia de Blumenau?
 Não lhe bastava o Cameu
 co'as zangas que lhe meteu
 nos seus estultos papéis
 em que o nome lhe estrompava
 e tantas vezes lhe tratava
 por d'Escramella Tonéis.

VII

Retrato assim só se faz
 Em um distrito beócio!
 Um todo de capadócio
 Em tão conspícuo rapaz!
 Pois declaro em alto som,
 Que nada disso acho bom,,
 Que não posso achar bonito,
 Nem vejo sem grande pena,
 O nosso major em cena
 P'ra servir-nos de palito!

Retrato assim só se faz
 em um distrito beócio.
 Um todo de capadócio
 em tão conspícuo rapaz.
 Pois declaro em alto som,
 que nada disso acho bom.
 Que não posso achar bonito,
 nem vejo sem grande pena,
 o nosso major em cena
 pra servir-nos de palito...

VIII

Noto mais uma lacuna
 N'esta pintura inexata
 Do Xenofonte charlata
 Da *Retraite da Laguna!*
 Dos seus louros conquistados
 Entre os pastéis afamados
 Do *Outeiro dos Castelões*
 Nada aí se nos atesta
 Vê-se-lhe apenas na testa
 A marca dos *papelões!*

Noto mais uma lacuna
 nesta pintura inexata
 do Xenofonte charlata
 da *Retraite de Laguna.*
 Dos seus louros conquistados,
 entre os pastéis afamados,
 do Outeiro do Castelões
 Nada ahi se nos atesta...
 Vê-se-lhe apenas, na testa,
 a marca dos papelões.

IX

Este famoso acrobata
 Que nos seus saltos mortais,
 Veio cair de Goiás
 Na nossa terra pacata,
 Saiba agora todo mundo,
 Saibam Dom Pedro Segundo
 E sua Imperial Alteza,
 É o nosso Major Doutor
 Dom Alfredo - o *catador*
 O Presidente-*Limpeza*!

X

E não pode ser eleito
 Um candidato tão chique,
 Que posto à parte o debique,
 Assim nos encheu o peito!
 Se lhe fizerem trapaça
 Nas urnas, oh! que desgraça!
 No Parlamento quem há de
 Discutir as coisas sérias
 E umas *certas matérias*
 Da sua *especialidade*?

Este famoso acrobata,
 que nos seus saltos mortais,
 veio cair de Goiás
 na nossa terra pacata.
 Saiba agora todo o mundo,
 saiba Dom Pedro Segundo
 e sua Imperial Alteza:
 É o nosso Major Doutor,
 Dom Alfredo — o Caiador,
 o Presidente Limpeza.

E não pode ser eleito
 um candidato tão chique,
 que, posto à parte o debique,
 assim nos encheu o peito.
 Se lhe fizerem trapaça
 nas urnas, oh que desgraça:
 No Parlamento quem há de
 discutir as coisas sérias,
 e umas certas matérias
 da sua especialidade?

No jornal *A Regeneração*, de 16 de dezembro de 1885, lê-se o poema *Ao Bacalhau*, direcionado a Alfredo d'Escagnolle Taunay, o "Presidente baboseira". Este poema, reafirma a idéia de que seria João Silveira de Souza, o autor de *Pomada Taunay*. Nos versos, o poeta declara: "Volto à Bahia, ao quiabo / ... Regresso à *velha mulata* / De pazes com o *bacalhau*." João Silveira de Souza foi Presidente da Província da Bahia. Nomeado em 1867, renunciou ao cargo. Transcreve-se, a seguir, o poema:

Ao Bacalhau

I

Qu'importante raridade!
 A terra do vatapá
 Exportou d'ali, p'ra cá,
 Com ares de sumidade,
 Presidente *baboseira*
 Que timbra em fazer asneira,
 E sem pescar patavina
 Do que tem a resolver,
 Vai sempre errando a valer
 Por força de sua sina.

II

Com foguetes festejada.
A raridade d'além
Que o Cotegipe, por bem,
Nos mandou consignada;
Os seus, com braços abertos
Receberam, pouco espertos,
O homem que a derrubada
Vinha fazer de repente;
Mais ele achou mais prudente
Fazer cousa demorada

III

Queriam todos fatia
Do pão-de-ló - orçamento,
Mas, repartir a contento
Nhô-nhô Rocha não podia;
D'aí alguns arrufados,
E outros desconfiados
Da nova situação!
Até o próprio Moreira
Declarar ao Oliveira,
Que não quadrava o *Patrão*.

IV

Por isso, desgosto imenso
Lavrou logo no partido,
Que em vez de ficar unido
Não lhe queimou mais incenso;
E por caipora, a eleição
Deu motivo à oposição
Movida por sua *gente*!
Nunca vi pobre coitado
Mais infeliz, amolado
Que o *bacalhau*, o *presidente*!

V

Maldita candidatura,
Que desgraçada encomenda,
Pois devo à essa *prebenda*
Fazer tão *guapa* figura;
Vivo a forjar diretórios,
Que aceitem meus palanfrórios;
E por fim, talvez a bomba
Venha estourar de repente,
Caindo no chão, a *gente*
Do candidato de *arromba*!

VI

Ao meu compadre Barão
Devo só o sacrifício
Que em troca de *benefício*
Eu sofro da oposição!
Meu Pinto Lima, engeitado,
Não serás o deputado
Pois assim diz-me o *Diabo*!
Ver isto, não, sem demora
Bato a bota, vou-me embora,
Volto à Bahia, ao *quiabo*

VII

Deixo *carros e carretas*
Deixo a poltrona querida,
O sonho da minha vida,
Os meus ofícios e tretas!...
Saia o *Pomada*, o *Teffé*
Elejam mesmo algum Zé,
Não me importa, não sou mau,
Deixando esta terra ingrata,
Regresso à *velha mulata*
De pazes com o *bacalháu*.

Através do que foi exposto, percebe-se que Taunay foi um político muito visado por seus adversários. Apesar do grande número de poemas que o caricaturavam e o difamavam, Taunay foi um homem notável, tanto nas artes como na política. Os poemas são uma prova de sua importância e a prova de que despertou a inveja de uma grande parte dos "notáveis" da cidade.

CAPÍTULO 4

MANOEL JANUÁRIO BEZERRA MONTENEGRO: UM JUIZ SATIRIZADO

Pouco se encontra a respeito de Manoel Januário Bezerra Montenegro. Sabe-se que nasceu em Maceió, Alagoas. Bacharelou-se em Direito pela Universidade de Recife, tendo freqüentado também a Universidade de São Paulo. Seguiu a carreira da Magistratura. Pai de Felisberto Elísio Bezerra Montenegro.¹ Exerceu cargo de juiz na comarca de São Miguel, Santa Catarina, até 1890, quando foi removido para a comarca de Ipu, no Ceará.²

Durante o exercício do Dr. Montenegro na referida comarca, eram intensas as brigas entre liberais e conservadores. Segundo Iaponan Soares, "os liberais atribuíam a derrota sofrida no pleito provincial de 1885, a Manoel Januário Bezerra Montenegro. (...) A rixa dos liberais foi mais profunda, a ponto de mais tarde fazer retornar para São Miguel a sede do município, só para dificultar a vida do referido juiz em face da insalubridade local."³

Nos jornais *A Regeneração* e *O Conservador*, o juiz foi alvo de muitas críticas provindas de membros do partido liberal. Segundo denúncias nesse periódico, o juiz morava fora da cidade, vivendo muito mais na capital do estado, Desterro, do que em São Miguel. No jornal *O Moleque*, lê-se o seguinte comentário a respeito das críticas ao juiz: "Estes dois jornais,

¹ Desembargador do Tribunal da Justiça de Santa Catarina em 03/01/1898 e Presidente do Tribunal no período de 04/01/1910 à 11/02/1910.

² SOARES, Iaponan. *História do Município de Biguaçu*. Associação de Amigos do Arquivo Público, 1988. p. 54.

³ SCHUTEL, Duarte Paranhos. *A Massambu*. Florianópolis: UFSC/Movimento/INL, 1983. p. 24.

Despertador e *A Regeneração*, continuam a despejar cobras e lagartos sobre o dr. Montenegro."⁴

Em relação à ausência do juiz em São Miguel, lê-se a seguinte publicação no jornal:

"Seção Geral - informa que o Dr. Montenegro, juiz de direito de São Miguel, pelo fato de retirar-se de sua comarca aos domingos sem licença, foi multado pelo Exmo. Sr. Presidente da Relação do Distrito na quantia de 125\$000."⁵

A ira partidária dos liberais contra o juiz serviu de motivo para a publicação de um poema satírico em dezessete cantos intitulado *Montenegreida*, no jornal *A Regeneração*, no período compreendido entre 25 de dezembro de 1884 à 17 de fevereiro de 1885. Devido ao estado precário dos jornais, alguns totalmente mutilados, não foram encontrados os cantos III e IV, publicados, possivelmente, nos números 1 e 2 de 1885. Como não houve falta de jornais entre o dia 04, de fevereiro (onde foi publicado o canto XII) e o dia 06 de fevereiro do mesmo ano (data de publicação do canto XV), acredita-se na inexistência do canto XIV.⁶

O texto é satírico, pois há um objeto ridicularizado, o juiz. O autor agride e critica ferozmente o juiz, que é objeto de riso. *Montenegreida* caracteriza-se como uma sátira política onde são apontados os defeitos e distorcidas as qualidades do mesmo. Há, no poema, um objetivo principal: denegrir a imagem do juiz para conseguir destituí-lo do cargo.

Segundo Iaponan Soares,⁷ a autoria do poema deve-se a um juiz da época, entretanto, nos primeiros versos do canto I, o autor afirma:

⁴ *O Moleque*, 01/01/1885.

⁵ *A Regeneração*, - 22/02/1885.

⁶ Ver documento em anexo.

⁷ Informação obtida em conversa informal com a Profª. Zahidé Lupinacci Muzart, orientadora do trabalho.

**"Se em jurídico exercício
podes tu bem regras dar,
Também eu posso falar,
Seja, embora, d'outro ofício."⁸**

Nos últimos números do jornal *A Regeneração* de 1885, encontra-se o seguinte comentário direcionado ao juiz:

"O homem do monte-negro, que não sabemos a que política pertence, se foi liberal ou é conservador, pode fazer das suas.... porque ao Zé-ca-rocha, pouco importa."⁹

Iaponan Soares¹⁰ afirma que "os liberais guardavam ressentimentos profundos creditados ao juiz de Direito da comarca de São Miguel, que impedira Eliseu Guilherme da Silva de cabalar votos às vésperas do pleito, sob a alegação de prática de atos ilegais." Apesar de não se conhecer Eliseu Guilherme da Silva como poeta e/ou escritor, há fortes indícios que nos levam a reconhecer nele, um possível autor do poema, pois ele era farmacêutico e o maior interessado em destituir o juiz do cargo:

**"Sou filho da morte,
Sou bravo, sou forte,
Qual anjo da morte
Que tudo destrói!
Sou d'aço epiderme! ...
Não temo um Guilherme!
Em mim tenho um verme!
Qu'a todos destrói."¹¹**

⁸ *A Regeneração*, 25/12/1884.

⁹ *A Regeneração*, 18/12/1885.

¹⁰ SOARES, op. cit., p. 53-54.

¹¹ Canto VII.

O jornal de publicação do poema era liberal, tendo como diretores Duarte Paranhos Schutel e Luis Augusto Crespo, ambos escritores, mas, sem motivos para fazer uma crítica tão audaciosa. Apesar de não se ter plena certeza, a suspeita recai sobre o farmacêutico pois os comentários encontrados no jornal, a respeito do juiz, estavam acompanhados de publicações sobre o mesmo, assinadas por Eliseu.

O título do poema refere-se ao nome próprio do satirizado, com o acréscimo do sufixo "eida", texto comum na época, nos grandes centros literários: Montenegre + eida = Montenegreida. Tais poemas, em forma de poema épico, criavam um anti-herói, que era ridicularizado.

O texto é composto de quatorze cantos de irregular número de estrofes, versos, rima e métrica. Há versos de sete sílabas (redondilha maior), alguns de cinco sílabas (redondilha menor) e alguns versos decassílabos:

- | | |
|--|---|
| 1. "Se em ¹ /ju ² /rí ³ /dĩ ⁴ /cõ ⁵ e /xer ⁶ /cí ⁷ /cio | a |
| 2. Po /des /tu /bem /re /gras /dar, / | b |
| 3. Tam /bém /eu /pos /so /fa /lar, / | b |
| 4. Se /ja em /bo /ra /d'ou /tro o /fi /cio. | a |
| 5. Co /mo é /que /não /vês /teu /ví /cio, | a |
| 6. Quan /do a /vir /tu /de é /so /va /da | c |
| 7. Por /tu /a /lín /gua /da /na /da, !... | c |
| 8. Não /vês /tua in /fã /mã, /tar /tu /fo? | d |
| 9. Co /mo /da /fã /bu /la o /bu /fo. | d |
| 10. Has /de /le /var /as /so /a /da!" ¹² | c |
| | |
| 11. "-To /ga /dos /ou /vi- /me! | a |
| 12. Do /mun /do /par /ti- /me; | a |
| 13. Nõ In /fer /no /su /mi- /me; | a |
| 14. A /go /ra a /qui' s /tou! / | b |
| 15. O /nos /so /cõ /le /ga | c |
| 16. Plu /tão /, d'i /ra /ce /ga, | c |
| 17. Me /dan /do u /ma es /fre /ga, | c |
| 18. As /sim /me /dei /xou!" ¹³ | b |

¹² Canto I.

Os versos em redondilha menor correspondem, em geral, à fala do satirizado que assume, ao longo do poema, várias formas, a de um índio, a de um diabo e a do próprio juiz. Os versos em redondilha maior e decassílabos, correspondem, geralmente, à fala do narrador. Este cede a fala ao juiz que de vez em quando aparece para pregar um sermão, lamentar-se ou contar a sua história. A rima varia, dependendo do número de versos das estrofes, algumas seguem o esquema abbaaccddc/aaabcccb.

Relacionado à essa estrutura formal, há um mote, sempre respondido. Em alguns cantos o texto está escrito em forma de "vilancete". Segundo Massaud Moisés, "o vilancete compunha-se de uma estrofe (chamada mote ou cabeça), que funcionava como a matriz do poema, seguida de um número variável de estrofes (chamadas voltas ou pés ou glosas) em que se desenvolve a idéia inserida no mote."¹⁴

No canto IX e XI, num diálogo entre dois diabinhos, aparece o mote: "Porque faca sempre e queijo/O juiz conserva na mão." O juiz é comparado a um rato. A faca e o queijo correspondem ao poder do juiz, ou seja, ao fato de ser um magistrado e ter a "faca" e o "queijo", ter de tudo:

**"Sou juiz, como Pilatos!
Podendo escrivães ser ratos,
Bem posso gatuno ser!...
A lei é só meu desejo;
Faca tenho: corto o queijo,
Que vou sozinho roer!"¹⁵**

¹³ Canto VII.

¹⁴ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 514.

¹⁵ Canto XI.

No canto II, o texto assemelha-se, em relação à rima e métrica, ao poema I JUCA PIRAMA de Gonçalves Dias. O autor repete alguns versos do poema gonçalvino, com algumas modificações quanto ao léxico:

**"Eu sou descendente
 Dos índios do norte;
 Eu sou muito forte!
 Nenhum como eu!
 Em pétalas secas
 Botões de donzelas
 Converto em mazelas
 Nenhum me venceu!

 Qual índio do norte;
 Sou bravo , sou forte;
 Sou novo Lusbel!..."¹⁶**

No canto X, o autor usa como epígrafe, o verso "Banguê, que será de ti?" de Gregório de Matos¹⁷, que fecha todas as estrofes desse canto. Nesse momento, a narração está sendo feita pelo juiz, que lamenta sua condição de um "magistrado", "ladrão", "velhaco", "assassino". O poema traz um diálogo entre a alma que repete: "Meu Deus, que será de mim?" e o demônio, "Banguê, que será de ti?"

**"Sou perverso magistrado,
 Ladrão, velhaco, assassino;
 Negro futuro toldado
 Forjando vai-me o destino:
 E, se continua o fado
 Minh'alma a tratar assim,
 "Banguê! que será de mim?"**

¹⁶ "Da tribo pujante,/Que agora anda errante/Por fado inconstante,/Guerreiros,nasci:/ Sou bravo, sou forte,/Sou filho do Norte;/Meu canto de morte,/Guerreiros, ouvi." DIAS, Gonçalves. *Poemas*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d. p. 120.

¹⁷ MATOS, Gregório de. *Obra Poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 73-75.

Percebe-se, portanto, nesses cantos, a intertextualidade com os textos de Gonçalves Dias, poeta romântico e com o texto de Gregório de Matos, o "Boca do Inferno", nosso maior satírico. O poeta, ao passo que parodia o poema gonçalvino, homenageia o grande satírico baiano.

Há, no poema, uma crítica severíssima e atual em relação à nossa sociedade. O autor retrata a época e as convenções que a sociedade enxergava em si mesma, mostrando o abuso do poder ou seja, o uso do cargo para aquisição de bens, com a certeza da impunidade. O satirizado possui uma "beca", tem curso superior e é juiz:

**"-Sou juiz, tudo posso, de certo,
Que sou diabo, cabeça de diabos;
De ladrões e velhacos sou chefe,
Sou primeiro entre os hórridos cabos.**

.....
**Se por becas as leis foram feitas,
O que pode temer um juiz?"¹⁸**

A caracterização do juiz se dá através de alguns recursos tais como: uso de palavras no sentido depreciativo, repetição e ambigüidade. Tais recursos, paralelos ao uso de seres mitológicos buscam, do leitor, um "riso de zombaria".¹⁹ Através da representação feita, o autor zomba do juiz, rebaixa-o e desmoraliza-o. Montenegro é ridicularizado em uma de suas características mais marcantes: sua profissão. Segundo Propp, "a atividade é representada apenas do ponto de vista de suas manifestações exteriores privando-se de sentido com isso o seu conteúdo." "A partir disso ele causa pena e ao mesmo tempo é ridículo."²⁰

¹⁸ Canto VIII.

¹⁹ PROPP, Vladimir. *Comacidade e Riso*. São Paulo: Ática, 19382. p. 28.

²⁰ Id. ib., p. 79.

O juiz é alguém que tem uma "língua danada", um "tartufo", um "perro", comparado a personagens históricos: Joaquim Silvério dos Reis e Judas Iscariote. O autor, vítima da "língua" do juiz, se coloca na posição de Tiradentes e Jesus Cristo, que foram traídos pelos respectivos personagens. Maneca Jano, Maneca Januário, assim é tratado o juiz. Na tentativa de convencer o leitor da gravidade dos defeitos do juiz, o autor fez uso desses dois nomes como símbolos de traição.

Há um constante jogo entre o bem e o mal. O juiz é visto como a própria figura do mal, feito pelo diabo e negado pelo mesmo, ou seja, pior do que o próprio diabo:

**"Brada Satã enojado:
Este de misérias monte,
Que tomava o seu simonte,
Era de gosto apurado:
Cevava o peito danado
Na honra do cidadão
Fiel, espírito são;
Entretanto é tão nojento,
Que nem serve p'ra sustento
Ao povo do rei Plutão!..."²¹**

Essa relação se acentua nas figuras de Lusbel e Miguel, o primeiro, um demônio, Lúcifer; o segundo, o mais nobre dos anjos. Miguel representa a comarca de S. Miguel, vítima do mal e ameaçada pelo juiz. Nesse momento percebe-se a relação superioridade versus inferioridade:

**"Um verdadeiro demônio
Deve ser como Lusbel:
Guerra declara a Miguel,
Mas não lhe faz oração!..."²²**

²¹ Canto IV.

²² Canto IX.

O juiz é rebaixado, comparado a um animal. Através do jogo entre as palavras bezerro-animal e Bezerra-nome próprio, o poeta procura despertar o riso, ou seja; zombar do juiz. O animal por si só não é risível. O que o torna ridículo é a proximidade com o ser humano pois o riso é "propriamente humano".²³ Este fato torna-se risível à medida em que se relaciona o juiz Bezerra ao animal bezerro. O riso, como produto do homem, é instrumento de alegria, prazer, gozação.... O satírico busca o riso de zombaria.

O jogo de palavras²⁴ aparece também no desmembramento do sobrenome do juiz: monte negro. Transparece nesse momento, um forte preconceito racial. O juiz possuía traços da raça negra como o cabelo e a tonalidade da pele: "morena tez"/Não fora muito melhor/De Monteclaro o cognome?"

**"Não fora muito melhor
De Monteclaro o cognome?
Resigne o triste renome
D'aquele infame e traidor,
Qu'espalhara o susto, a dor,
Por toda a população."**²⁵

Uma outra característica marcante no texto é a ambigüidade. O juiz é um diabo que comunga, que não tem medo de igreja...

**"Um diabo comungando!..(oh! maravilha!)
Maravilha fatal da nossa idade!
Uma toga mudando-se em mantilha,
Um demônio beijando a cruz d'um frade!...
Um cingulo mudado n'um cilha?"**²⁶

²³ BERGSON, op. cit., p. 12.

Segundo Bergson. "não há comicidade fora do que é propriamente humano."

²⁴ PROPP, op. cit., p. 120-121.

Segundo Propp, há vários conceitos para "calembour", alguns não aceitos. Entretanto, Propp o define como "um jogo de palavras, ocorre quando um interlocutor compreende a palavra em seu sentido amplo e geral e o outro substitui esse significado por aquele mais restrito e literal."

²⁵ Canto I

São sempre as mesmas idéias que repetem sempre os mesmos motivos: da bezerra, do trifuco, do cão(cérbero), de lusbel, havendo o predomínio do mal sobre o bem.

O juiz é, aparentemente, castigado, pois foi Lusbel quem o mandou para Desterro, além de ter sido abandonado por outros diabos e recusado por Plutão, a viver em seu meio: "A quem Lusbel mandou p'ra Ilha dos Patos."

No canto XII, o narrador aparentemente muda de história para contar outra, a história do cuco. Entretanto, volta ao mesmo tema, a desonestidade do juiz. Através da metalinguagem, o autor procura convencer o leitor da veracidade dos fatos: "Este conto não é fábula/nem sequer uma parábola:/ Podem todos n'isto crer!"

A tentativa de tornar o texto verossímil, todavia, não deve ser considerada, visto que, através do satírico, o poeta distorce fatos, procurando mostrar somente o seu ponto de vista em relação ao satirizado.

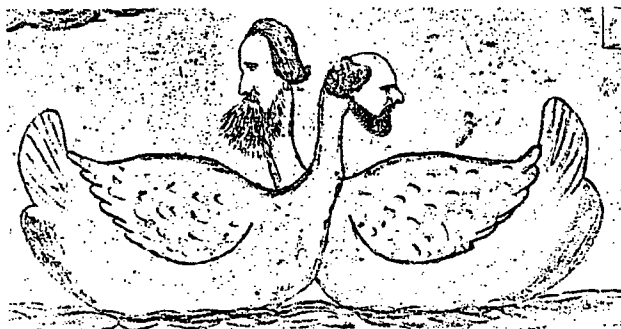
Através de alguns pontos, pode-se perceber a riqueza e a importância do poema Montenegreida. Seu valor não se encontra no tema em si, mas na construção das idéias, no trabalho criativo, no uso da mitologia greco-latina, no jogo de palavras e, principalmente, no uso da intertextualidade com outros autores como Gregório de Matos, mostrando o nível de leitura do autor. Sua importância se acentua a medida que retrata a época, o que o torna um texto curioso, ligando ficção e história.

CAPÍTULO 5

ASSEMBLÉIA DAS AVES

CANTO I

Argumento



Em singela alegoria
De um *cisne* pinto a candura;
Das aves canto a ventura
A paz, sossego, harmonia
Vitupero a rebeldia
De certo grupo traidor:
Louvo um gentil *beija-flor*,
Mimoso, nobre e sincero;
Pinto enfim um *Quero-quero*
Turbulento, e piador.

1ª

Aos graus vinte e sete e trinta
Para o sul do Equador,
No mundo, de que Colombo
Foi feliz descobridor.

Latitude Sul da Ilha de Santa Catarina 27°30'.

2ª

Novecentas e setenta
Léguas para o ocidente
Do Bretão meridiano,
(Se nauta regra não mente)

Longitude Oeste de Greenwich 48°40', ou 970 léguas
marítimas de 20 ao grau.

3ª

Sítio jaz, que o mar se ufana
De assíduo em torno beijar;
Pleiteiam, zéfiros brandos
O prazer de o bafejar.

4ª

Quando a todos os viventes
Fala os deuses concediam,
Plumosos, bípedes bandos
Aí felizes viviam.

5ª

Ao volátil, dócil povo
Presidiam mansidão,
Concórdia, paz, doces frutos
Que produz a solidão.

6ª

O plúmeo bando feliz
Da paz os gozos fruía,
Até que veio a cobiça
Plantar a desarmonia.

7ª

Alguns se alegram com isso!!
Tal é a facilidade,
Com que no mundo se aplaude
Tudo quanto é novidade!

8^a

Eis o caso: pelas aves
Sábio *Cisne*¹ fora eleito
Para sustentar na corte
Do plúmeo povo o direito.

9^a

Que bem o cargo servira
Não sofre contestação;
Porque das aves tivera
Constante reeleição.

10^a

Também cabe apresentar
Por documento em favor,
Tê-lo chamado a conselho
Das aves a *Superior*.

11^a

Sem ambição, sem riquezas,
Sem brasões de fidalguia,
Honra tal só o talento
Conferido ter podia.

¹ Cisne - ave imaculada, cuja brancura, cujo poder e cuja graça fazem uma viva epifania da luz. Vitor Magnien afirma que o cisne simboliza a força do poeta e da poesia. É símbolo também de elegância, coragem e prudência. Vindos do norte ou para ele voltando, simbolizam os estados superiores ou angélicos do ser em processo de libertação e de retorno para o Princípio Supremo. Exprime um centro místico e a união dos opostos. p. 257-259 - Dic. Simb.

12^a

Rancores, ódios, vinganças,
 Nem contra o próprio inimigo
 Em seu peito generoso
 Jamais tiveram abrigo.

13^a

Entretanto volta à terra,
 De que saíra a estudar,
 Um *Quero-quero*² dizendo
 Que vinha os seus libertar.

Alusão ao novo candidato, quando voltou do Curso Jurídico.

14^a

À maior parte das aves
 Causou isto espectação³;
 Porque dar a liberdade
 Pressupõe a escravidão.

15^a

A uma linda *saiira*
 Perguntou um *beija-flor*⁴,
 "Se é certo sermos cativos,
 "Quem será nosso senhor?

² Quero-quero - pássaro curioso, a quem a natureza concedeu o penacho da garça real, o vôo do corvo e a laringe do galo. Possui um grito estridulo, richinante, profundo, onde o gênio pitoresco dos gaúchos descobriu a onomatopéia que o batiza. p. 753 - Dic. Fol. Bras.

³ espectação - de espectador

⁴ Beija-flor - anuncia visitas e, quando não consegue sair, é briga de marido com mulher ou vice-versa. Para os índios, é mensageiro do outro mundo. p. 103 - Dic. Fol. Bras.

16ª

"Não sei (responde a mimosa),
"Mas tenho ouvido dizer,
"Que o jugo do cativoiro
Faz suspirar, faz gemer.

17ª

"Até hoje (aos Céus louvores!)
"Não suspirei, nem gemi,
"Portanto julgo-me ainda
"Ser livre como nasci."

18ª

Ai! Tristes! Já lá no peito
Dos inocentes plumosos,
A discórdia acerba e dura
Os faz menos venturosos.

19ª

Assim foi, que certo bando,
Levado de fanatismo,
Toma do *Libertador*
A inveja por heroísmo.

20ª

De incenso pobre aturdido
Se enfatua o novo herói,
Concórdia, paz e sossego,
Em breve o tempo destrói.

21^a

Adeus ternas amizades,
Boa fé, leda harmonia,
Quietação doce, e mais doce
Inocência de algum dia.

22^a

Pairam nuvens de discórdia
Sobre o sítio encantador,
Ninguém mais de ser escapa
Delatado ou delator.

23^a

Tal quando em Mavórcia⁵ lide
Soa a voz de combater,
Entre o ataque e defesa
Por força se há de escolher.

24^a

Por iludir os incautos,
Que do seu partido são,
Ardilosos planejaram
Noturna reunião.

Reuniões em clube promovidas pelo candidato.

⁵ Mavórcia - Do latim poético = mav-or-c-io = relativo a Marte = belicoso, aguerrido. Diz-se da coroa ganha por feitos de muitas lidas "coroa mavórcia". p. 1106 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

25^a

Os ódios, qu'em muitos peitos
 Existiam sufocados,
 Nela acharam sítio, ensejo
 Os mais bem apropriados.

26^a

Ali sandices vomita
 O fofo *Libertador*
 Em camisas de onze varas⁶
 Foi meter-se o falador.

27^a

Seu alvo (diz a *Gazeta*)
 Foi deprimir o rival,
 Há *Quero-queros*, que imitam
 As gralhas em falar mal.

28^a

E não deu baldado exemplo,
 Pois logo surgiu dali
 Um *Tiê*, que vira tudo,
 Como qualquer *Bem-te-vi*.

⁶ Camisas de onze varas - Dificuldade extrema em que alguém se mete e da qual é difícil ou impossível sair. p. 328 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

29^a

Sobre as aves inocentes
 Esvoaça o detrator,
 Fere a todos sem piedade,
 Sem respeito, e sem pudor.

30^a

Não houve aí *Tico-tico*,
Papa-arroz, ou *Tangará*,
 Pobrezinho, que escapasse
 À língua ferina, e má.

31^a

"Não prossigas, maldizente!
 "Não difames a ninguém!
 "De dizer-se mal dos outros
 "Qual o lucro, que provêm?

32^a

"Sobre esta terra de dores
 "Infelizes companheiras,
 "Leis de amor unir-nos devem,
 "Leis do Céu, leis verdadeiras.

33^a

"Somos corruptível massa,

"Que Deus serviu-se animar."

Assim mimosa avezinha

Findou seu triste cantar.

Fim do Canto 1º

CANTO II

Argumento

Para ao *Cisne* disputar
 Populares afeições,
 Chamam às reuniões
 Negras aves d'ultramar.
 Vão ali fezes vazar
 Aves de bico daninho;
 Aos Céus invoca um *Arminho*
 Que a terra o *Cisne* trouxesse;
 Uma corveta aparece;
 Traz o *Cisne* ao pátrio ninho.

1ª

Já da Capricórnica meta
 Se afasta o grande luseiro;
 Eis o Outono, em frutos fértil
 Sobre o solo brasileiro;

2ª

Lá vai Febo⁷ auri-luzente
 Curar com tépida mão
 Os danos, que em sua ausência
 Sofrera o Setentrião.

⁷ Febo - (Mitologia Grega) / Deus do sol, da medicina e da profecia. Deus também da luz (daí o seu epíteto Foibos (=Febo), às vezes identificado com o sol. No momento em que nasceu, cisnes sagrados voavam acima da ilha, fazendo sete vezes a volta, pois era o sétimo dia do mês. p. 52-59 - Dic. Mit. Gr.

3ª

Multidão de esparsas folhas
 Junca a terra em parda côr;
 A saudade de seus ramos
 Lhes murcha o lindo verdor.

4ª

Desmudados, grossos troncos
 Distendem tortas raízes.
 Tardo auxílio!... Nada sentem,
 São mortas as infelizes!

5ª

Mas vai tudo animar-se
 Da Febéia⁸ proteção,
 As selvas amortecidas
 Que lindas florescerão!

6ª

Pelas aves, entretanto
 Prossegue o pleito odioso;
 Nelas abre a vil intriga
 Cavo sulco abominoso.

⁸ Febéia - fem. de febeu: a luz febéia. Febeu: relativo a, ou próprio de Febo. p. 764. Nov. Dic. A. Ling. Port.

7ª

Negras aves africanas,
Que de - *Amus* - o nome têm,
Aos *Sericuás* e *Tucanos*
Se reuniram também.

Refere-se ao grupo de pretos libertos, e muitos deles Africanos que foram associados ao clube cristão.

8ª

Desta liga monstruosa
Fez-se um clube eleitoral;
Temeu logo as conseqüências
O poder policial.

9ª

Eis ordena que de dia
Só se possam reunir,
Pois da noite o negro manto
Sói os crimes encobrir.

10ª

Tinha a Fama por cem bocas
Falsamente apregoado
Todo o caso; até se afirma
Que mentira seu bocado.

11^a

Se uma boca só que mente,
Muito mal faz produzir,
Que de males não resultam
De cem bocas a mentir?

12^a

Soube o eleito na corte
Do trama na terra urdido
Por muitos, que só favores
Dele haviam recebido.

13^a

Sobranceiro à tanta infâmia,
No seu forte coração,
De algumas aves mesquinhas
Desprezando a ingratidão;

14^a

Veio ver essas que firmes,
Com fé, amor, lealdade,
Sacros deveres cumpriram
Da justiça e da amizade.

15^a

"Vem, sábio legislador,
"Que honras teu país natal,
"Vem trocar com teus amigos
"Um abraço fraternal.

16ª

"Vem saber que as mais sensatas

"Das aves tuas patricias,

"Por ti afrontam perigos,

"Por ti rejeitam delicias.

17ª

"Que a parte sã da provincia,

"Por teu mérito, e primor

"Te vota mais que amizade,

"Muito mais, te vota amor.

18ª

"Vem, saber, que tu não deves

"Receitar calúnias vis.

"Refalsada e baixa intriga,

"Baixos manejos sutis.

19ª

"Despreza esses, que vivem

"Só de embuste e falsidade,

"Que parecem proibidos

"De dizer uma verdade.

20ª

"Tens um trono em nossos peitos,

"Baseado em puro amor.

"Anda, vem testemunhar

"Nossa fé, nosso valor.

21ª

Enquanto gentil *Arminho*
 Pousado n'uma figueira,
 Isto diz; lá se levanta
 Avermelhada bandeira.

A bandeira encarnada é sinal de aparecer navio.

22ª

Após esta outra subia
 De várias listadas cores;
 Era a Corveta fendendo
 Pelos mares interiores.

A corveta de guerra Bertioga, que trazia o atual
 Deputado a 2 de março de 1847.

23ª

Nela vem Ave escolhida
 D'entre muitas aves mil,
 Daquelas, que mais ilustram
 As florestas do Brasil.

24ª

Com geral contentamento
 Em veloz celeridade
 Percorre a fausta notícia
 Os subúrbios da cidade.

25ª

Bem como os sons da trombeta
Fazem saber aos guerreiros,
Que no perigo iminente
Às armas corram ligeiros:

26ª

Tal este deixa apressado
Aberto o livro em que lia;
Aquele, de tinta cheia
A pena com que escrevia.

27ª

Um que escuta o terno canto,
Da mais delicada amante,
Deixa; parte, e leva a nova
Ao companheiro distante.

28ª

Outro, que no altar do amor
Ia dar um juramento,
No caminho a nova sabe,
Volta, e falha o emprazamento⁹.

⁹ Emprazamento - ato de emprazar (intimar). Para comparecer em certo prazo na presença de uma autoridade. Marcar prazo. p. 638 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

29^a

Alguns partem duvidosos;
Todos à pátria caminham
Alegres aves aos centos
No desembarque se apinham.

30^a

Ao longe avança um batel,
Que lhes ocupa os sentidos;
Ele chega; e vêem seus olhos
O que ouvirão seus ouvidos.

31^a

Aquilo que se deseja
Com sincero, e puro ardor,
No momento em que se alcança
Tem mais que humano valor.

32^a

A chegada de um amigo
Por longos tempos ausente,
Transforma mágoas passadas
Em puro gozo presente.

33^a

Esses, que no peito abrigam
Corações cheios de fel,
Não podem sentir as coisas,
Que escrevo neste papel.

Fim do Canto 2º

CANTO III

Argumento

Saudoso, fagueiro, e terno
 Chega o *Cisne* aos pátrios lares;
 Vem as aves a milhares
 Com prazer o mais interno,
 Em dar o abraço fraterno,
 É quem primeiro será;
 Pelo povo que ali está,
 Em sinal de saudação,
 A mais bela alocução
 Faz ao *Cisne* um *Sabiá*¹⁰.

1ª

Musa amiga, que por vezes
 Nas minhas vicissitudes,
 Mil endechas me inspiraste
 Saudosas, se bem que rudes;

2ª

Que às ingratidões de Márcia,
 Que aos encantos de Delmira,
 Sons maviosos tiravas
 De uma só corda da Lira;

¹⁰ Sabiá - O sabiá é grande amigo das pimenteiras. Come pimenta que nem sabiá, dizemos. p. 793 - Dic. Fol. Bras.

3ª

Outorga-me neste empenho
 Os teus encantos divinos,
 Com que outr'ra da Estige¹¹
 Venceste acerbos destinos.

Orfeu, por exemplo, tirando do inferno a bela Eurídice.

4ª

Se não me for permitido
 Encantar jovens leitores,
 Que na flor da mocidade,
 Só se encantam por amores;

5ª

Se agrados não excitar
 À sabujenta velhice,
 Que só crê nas priscas eras
 Tendo horror à modernice;

6ª

Se o belo sexo enfim
 Não me der nenhum apreço,
 Porque as belas só s'enlevam
 Nos aras do Deus travesso;

¹¹ Estige - Rio do inferno da mitologia grega. Estige era uma Ninfa, filha de Oceano e de Tétis. Presidia uma fonte da Arcádia, de águas sombrias e espessas, que desaguava sob a terra e ia ter às regiões infernais. Dizia-se que tinha propriedades mágicas. p. 142 - Dic. Mit. Gr.

7ª

Nem por isso me denegues
Teu auxílio alti-potente,
O que não agrada a uma,
Satisfaz a outra gente.

8ª

Alguns sobre o pobre vate
Talvez louvores espargem,
A esses voto meu canto,
A esses rendo homenagem.

9ª

Mal que o pátrio solo amigo
Nosso herói ledou pisou,
À multidão, que o saúda,
Enternecido abraçou.

10ª

No prazer, em que transborda,
Arrebatado assim diz:
"Ó minha pátria adorada,
"Torno a ver-te; sou feliz."

11ª

Notou certa ansiedade,
Nas aves, e a razão,
Não sabia, sendo ela
De bem fácil solução.

12^a

Quando tsnar¹² se procura
 O crédito, a quem o tem,
 A sustentá-lo se prestam
 Todas as aves de bem.

13^a

Mas já nos montes embaçam
 Os raios do etéreo lume;
 Faz n'areia inquieta vaga,
 Brando som, quase queixume.

14^a

Nas folhagens ciciando
 Tênuê aura suestina;
 No céu fulge do Oriente
 A rósea luz matutina.

15^a

Já trinam lindos *Canários*¹³,
Gaipavas, e *Gaturamos*;
*Sanhassus*¹⁴, *Cambaciquinas*,
 Saltando por entre os ramos.

¹² Tsnar - tornar negro como carvão, fumo. Mascarar-se; sujar-se; macular-se, tostar, enegrecer.... p. 1682 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

¹³ Canários - pássaro que fala ou canta bem, além de canto corrido, ou de estalo, seguido de açoite, é famoso por ser ave de briga. p. 232 - Dic. Fol. Bras.

¹⁴ Sanhassus - Grande comedor de mamão, diz-se "fulano é por cachaça como sanhassu por mamão! Sinônimo de beberrão, assim como mamoeiro. p. 1806 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

16ª

De sonoros *Sabiás*,
Alegre bando chegou,
E deles o mais sabido
Desta maneira cantou:

17ª

"Presta ouvidos aos meus acentos,
"Modesto Legislador,
"Atende aos votos humildes
"De um selvático cantor.

18ª

"Viste a luz em nossa terra,
"À corte foste estudar
"Ciências com que vieste
"Teus patricios ilustrar.

19ª

"Diva luz da liberdade
"Para nós veio raiar,
"Abusos velhos cumpria
"De sobre - o - povo tirar.

20ª

"Inda El-rei Nosso Senhor
"De Deus se não distinguia;
"E dizer-se - *Liberdade* -
"Era dizer - *Rebeldia* -.

21^a

"Teus discursos, teus escritos

"De animada erudição,

"Nossos direitos defendem,

"Velam no bem da Nação.

22^a

"Quando do povo aterrado

"Tristes clamores ouvias,

"Em tal crise combatestes

"Suspensão de garantias.

Foi na sessão de 30 de março de 1839, em que, como relator de uma comissão especial, lavrou esse famoso parecer contra a suspensão de garantias pedida pelo presidente da província, como medida de terror.

23^a

"Muitas leis, que feitas foram

"Por bem nosso, e do país,

"Nasceram, e sazouaram

"Na tua mente feliz.

24^a

"Associada união,

"Política e fraternal,

"Tudo criaste; e também

"Uma imprensa liberal.

Alude à Sociedade Patriótica, e à loja maçônica - Cordialidade.

Alude à 1ª imprensa por ele estabelecida na província.

25ª

"Conseguistes, enfim, que breve
"Priscas preocupações,
"Não tivessem mais guarida
"Nem mesmo em nossos sertões.

26ª

"Pelo público serviço
"Desvelado, e diligente,
"Mil bens de ti receberam
"Nossa terra e nossa gente.

27ª

"Eleger-te deputado,
"Fora em nós quase um dever,
"Porque juntas aos serviços
"Patriotismo e saber.

28ª

"Foste assim por nós eleito
"Em missão legislativa;
"Não erramos, preencheste
"A geral expectativa.

29ª

"No parlamento composto
"Dos mais sábios da Nação,
"Teus discursos, teu bom senso,
"Mereceram atenção.

30^a

"E na corte o teu prestígio
 "Honra faz à nossa aldeia;
 "Se lá te elege o Monarca,
 "O povo aqui te nomeia.

31^a

"Como ministro da Coroa
 "Gerindo a pasta da guerra,
 "Findaste a luta de irmãos,
 "Deste paz à nossa terra.

Alude à pacificação da guerra civil do Rio Grande do Sul que se realizou em fins de fevereiro de 1845, depois de 9 anos de encarniçada-luta.

32^a

"Com este ato sublime
 "Tua missão acabaste;
 "Se ao entrar pobre subiste,
 "Ao sair pobre ficaste.

33^a

"E os louros querem tirar-te
 "Tão nobres, tão merecidos?...
 "Os feitos de Coriolano
 "Também foram esquecidos!!!!...

O famoso e ilustre general Romano, que, depois de gloriosos serviços à sua Pátria, desterrado e banido pela ingratidão do povo, foi mendigar um asilo na cidade dos Volscos, seus inimigos!

Fim do Canto 3º

CANTO IV

Argumento

Ao Congresso, que se instala
 Marcha o *Cisne* sem demora;
 Um certo grupo descora
 Quando o vê entrar na sala.
 Com graça discute e fala;
 Desbarata a oposição:
 Volta à corte; e foi então
 Que nobre, grave, e severo
 O *Guará* no *Quero-quero*
 Deu formal repeensão.

1ª

Calou-se o plúmeo cantor,
 E as aves, que o escutavam,
 Fôlego tomam, que há muito
 De atentas nem respiravam.

2ª

Só então parte das aves
 Com mágoa ficou ciente,
 Que havia tantos ingratos
 Com cara de boa gente.

3ª

Que tal grupo de invejosos
 Na pátria terra existia;
 Houve quem se indignasse,
 Mas o nosso herói sorria.

4ª

A coral e a jararaca
 Mansas pombinhas serão,
 Se com elas se compara
 A inveja e a ingratidão.

5ª

Porém de humanas paixões
 O *Cisne* conhecedor,
 Nada disto lhe causava
 Nem vislumbre de rancor.

6ª

Ingratos zoilos¹⁵ mesquinhos,
 Vosso afã, e pouco sizo,
 Com desdém, são condenados
 Ante o público juízo.

7ª

Aves vinte anualmente
 Em congresso se juntavam;
 Sobre os públicos negócios
 Do seu país legislavam.

Refere-se à assembléia provincial, que é de 20 membros.

¹⁵ Zoilos - Crítico injusto e/ou invejoso (Zoilo, crítico grego do séc.IV a.c.; detrator de Homero). p. 1806 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

8ª

Um vint'-avos do congresso
Era o *Cisne* de direito;
E no dia imediato
Nele achou-se com efeito.

9ª

Musa, tu, que me inspiraste
Este humilde canto meu,
No mais difícil do canto,
Me privas de auxílio teu?

10ª

Agora, que eu pretendia
Do meu herói descrever,
O estilo, o garbo, e modo,
E graça no discurrer;

11ª

É então que me abandonas,
Porque vais saborear,
Seus discursos maviosos,
Tão difíceis de imitar?

12ª

Sua voz serena, e firme
Acaso te encantaria?
Tens razão; do *Cisne* o canto
Tem sonora melodia.

13ª

Vou também ouvir atento
 As frases da pátria amigas;
 Contigo juro cantá-las
 Por quem és, não me desdigas.

14ª

Ei-lo; em torno a vista lança,
 Tranquilo pede a palavra;
 Certo terror macilento
 Nos rostos imigos lavra.

15ª

Oferecera o *Quero-quero*
 Uma felicitação;
 Peça mesquinha, e pejada
 De servil adulação.

Projeto de felicitação ao presidente, por ter declarado
 na fala da abertura, que não intervinha nas eleições.

16ª

O eloqüente orador
 Com discreto analisar,
 Castigando a ruim doutrina,
 Fez a peça reprovar.

17^a

Era notável a graça,
 A finura e cortesia
 Com que a jeito lhes lançava
 Delicada zombaria.

18^a

Entoou loquáz *Gancete*¹⁶,
 Acusação muito antiga;
 Sediça, e falsa provou-se,
 Voltou ao buxo a *cantiga*.

19^a

Dos contrários a conduta,
 Manda a prudência calar;
 Seus atos causam desdouro;
 Nem se devem divulgar.

20^a

Certas gralhas, que n'ausência
 Tanta grasnada faziam,
 Caladinhas, acanhadas
 Nem palavra proferiam.

¹⁶ *Gancete* - sem referência

21^a

Exclamou o *Cisne* vendo
 Tão mofinos contendores: -
 "Honro-me pouco vencendo
 "Tão fracos opositores." -

22^a

E dos seus se despedindo
 Fez à corte o seu regresso,
 Novos deveres o chamam
 A mais luzido congresso.

À Assembléia Geral Legislativa.

23^a

Adeus, ó ave adorada,
 Mimosa, e cândida flor;
 O nosso pranto saudoso
 É teu cântico de amor.

24^a

Então vistoso *Guará*
 Ao *Quero-quero* exprobando,
 Da província amotinada
 O estado miserando.

25^a

Assim diz: - "Tu que tens feito
 "Ao *Cisne* tão crua guerra,
 "Não dirás que benefícios
 "Já fizeste a nossa terra?

26^a

"Dize mais: - que bens lhe podes

"Para o futuro trazer?

"Pelas provas que tens dado,

"Só males podes fazer.

27^a

"Por ora, o que nos tens feito

"É profunda divisão,

"Entre amigos, e parentes

"Da mais íntima união.¹⁷

Plantando a odiosa distinção de Cristãos, e de Judeus, e especulando perfidamente com este ardil supersticioso, e com a simplicidade dos povos.

28^a

"Té ao seio das famílias

"Tens a discórdia levado;

"Em mil pleitos, mil demandas,

"Tens o povo emaranhado.

Suscitando, como advogado, e para seu proveito, uma multidão de demandas, enredando os povos em tal labirinto de chicanas, que em breve será uma espécie de guerra civil.

¹⁷ O Coronel Bonifácio Caldeira de Andrade em suas memórias, em relação aos partidos judeus afirma: "O extremo dessa incandescente luta chegou a separar cônjuges até então amantíssimos. Alguns consortes recusavam o leito conjugal de maridos judeus." p. 339 - S. Jud. I. Dest.

29^a

"De Pandora¹⁸ a caixa iníqua

"Destampaste em nosso dano,

"Que maior mal nos faria

"A subida de um tirano?

30^a

"Quanto a ti, *Cisne* famoso,

"Sinceros votos aceita,

"A outrem, que tu não sejas,

"Nossa gratidão rejeita.

31^a

"E quando austeros destinos

"Contigo sejam fatais

"Honra mais descer contigo,

"Que subir com teus rivais.

32^a

"Findarás, *Cisne* querido,

"Pois não hás de ser eterno,

"Mas teu canto de agonia

"Há de ser saudoso e terno."

Alusão feliz à história fabulosa do Cisne, que na hora da agonia, e nos seus últimos momentos, solta um canto mavioso, e depois morre.

¹⁸ Pandora - Foi a primeira mulher que existiu, criada por Hefesto e Atena, auxiliados por todos os deuses e sob as ordens de Zeus. Cada um lhe deu uma qualidade. Recebeu de um a graça de outro a beleza, de outros a persuasão, a inteligência, a paciência, a meiguice, a habilidade na dança e nos trabalhos manuais. Hermes, porém, pôs no seu coração a traição e a mentira. p. 244 - Dic. Mit. Gr.

33^a

Disse: e logo abrindo as asas,

Fendendo os ares, voou;

Disse pouco; mas que puras

Verdades articulou!!!

Fim do Canto 4º e Último

POMADA TAUNAY

(Boletim-Retrato)



I

Qu'importante novidade!
Que risível baboseira
Acaba o Major Torneira¹
D'espalhar n'esta cidade!
Boletim que traz no meio
Um calunga² muito feio
C'o seu nome escrito em baixo,
E que fora mais perfeito
Se não tivesse o defeito
De vir sem o seu *penacho*!

II

Sem esta flamante peça
Qu'os nossos *cidadãozinhos*
Cantarão em tão bons versinhos
Nos muros do Gama d'Eça!
Que ridícula figura!
Que tosca caricatura!
Que desasado pintor,
Tão peço³, tão bestalhão
Qu'até nem lhe pôs na mão
A brocha d'um caiador!

¹ Major Torneira - vide o officio do capitão do Porto, cujo secretário Cameu, nos officios que escrevia para S. Exa., tratava-o exactamente como o Conde de Alma-Viva tratava o pobre D. Bertholdo, no "Barbeiro de Sevilha": ora de Escramelha Tonéis, ora Escangalha Torneiras. p.23 - Taun.

² Calunga - boneco pequeno / pessoa de pouca estatura / desenho sumário, representação da figura humana, que os arquitetos fazem para dar a idéia de escala ou dimensão da obra que projetam. p. 323 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

³ Peco - néscio, bronco. p. 1289 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

III

Ele que tanto alvejou
 Nossas frentes e traseiras
 Vir com tintas tão trigueiras
 N'esse papel qu'espalhou!
 Com cara tão carregada,
 De tantos riscos lanhada,
 Como o vejo em tal retrato,
 Um taful⁴ de cor tão fina
 Me parece um preto Mina⁵
 Pintado a pós de sapato!

IV

Que gravata de fiota⁶!
 Que pescoço tão comprido!
 Que bigode retorcido⁷!
 Que figurão de marmota!
 Quem ver um retrato assim,
 Tão grosseiro, tão chinfrim⁸,
 E tão sem gosto, e sem arte,
 Há de supor com razão
 Ser apenas um borrão
 De qualquer Silvio Dinarte⁹!

⁴ Taful - casquilho, luxuoso, festivo, janota. p. 1640 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

⁵ Mina - Indivíduo do grupo tribal de cultura fanti-oxanti, oriundo da Costa do Ouro (Guiné); negro-mina, preto-mina. p. 1136 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

⁶ Fiota - elegante, janota, casquilho. p. 782 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

⁷ Bigode retorcido - Taunay se apresentava sempre muito bem vestido, de cabelos encaracolados e bigodes frisados e retorcidos à moda de então.

⁸ Chinfrim - sem valor, ordinário. p. 396 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

⁹ Silvio Dinarte - pseudônimo de Alfredo d'Escragrolle Taunay.

V

Com tão fofa gaforina¹⁰
 De rego! (falando mal)
 Faz ele figura igual
 Às dos cartazes d'esquina!
 Parece um cabeleireiro
 D'anúncios d'água de cheiro
 D'óleos *Ducoux, ou Barry*¹¹!
 E se a mente não me engana,
 Na folhinha americana
 Esta careta eu já vi!

VI

Quem seria o Gênio mau
 Qu'a tão gentil maganão¹²
 Quis pregar tal mangação¹³
 Na colônia Blumenau
 Não lhe bastava o cameu
 Co'as zangas que lhe meteu
 Nos seus estultos papéis,
 Em qu'o nome lh'estrompava
 E tanta vez o tratava
 Por *d'Escramélla Tonéis*¹⁴!

¹⁰ *Gaforina* - Fam. grenha; cabelo em desalinho, topete. p. . Nov. Dic. Ling. Port.

¹¹ *Óleos Ducoux ou Barry* - óleos constantemente anunciados nos grandes jornais da corte. p. - Taun.

¹² *Maganão* - Que ou aquele que pratica muitas maganices ou é muito magano, pândego. p. 1063. Nov. Dic. A. Ling. Port.

¹³ *Mangação* - ato de mangar, caçoada, motejo, zombaria. p. 231 - Dic. Cont. Ling. Port.

¹⁴ *Escramélla Tonéis* - Ver nota (1)

VII

Retrato assim só se faz
 Em um Distrito beócio¹⁵!
 Um todo de capadócio¹⁶
 Em tão conspícuo¹⁷ rapaz!
 Pois declaro em alto som,
 Que nada d'isso acho bom,,
 Que não posso achar bonito,
 Nem vejo sem grande pena,
 O nosso major em cena
 P'ra servir-nos de palito!

VIII

Noto mais uma lacuna
 N'esta pintura inexata
 Do Xenofonte charlata
 Da *Retraite da Laguna*¹⁸!
 Dos seus louros conquistados
 Entre os pastéis afamados
 Do *Outeiro dos Castelões*
 Nada aí se nos atesta,
 Vê-se-lhe apenas na testa
 A marca dos *papelões*!

¹⁵ Beócio - relativo à, ou natural da Beócia / ignorante, boçal, ingênuo. p. 250 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

¹⁶ Capadócio - da Capadócia, Ásia Menor, indivíduo de maneiras acanhadas, fanfarrão, trapaceiro... p. 340 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

¹⁷ Conspícuo - notável, distinto, ilustre. p. 459 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

¹⁸ *Retraite da Laguna* - "Retirada da Laguna"- uma das principais obras literárias do Visconde de Taunay.

IX

Este famoso acrobata
 Que nos seus saltos mortais,
 Veio cair de Goiás
 Na nossa terra pacata,
 Saiba agora todo mundo,
 Saibam Dom Pedro Segundo
 E Sua Imperial Alteza,
 É o nosso major Doutor
 Dom Alfredo - o *catador*
 O Presidente-*limpeza*¹⁹!

X

E não pode ser eleito
 Um candidato tão chique,
 Que posto à parte o debique,²⁰
 Assim nos encheu o peito!
 Se lhe fizerem trapaça
 Nas urnas, oh! que desgraça!
 No Parlamento quem há de
 Discutir as coisas sérias
 E umas *certas matérias*
 Da sua *especialidade*²¹?

¹⁹ Presidente Limpeza - a cidade do Desterro se encontrava muito suja. Taunay mandou cair os muros, limpar os monturos, desobstruir as valas e regos de escoamentos da água.

²⁰ Debique - desfrute, ato de desfrutar. p. 230 - Dic. Pros. Port. Br.

²¹ Sua especialidade - regos, canos, monturos, lixos, sujidades, etc.

MONTENEGREIDA

POEMETO SATÍRICO

CANTO I



Se em jurídico exercício
Podes tu bem regras dar.
Também eu posso falar,
Seja, embora, d'outro ofício.
Como é que não vês teu vício,
Quando a virtude é sovada
Por tua língua danada?!...
Não vês tua infâmia, tartufo¹?
Como da fábula o bufo.
Hás de levar assoada²!

Denúncias te agradam tanto,
Gostas de ver mal alheio;
De sanha e rancores cheio,
Folgas d'ouvir triste pranto!
Tua raiva faz-me espanto,
Como a d'um perro³ danado!
Creio qu'isso tens herdado
D'aquele peito d'hiena

¹ Tartufo - De Tartufo, personagem da comédia homônima (no original - Le Tartuffe), de Molière / Homem hipócrita / devoto falso. p. 1652 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

² Assoada - sem referência.

³ Perro - cão. p. 1316 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

Por quem fora ao Barbacena⁴

Xavier⁵ denunciado!

Joaquim Silvério Dos Reis⁶,

Decerto , é teu ascendente;

És, na verdade, parente

D'aquele qu'o diabo fez!...

Na tua morena tez,

Vê-se a imagem do traidor

Que foi a causa da dor

Do Tiradentes coitado,

Que veio a ser enforcado.

A todos legando horror!...

Diz a história do Brasil

Qu'ele sendo desprezado

Pelo público ajuizado,

Deixara seu nome vil!

Ficando-lhe o céu d'anil

Da cor da negra traição,

⁴ Barbacena - Governador, Visconde de Barbacena, D. Luís Antônio Furtado de Mendonça; nomeado pela rainha com instruções expressas de proceder à cobrança dos quintos de ouro (impostos) em atraso. A derrama (cobrança) era considerada impraticável, e, mesmo que não fosse, representava a ruína econômica dos mineiros. p. 10926-10927 - Enc. Mir. Int.

⁵ Xavier - Alferes Joaquim José da Silva Xavier, dentista prático e por isso alcunhado Tiradentes, militar e patriota. p. 10926-10927 - Enc. Mir. Int.

⁶ Joaquim Silvério dos Reis - Era um dos três conspiradores, militar, de nascimento português, coronel, rico proprietário e comandante da Guarnição de Vila Rica. Junto a Basílio de Brito Malheiro do lago e Inácio Correia Pamplona denunciou a conspiração, sendo o primeiro dos três. Obteve em troca o perdão de sua dívida com o governo e a suspensão tanto do processo movido contra ele pelo fisco (autoridade encarregada da cobrança de impostos), como do seqüestro de seus bens. Para evitar a revolta, o conde de Barbacena mandou suspender a derrama e enviou, por intermédio de Silvério dos Reis, uma carta ao vice-rei, dom Luís de Vasconcelos para que mandassem prender Tiradentes no Rio de Janeiro, e enviassem tropas para Minas. p. 10926-10927 - Enc. Mir. Int.

Diz a vulgar tradição,
Temendo a pálida morte,
No Rio Grande do Norte
Foi fixar a habitação.

Renegando o nome ali,
Pelo povo aborrecido,
De Montenegro o apelido
Tomara, então, para si.
Ora dizem por aqui,
Qu'o Maneca Januário⁷
Lá da Rua Do Vigário⁸,
É nas denúncias valente:
Quem sabe se descendente
Não é do Judas falsário⁹?

Alguém há que afirma e diz
Qu'ele é bisneto do tal,
Como o apelido é fatal,
Deve deixá-lo o juiz:
O sobrenome infeliz
Ele trocar deveria
Por outro qu'a simpatia
Atrai-se amena e doce:

⁷ Maneca Januário - Manuel Januário Bezerra Montenegro, juiz de Direito no distrito de São Miguel.

⁸ Rua do Vigário - atual rua Fernando Machado. p. 17 - Dest. Cam.

⁹ Judas falsário - Judas Iscariote, um dos doze discípulos de Jesus - aquele que traiu, "o traidor". p. 1037 - Dic. Bibl.

Se *monte negro* não fosse,
Tantas *trevas* não teria...

Não fora muito melhor
De Montecarlo o cognome?
Resigne o triste renome
D'aquele infame e traidor,
Qu'espalhara o susto, a dor,
Por toda a população.
Mas (oh! torpe maldição!)
Morreu d'horrores no meio:
- O corpo de vermes cheio,
A alma cheia d'afflicção!...

Terás o mesmo destino,
Jesuíta¹⁰ de casaca,
Que fazes da língua faca,
Da honra alheia assassino!...
E bates, qual um beduíno¹¹,
No peito continuamente!!...
Se és malvado certamente,
Há casa de correção;
Mas, se perdeste a razão,
Temos hospício igualmente.

¹⁰ Jesuíta - Membro da companhia de Jesus, ordem fundada por Santo Ignacio de Loyola "con el fin de trabajar por la mayor gloria de Dios". p. 399 - Dic. Crist.

¹¹ Beduíno - indivíduo selvagem, intratável. p. 244 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

CANTO II

Leitor, escuta, agora,
O Herói do Negro-Monte,
Que, tendo o seu simonte¹²
Na venta introduzido,
Já consertando a guela,
Desprende a vã loquela¹³,
Co'a voz cortando o ouvido:

Eu sou descendente
Dos índios do norte;
Eu sou muito forte!
Nenhum como eu!
Em pétalas secas
Botões de donzelas
Converto: em mazelas
Nenhum me venceu!

Mudei-me do norte,
Mudei de partido,
E mui destemido
Votei no Tuné¹⁴!
Eu bato nos peitos

¹² Simonte - designativo do tabaco da primeira folha e ordinariamente empregado para cheirar. p. 1586 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

¹³ Loquela - faculdade da fala. p. 1047 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

¹⁴ Tuné - Alfredo d'Escragnolle Taunay.

E Frei Sebastião¹⁵

Me tem devoção,

Me chama *pagé*!...

Rapei a cabeça

A um certo colega,

De cólera cega,

De sanha tomado!

Fiz outras façanhas

No norte e no sul;

Qual jovem tiful¹⁶

Me tenho tornado!...

Qual índio robusto,

Em rede pendente

Na *eva*¹⁷ indolente

Amores cevei!...

E qual sanguessuga

Que quer se fartar,

A honra do lar

Tenaz eu suguei!...

Eu fiz-me inspetor,

Já d'um presidente;

Feroz e valente,

¹⁵ Frei Sebastião - sem referência.

¹⁶ Tiful - peralta, garrido, casquilho, jogador de profissão. p. 1640 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

¹⁷ Eva - sem referência.

Venci S. Miguel!¹⁸

Portanto sou grande.

Qual índio do norte;

Sou bravo, sou forte¹⁹,

Sou novo Lusbel!...²⁰

Qu'importa qu'um dia

Manchassem-me o rosto?

Ao menos um gosto

Profundo senti!

Nos próprios amigos

Ceei minha sanha,

Mostrei minha manha,

E chefes prendi!

Eu sou destemido!

Não há um machado

Que seja afiado

Qual é minha língua!...

Insulto, injúrio

Qualquer um sujeito,

A torto e a direito,

¹⁸ São Miguel - A 05/08/1886, pela lei nº 1.092, a sede da vila de São Miguel passa para a freguesia de São João Evangelista da Barra do Biguaçu, elevando desta forma à categoria de vila e passando a servir de sede também da Comarca denominada São Miguel. p. 53 - Hist. Mun. Big.

Segundo Iaponan Soares essa mudança se fez de forma pacífica, apesar de Eliseu Guilherme da Silva, chefe dos liberais catarinenses, guardar ressentimentos profundos contra o Juiz de Direito da Comarca, Dr. Manuel Januário Bezerra Montenegro. p. 53/54 - Hist. Mun. Big.

¹⁹ "Qual índio do norte/Sou bravo, sou forte" - refrão do poema *I Juca Pirama* de Gonçalves Dias.

²⁰ Lusbel - Lúcifer, satanaz. p. 563 - Dic. Pros. Port. Br.

D'assunto na língua!

Qu'importa que bradem?

Sou firme penedo!

Sem ter nenhum medo,

Votei no Tuné!²¹

Qu'importa me odeiem,

Se Frei Sebastião

Me tem devoção,

Me chama *pagé*?...

²¹ Ver nota 14.

CANTO V

Mas ia por diante o monstro horrendo
C'o o sermão que ninguém lhe encomendara;
 Mas um sujeito forte, em som tremendo,
 O compasso lhe faz na torpe cara,
 Tocando-lhe uma peça em *dó crescendo*,
 Que lhe desperta comoção amara;
 Quem a este espetáculo assistiu,
 Chamou-lhe sem vergonha e d'ele riü.

X

És tu, boca esfrangalhada,
 Qu'em linguagem desonesta,
 Insultas o lar, e espreitas
Certas coisas pela fresta?

És tu que chamas sem brio
 A tão sensatos varões?
 És tu qu'a varões honestos
 Já tens chamado ladrões?!

Tu qu'um tesouro assaltaste
 P'a negros fins infernais ? ! ...
 Tu, que a nação tens roubado,
 Vês teu reflexo nos mais?!...

Tira as traves dos teus olhos
 Audaz fariseu maldito,

Que tens tragado elefantes,
Mas t'engasgas c'um mosquito!

Não te lembras, miserável,
Do assalto à tesouraria?
Como é qu'a todos insultas,
Hedionda, horrendo hárpia²²!

X

Isto disse Jesus na consagrada
Partícula que Frei Sebastião
Depôs na língua do juiz danada,
Certo dia, depois da confissão;
Uma turba de fúrias levantada
O juiz arroja aos pés do rei Plutão²³,
Que, sendo juiz mui ríspido e severo
Transformou seu colega em cão cérbere²⁴!

Tem três cabeças este cão danado,
Qu'o juiz é membro da trindade escura;
Sendo por entre chamas arrojado,
Ficando os corpos três uma figura,
Já no trifauce cão foi transmudado

²² Harpia - do grego, monstro fabuloso, com rosto de mulher e corpo de abutre / pessoa ávida que vive de extorsões. p. 882/883 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

²³ Plutão - O possuidor de riquezas, é um sobrenome ritual do deus do Inferno, Hades. Foi assimilado ao deus latino Dis Pater. É uma divindade agrária porque é do solo que advém toda a riqueza. p. 380. Hades - deus dos mortos. Recebeu o mundo subterrâneo, o Inferno, o Tártaro (p. 189) - Dic. Mit. Gr. Lat.

²⁴ Cérbere - cão monstruoso que, segundo a mitologia grega, guarda a porta do inferno. p.383 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

Por Plutão, como reza uma escritura;
 Outros dizem, porém, qu'o fermentido²⁵
 Juiz fora em monte negro convertido.

Diz a fábula, então, que negro e bufos,
 Corujas, mochos, noitibós revoam
 Na espessua bravia; mil tartufos
 Ali batem nos peitos: vozes soam

Como do *Diabo a Quatro*²⁶ os rufos:
 Gemidos diabólicos ecoam!!..
 Teme esse monte o próprio *S. Miguel*²⁷,
 Que tantas vezes derrubou Lusbel!

Lusbel foge da cruz, é bem sabido.
 Até quando com dedos é formada;
 Mas esse *diabo negro* é atraído
 Por qualquer um sinal da cruz sagrada:
 De tal sorte *esse diabo* é destemido,
 Qu'ousa engolir a hóstia consagrada,
 Depois da competente confissão,
 Aos pés do amado Frei Sebastião!

Um diabo comungado!...(oh maravilha!)
Maravilha fatal da nossa idade!

²⁵ Fementido - que mentiu a fé jurada; perjuro. p. 768 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

²⁶ *Diabo a Quatro* - sociedade carnavalesca abolicionista da antiga Desterro, século XIX.

²⁷ Ver nota 18.

Uma toga mudando-se em mantilha
Um demônio beijando a cruz d'um frade!...
Um cingulo²⁸ mudado n'um cilha²⁹!
Da pública justiça à irmandade
Incorrendo em fatal crime d'injúria,
Ardendo em ira, em sanha, em raiva, em fúria!...

²⁸ Cingulo - Cordão com que o sacerdote aperta a alva na cintura. p. 407 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

²⁹ Cilha - Tira de pano ou de couro com que se aperta a sela ou a carga por baixo do ventre das cavalgaduras. p. 405 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

CANTO VI

Convidara aos seus Lusbel
P'ra comer o juiz assado,
Cujo coração danado
Causa espanto a S. Miguel!
Essa alma feita de fel
É pelos demos comida;
Mas (horror!) um já trepida,
Clamando: "Tão mau festim
Nunca existiu para mim,
N'esta minha inferna lida!"

Brada Satã enojado:
"Este de misérias monte,
Que tomava o seu simonte,
Era de gosto apurado:
Cevava o peito danado
Na honra do cidadão
Fiel, espírito são;
Entretanto é tão nojento,
Que nem serve p'ra sustento
Ao povo do rei Plutão!..."

X

E dando um murro n'um dos negros pratos
Aonde estava o pobre juiz assado,
Tornara a vir p'ra o rol dos insensatos

O tal *Maneca Jano*³⁰, troz, danado,
 A quem Lusbel mandou p'ra Ilha dos Patos³¹,
 Povo o mais cordeirinho e sossegado,
 Em castigo de sua gran fraqueza,
 Excessiva bondade e tibieza!

Oh! cousa incrível! S. Miguel³² atura
 Os impropérios d'esse vil togado,
 As vinganças, a negra diabrura!!...
 Um libertino audaz, ladrão formado
 Da gran velhacaria n'arte escura,
 É dos Patos na Ilha³³ magistrado!!
 O código sopeia, sem pudor,
 Calca as leis, e é juiz!...Oh! céus! qu'horror!!

X

Um juiz qu'o patriarca
 Dos diabos não quis lá ter,
 Como é que pode viver
 Do anjo bom na comarca?
 Se o fio lhe cortas, Parca,
 D'essa vida negregada;

³⁰ *Maneca Jano* - abreviatura para Manuel Januário.

³¹ *Ilha dos Patos* - "Conforme aparece grafado a primeira vez em um mapa de 1519. Recorda possivelmente as inúmeras aves marinhas, inclusive biguá, que sempre há nas ribeiras calmas das duas baías, Sul e Norte, entre a ilha e o continente fronteiriço." p. 18 - Fund. Flor.

³² Ver nota 18.

³³ Ver nota 31.

A comarca abandonada,³⁴

Que padece tanto e tanto,

Só assim do triste pranto

Poderá se ver privada!

Um juiz, que lá não mora.

E que com todos implica

Como é, senhores, que fica

Do emprego sempre fora?!

E passeia a toda hora

Na Desterro, impunemente³⁵!!

Esta verdade é pungente!

Quem quiser ser venturoso,

Seja infame, canceroso,

Seja uma cousa indecente!!

Cidadãos! predei as bocas!

Não podeis falar do juiz!

Vós sois mesquinhos, sois vis

Sois umas cabeças ocas!

Vossas palavras são loucas!

³⁴ Segundo denúncia do jornal A Regeneração - de 25/12/1884, n° 288 - pág. 03, o juiz não parava na comarca de São Miguel. A denúncia diz o seguinte: Ao Governo Imperial

"Ainda continua a residir nesta capital, o Bacharel Manuel Januário Bezerra Montenegro, juiz de direito da comarca de São Miguel!

Este procedimento é inqualificável e de todo o ponto abusivo.

...

Vai a comarca uma ou duas vezes por mês...

...

Pedimos providências.

É muito abusar da autoridade e da lei."

"A comarca abandonada."

³⁵ Ver nota 34.

Deixai que ele vos insulte.
Que em negros crimes avulte
Cuspa na honra do lar
E depois, perante o altar,
No ventre a Cristo sepulte!

Água benta e presunção
Tem o monstro com fartura:
Ele recebe a medida
Em Lourdes do Capelão
Pode, com toda a razão,
Esse homem qu'o diabo fez,
Bisneto do infame Reis³⁶,
Pela sua imunidade,
Cuspir na sociedade,
Na fé, na moral, nas leis!

³⁶ Ver nota 6.

CANTO VII

Vamos ouvir de novo,
Ao Juiz do Negro Monte,
Que tomando o seu simonte,
Conserta a guela e diz:

- Togados, ouvi-me!
Do mundo parti-me,
No inferno sumi-me;
Agora aqui'stou!
O nosso colega
Plutão, d'ira cega,
Me dando uma esfrega,
Assim me deixou!

Porém transformei-me,
Mais bravo tornei-me,
E mais apurei-me
Nas manhas, nas brigas!
Ouvi-me, togados
Fiéis, denodados³⁷,
Não temo Pendicas!...

Sou filho do norte³⁸,
Sou bravo, sou forte,

³⁷ Denodados - que tem denodo, ousado, valoroso / impetuoso, arrebatado. p. 535 - Nov.
Dic. A. Ling. Port.

³⁸ Ver nota 19.

Qual anjo da morte
 Que tudo destrói!
 Sou d'aço epiderme!...
 Não temo um Guilherme³⁹!
 Em mim tenho um verme!
 Qu'a todos corrói!...

Comigo quem pode?
 Meu berro de bode
 Os montes sacode,
 Faz tudo gemer!...
 Se alguém censurar-me,
 Se alguém acusar-me,
 Se alguém acusar-me,
 Mandá-lo prender!...

Togados, ouvis?
 Quais vós, sou juiz:
 O leigo infeliz
 Que pode alcançar?!
 Só temo a Plutão⁴⁰
 Qu'ê bom coração,
 Da regra exceção,
 É bem singular!...

³⁹ Guilherme - Provavelmente Eliseu Guilherme da Silva Deputado provincial nessa época, filiado ao Partido Liberal, tendo exercido vários cargos como farmacêutico, na cidade do Desterro e em Laguna. p. 523 - Dic. Pol. Cat.

⁴⁰ Ver nota 23.

Plutão faz justiça:
Jamais ouve missa;
E só lume atica
Na réproba grei!...
Porém não me quis
Do inferno o juiz;
Se, pois, males fiz,
Maiores farei!

Eu sou singular
De *negro* apesar,
Eu gosto d'olhar
Os raios de luz!
Sendo alma de fel,
Eu gosto do *mel*;
Sou mais que Lusbel⁴¹,
Que fuge da cruz!

Eu faço-a c'o o dedo,
Até por brinquedo;
Eu beijo-a sem medo,
Sem ter religião!
Espanta-vos isto?
Não foi junto a Cristo
No Gólgota visto
O vil, mau ladrão!?

⁴¹ Ver nota 20.

CANTO VIII

Passeava n'um deserto

O juiz velhaco, esperto,

Quando um demônio lhe diz:

"Meu juiz,

Parece que te vi na plaga escura!

Estou reconhecendo essa figura."

- É verdade! Eu de lá vim transformado,

Porque fui desprezado

Pelo rei dos infernos, Satanaz!...

- Vem ser nosso capataz,

Qu'és um demônio de cruz!

Somos demos atrasados,

Qu'inda somos aterrados

Pela presença da cruz!...

- Eu de cruz não tenho medo,

E até Frei Sebastião

Pensa que sou venerável,

Quando sou vil, miserável,

Abaixo do mau ladrão!...

- Pois bem: serás nosso cabo!

Não te querem lá no inferno,

Qu'assim decretou o eterno

Satã, poderoso rei;

Mas na terra sempre estamos,
 Onde vis almas buscamos,
 - Deleites da escura grei!...

O juiz, de contente, gesto fez
 E se pôs a dançar o solo inglês;
 _ Belo, belo, belo, belo!
 Tenho tudo quanto quero!

X

Em gargalhadas satânicas
 Já rompe o rebanho fero.

X

Infernal contradança é preparada;
 Tiram-se entanto, os pares;
 Cabe ao demo-juiz d'Ilha dos Patos⁴²
 Uma fúria qu'os ares
 Escurece co'a feia negregura;
 Já ferve a dança, como fervem mares
 Açoitados d'horrendo furacão!
 Ou como ferve a raiva de Plutão⁴³!

X

Da soturna manada
 Destarte o coro brada:

⁴² Ver nota 34.

⁴³ Ver nota 23.

- Somos demos potentes, felizes,
Ninguém pode conosco, na terra;
Os beócios qu'em leis acreditam
Nunca podem vencer-nos na guerra!

X

E o juiz que vive fora
Da sua infeliz comarca⁴⁴,
Dos demos patriarca,
Um solo canta agora:

- Sou juiz, tudo posso, de certo,
Que sou diabo, cabeça de diabos;
De ladrões e velhacos sou chefe,
Sou primeiro entre os horrídeos cabos.

Venci um colega
Que tinha *libré*;
Não podem comigo:
Aí é que é!...

Sou juiz, tudo posso, de certo,
Que não conto com leis do país;
Se por becas as leis foram feitas,
O que pode temer um juiz?

Sou mais qu'um prelado
De mitra na sé;

⁴⁴ Ver nota 34.

Sou réu magistrado:

Aí é que é!

Sou juiz,tudo posso, de certo,

De calúnia bem pesco e d'injúria;

Visto beca, senhores: por isso,

Sou demônio, do inferno sou fúria!

E vão para o boi

O Crespo e o André;

Mas fujam do bode:

Aí é que é!...

CANTO IX

Dois diabinhos conversavam,
N'um canto do reino escuro;
Um sustentava os direitos
Do juiz, em tom seguro:

- Dizem qu'o juiz é ladrão?
É verdade, e tem razão:
Se tem o pobre escrivão,
Segundo Bocage o diz.
Como é que certo sujeito
Não acha muito direito
Que seja ladrão o juiz?

O escrivão, que não tem *faca*
Nem *queijo*, pode roubar;
Como querem sustentar
Qu'o juiz não tem razão?
É n'eles qu'esta não vejo,
Porque *faca* sempre e *queijo*
O juiz conserva na mão...

X

O outro toma a palavra:
- Mas uma cousa te digo:
Eu sou, de certo, inimigo
De seguir a lei do *Tal*,
Mas lógico, sou coerente.

Não entro em casa do Cristo,

E, mal uma cruz avista,

Fujo p'ra gruta infernal!

- Mas perdão, colega amado:

Isso te prova a fraqueza!...

- Acho profunda estranheza

Em semelhante asserção!

Um verdadeiro demônio

Deve ser como Lusbel⁴⁵;

Guerra declara a Miguel,

Mas não lhe faz oração!...

- Lá isso é! O juiz

Mui católico se diz

E reza diante do altar!...

- É um demônio muito baixo!

Muito vil! Colega, eu acho

Que devemos conjurar!

- Ser ou não ser⁴⁶! Eu concordo

Com a tua opinião.

Nisto os demos se preparam

Para uma conjuração.

⁴⁵ Lusbel - "Um verdadeiro demônio / deve ser como Lusbel, / Guerra declara a Miguel" - Lusbel = Lúcifer

Miguel - na tradição judaica, assim como na cristã, é o mais nobre dos anjos. Dic. Bibl. p. 1248 - ver nota 20.

⁴⁶ "Ser ou não ser" - Shakespeare - Hamlet.

X

O pobre juiz desprezado
 Viu-se de todos calcado,
 Só tendo por si os dois
 Demônios muito zangados,
 Em bezerros transformados,
 Devendo ser antes bois...

X

Deixaram-nos os demos todos,
 Sem exceção do Tuné;
 Ficou só co'o feliz Bertho
 E o Antônio Pepé,
 Que foi d'um virão corrido,
 Na praia do Deus Menino,⁴⁷
 Por dar-lhe um libelo escrito
 Pelo togado maldito,
 Ladrão, velhaco, assassino!

X

Ninguém mais o quer (incrível)
 Nem no inferno, nem na terra;
 Universal, triste guerra
 É feita a demônio tal!
 Um diabo q'ao próprio inferno
 Causa nojo tão profundo,
 Como é que pode no mundo

⁴⁷ Praia do Deus Menino - atual aterro da baía sul. O mar antes se estendia até as proximidades da atual rua Menino Deus - ladeira do Hospital de Caridade.

Presidir a um tribunal?

X

É caso raríssimo

Dos Patos na Ilha!

Espanta-se o mundo

De tal maravilha!

*Penacho*⁴⁸ caiu,

Mudou-se num rabo;

Não tomba o juiz,

Na pele d'um diabo!!!...

⁴⁸ *Penacho* - alusão ao candidato Alfredo d'Escragnolle Taunay.

CANTO X

Banguê! que será de mim?

(Gregório de Matos)

Sou perverso magistrado,
Ladrão, velhaco, assassino;
Negro futuro toldado
Forjando vai-me o destino:
E, se continua o fado
Minh'alma a tratar assim,
"Banguê! que será de mim?"⁴⁹

De juiz meu triste erro
Foi batido em S. Miguel⁵⁰,
Na cidade do Desterro
E na plaga de Lusbel;
Todos me tratam de perro!...
E, se isto prossegue assim,
"Banguê! que será de mim?"

Tenho o código torcido,
Feito do torto o direito;
Fui d'um magote bandido

⁴⁹ "Banguê! que será de mim?" -

"Banguê, que será de ti?"

Meu Deus, Que será de mim?"

Mote usado por Gregório de Matos no poema "A Humas Cantigas, que costumavam cantar os chulos naquele tempo: "Banquê, que será de ti?" E outros mais piedosos cantavam: "Meu Deos, que será de mim?" O que o poeta glozou entre a alma christã resistindo às tentações diabólicas. p.73 - Obr. Poet.

⁵⁰ Ver nota 18.

Um advogado perfeito;
Hoje, de todos mordido,
Prevejo o meu triste fim:
"Banguê! que será de mim?"

Minha genealogia
Já tem sido descoberta;
A cruel antipatia
O meu coração aperta:
E, se a triste sorte ímpia
Prossegue em sovar-me assim.
"Banguê! que será de mim?"

Ardo em ira, em sanha forte,
Quando me lembra Lusbel⁵¹
Um crime de baixa sorte
E aquele falso papel
Que lá fabriquei no norte!
E se isto me vai assim,
"Banguê! que será de mim?"

Nem a boa confissão
Me parece confortar;
Até Frei Sebastião
Me parece abandonar:
Ai! qu'aspérrima aflição!...
Se isto continua assim,

⁵¹ Ver nota 20 / 46.

"Banguê! que será de mim?"

Cobrem-me vermes horrendos,
 Como se eu fora outro Job⁵²;
 Não sofre a beca remendos,
 Nu, causa horror, nunca dó:
 Se tais sucessos tremendos
 Vão continuando assim,
 "Banguê! que será de mim?"

Sendo lá no inferno assado,
 Tornei-me a Lusbel⁵³ nojento;
 Eu já fico horrorizado
 De mim, qual d'um lazarento:
 E, se continua o fado
 Minh'alma a tratar assim
 "Banguê! que será de mim?"

Parece-me a voz um berro
 De bezerra em negro monte:
 Sempre nos autos eu erro,
 Nem já me ajuda o simonte:
 E, se o destino de ferro
 Vai continuando assim,
 "Banguê! que será de mim?"

⁵² Job - personagem central do livro do mesmo nome, livro de job. Figura na Bíblia como exemplo de justiça. p. 997 - Dic. Bibl.

⁵³ Ver nota 20 / 46.

Conquanto o ditoso Bertho,
Que no campo Elísio⁵⁴ mora,
Seja meu amigo certo,
Não me sôa alegre hora,
N'este arenoso deserto:
Ai, sorte! se vais-me assim,
"Banguê! que será de mim?"

Já nem Bertho nem Pepé
Me podem fazer feliz;
Partiu mudado o Tuné
De prantos em chafariz:
Eu fiquei berrando - mé -,
Mudado em bezerra, assim:
"Banguê! que será de mim?"

⁵⁴ Campo Elísio - Mit. dos herois e dos justos após a morte, campos elíseos / Lugar de delícias, a bem aventuras. p. 527 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

CANTO XI

Três escuros outeiros se mostravam,
 Em perspectiva ousada e presunçosa,
 Qu'em hórrida espessura negrejavam,
 Na antiga Ilha dos Patos⁵⁵ tão famosa;
 Turvas pontes e fétidas manavam
 Do cimo qu'a presença tem nojosa:
 Por entre negras pedras se deriva.
 A ruidosa enxurrada fugitiva.

N'um triste vale, qu'os outeiros fende,
 Vinham as podres águas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem, que se estende,
 Tão feia, quanto pode imaginar-se!
 Arvoredo infernal sobre ela pende,
 Em atitude de quem quer safar-se,
 Para não ver ali, n'água dormente,
 Desenhada a figura propriamente.

Um passageiro, os olhos alongando,
 Sobre o monte do meio, o mais horrendo,
 Empertigado, estende o braço, alçando
 A cabeça, os favores removendo;
 Ao monte se dirige, perguntando:
 Destarte: "Quem és tu qu'é esse estupendo
 Vulto, certo, me tem maravilhado?"

⁵⁵ Ver nota 31.

Em rouca voz responde magoado:

Eu sou aquele diabo nauseabundo
 Que Lusbel desterrou da pátria escura;
 De crimes foi minh'alma um vasto mundo,
 Negras manchas deixei na rosa pura,
 O lar volvi medonho e furibundo;
 Certo nenhuma honrada criatura
 Escapou-me da língua de navalha;
 À família de bem chamei canalha!

Desleal, contra um pobre desgraçado,
 A quem tolhia a voz mordaza ímpia,
 Injúria vomitei feroz, danado;
 Chamaram-me cruel, horrenda hárpia:
 E o riço, o duro, irresistível fado
 Em monte aqui mudou-me, em companhia
 D'estes, que aqui me cercam, dois oiteiros⁵⁶!"
 Retiram-se entretanto, os passageiros.

X

Este sujeito, de certo,
 É o juiz velhaco, experto,
 Transmudado por Satan,
 Por ter cuspid o a verdade,
 A honradez, a probidade,
 Do lar a virtude sã.

⁵⁶ Oiteiros - Costume implantado no período colonial, em voga em Portugal - oiteiros poéticos - poeta dos salões, declamadores ou repentistas. p. 69 - Obr. Reun. B.

É o mesmo que foi mudado
 No reino escuro, danado,
 N'aquele trifauce cão.
 Essa alma cínica, perra,
 Já foi mudada em bezerra
 Pelo severo Plutão⁵⁷.

Essa mutação deveras
 Prova qu'essa alma perversa
 Não tem um caráter só:
 É um anfíbio⁵⁸ político,
 Esse togado raquítico,
 Digno de lástima e dó!...

Dos escrivães inimigos,
 Costumam dizer consigo,
 Falando com seus botões:
 - Pois do foro os empregados,
 Assim como os advogados,
 Já não querem ser ladrões?...

Quem este jus⁵⁹ lhe confere!
 Pois a *Ordenação* prefere
 Bem claramente ao juiz!

⁵⁷ Ver nota 23.

⁵⁸ Anfíbio - diz-se de animal ou de planta que vive tanto na terra como na água / Que se realiza, ao mesmo tempo, em terra e/ou em água / Que tem sentimentos opostos, ou segue duas opiniões diferentes, ou tem dois modos de vida. p. 20 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

⁵⁹ Jus - direito derivado da lei natural ou escrita / Fazer jus a alguma coisa, tratar de a merecer. p. 123 - Dic. Cont. Ling. Port.

Posso roubar; tenho dito:

O qu' escrevi está escrito,

Está bem feito o que fiz!

Sou juiz, como Pilatos!

Podendo escrivães ser *ratos*,

Bem posso gatuno ser!...

A lei é só meu desejo;

Faca tenho: corto o queijo,

Que vou sozinho roer!

CANTO XII

Dizem qu'o juiz demente
Deu agora em penitente,
Foi-se fazer ermitão.
O eremita peregrino,
Cavando um queijo londrino,
Buscou d'ele a solidão!

Este conto é verdadeiro!
Não venha o leitor brejeiro
A história contradizer!...
Este conto não é fábula
Nem sequer uma parábola:
Podem todos n'isto crer!

Mas alguém dirá, decerto
- Ou o juiz velhaco, experto
Tem pequenas dimensões;
Ou o tal queijo londrino
Certo não é pequenino,
Que pode conter ladrões!

Aperta-me este dilema!...
Já vejo qu'o meu poema
Não poderei terminar!...
Mas eu de falso não truco:
Pois vou a história do cuco.
Caros leitores, narrar!...

Era de tarde; o lavrador, em júbilo;
Abençoava o filho;
Era à hora do sol agonizante,
A hora da sudade confortante
E pungente de quem geme no exílio!

Contava o cuco: o seu cantar monótono,
Merencório acordava
A este - um amoroso sentimento;
Àquele - desditoso pensamento
Qu'o coração cerrava!...

X

Dois campônios altercavam:
Ambos eles sustentavam
O cuco p'ra si cantar.
P'ra decidir a contenda,
Saíram , logo, da venda,
Foram o juiz procurar.

Este promete justiça
(Era juiz qu'ouvia missa),
Toma tabaco e lhe diz:
(Ide ter com advogados,
Por quem deveis ser guiados:
D'isto não cura o juiz)

Vão consultar Pataburro⁶⁰,
 Que, dando na banca um murro,
 D'esta maneira falou:
 "Senhores! sou sincero!
 Falo sempre em tom mui vero!
 Quem mais presentes mandou? "

X

Os dois, coçando as cabeças,
 Ao mesmo tempo disseram:
 "Nada mandei, por enquanto!"
 - Pois, amigos, mal fizeram!
 Minha grande experiência.
 Senhores, têm-me ensinado
 Qu'um barril de vinho velho
 É o melhor advogado!

X

Cada qual fez mais esforços
 Para não ficar atrás;
 Pela igualdade vencido,
 Os manda o juiz em paz.
 Tal foi a sentença rara:
 - Vou pôr à contenda fim:
 O bom cuco, meus senhores,
 Cantou somente pr'a mim!

⁶⁰ Pataburro - sem referência.

X

Entendam, como o quiserem,

Do canto à moralidade;

Nenhum togado maldigo,

Falo somente a verdade!

CANTO XIII

Para variar, do inferno
O imperador Satanaz,
Diverte um pouco os demônios,
Dá-lhes um pouco de paz.

Ferve a dança, ferve o coro,
Os demos põem-se a cantar.
- Um conto da Paulicéia,
Demônios, vinde escutar!

Um doutor inda em semente
Viu uma flor no jardim,
Que vencia em formosura
O celeste, azul cetim.

Transformou-se em maribondo⁶¹,
Da flor o mel sucrestou⁶²;
Avistando o jardineiro,
Bateu as asas , voou!

Foi-se o doutor em semente
Foi-se do jardim a paz!...
Que talento de Nho Neco!...
Que lembrança de rapaz!...

⁶¹ Maribondo - inseto / alcunha que os portugueses davam aos brasileiros na época da independência. p. 1093. Nov. Dic. A. Ling. Port.

⁶² Sucrestou - sem referência.

N'um touro Jove⁶³ mudou-se
 Afim d'Europa roubar,
 O doutor, n'um maribondo,
 Para uma flor sucrestar

Lá se foi do jardim pobre
 A honra, a grandeza, a paz!...
 Que talento do Nho Neco!...
 Que lembrança de rapaz!...

Lá por toda a Paulicéia,
 Espalhou-se a diva história:
 - Inda hoje está bem viva
 Na mais antiga memória!

Do jardim desventurado
 Se chora a perdida paz!
 Que talento do Nho Neco!...
 Que lembrança de rapaz!...

Ao maribondo quiseram
 Dura vingança tomar,
 Mas ele o ferrão metera,
 Pondo-se, logo, a voar!

⁶³ Jove (Jóve) - Júpiter. O mais poderoso dos deuses. É a figura mais imoral de toda mitologia. Júpiter venceu os Gigantes. Após ter aniquilado com seus inimigos, deixou-se levar pelo seu amor imoderado aos prazeres. Casou-se com Juno, sua irmã, mas durante a lua de mel seduziu uma infinidade de outras beldades, inclusive Temes. p. 147 - Dic. Mit. Gr. Lat. p. 532. Dic. Pros. Port. Br.

Espalharam-se estes versos

Em todo o sítio do Braz⁶⁴:

- Que talento do Nho Neco!

Que lembrança de rapaz!...

Foi p'ra o norte o maribondo,

Onde fez igual "zão-zão";

Voltou p'ra o sul; igualmente

Em todos mete o ferrão.

Em toda a parte essa vespa⁶⁵

Estranhas proezas faz!

- Que talento de Nho Neco!...

Que lembrança de rapaz!...

Cessa o coro, canta um solo

Satanaz, ao violão:

- Maribondo, maribondo

De minha veneração!

E os demônios fazem "tutti"⁶⁶

C'o imperador Satanaz:

- Que talento do Nho Neco!...

Que lembrança de rapaz!...

⁶⁴ Sítio do Braz - sem referência.

⁶⁵ Vespa - designação comunmente dada aos insetos providos de ferrão e com patas posteriores achatadas / pessoa intratável e mordaz. p. 1770 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

⁶⁶ "Tutti" - Termo técnico da música, por oposição a "solo", entrada de todos os elementos de coro e da orquestra, funcionando juntos. p. - Mus. Orig. Jou.

Proserpina, de guitarra,
Também sua voz derrama:
- Monte negro, monte negro,
Vermelho te faz a chama!

Cantam as fúrias em coro,
Ao redor do Rei Plutão:⁶⁷
- Maribondo, maribondo
Da minha veneração!...

Fica no meio da roda
Bate palmas, Satanaz:
- Que talento de Nho Neco!
Que lembrança de rapaz!

Um demo, em touro mudado,
Canta ao som do violão:
- Bezerra, minha bezerra
Da minha veneração!

E todo o coro repete,
Em roda de Satanaz.
- Que talento de Nho Neco!
Que lembrança de rapaz!...

⁶⁷ Ver nota 23.

CANTO XV

Quem me acusa d'haver mudado de sentir?
 Mas esta insensatez produz somente o rir:
 Espanta-me qu'um diabo inteligente e sábio
 Faça asneira cair do sapiente lábio!!...

Censuras o mudar; quando o mudar só cabe
 A um experto juiz que bem chicana sabe
 E que vive a mudar, como a inconstante lua!
 Hipócrita! não olha a imensa trave sua,
 Quando n'outrem censura o pequenino argueiro!!⁶⁸...

Ontem se intitulava amigo verdadeiro;
 Hoje se diz cruel e capital inimigo,
 A vingança infernal e torpe dando abrigo;
 Era ontem liberal; hoje é conservador!

Eu não noto o mudar n'ess'alma sem pudor,
 Pois, dêz qu'a terra gira o demo foi mutável:
 Como o refere a bíblia, esse ente detestável
 Foi quem, certo, inspirou mudança aos pais primeiros.
 Lusbel, que foi luzeiro entre eternos luzeiros,
 Lá mudou-se dos céus ao precipício horrendo,
 Em ira, em ódio, em sanha, em raiva, em fúria ardendo.
 Quem me acusa d'haver mudado de sentir?
 Mas esta insensatez produz somente o rir!...

⁶⁸ Argueiro - partícula leve, separada de qualquer corpo; grânulo, cisco/Fig. coisa insignificante. p. 162. - Nov. Dic. A. Ling. Port.

O que pode notar-me ess'alma transviada,
Quando se mostra já d'outrora tão mudada!?

Mas não noto o mudar, qu'em toda a redondeza
Todos mudam, seguindo a lei da natureza!...
Noto, sim, qu'esse infame ouse-me alçar a pedra:
Noto qu'ess'alma insana, onde só vício medra;
Queira só vício olhar nos adversários seus;
Noto qu'ele censure abusos nos sandeus:
Abusos consentindo em quem se inculca sábio;
Noto qu'um lábio vil acuse um santo lábio;
Noto que Satanaz tente galgar o céu;
Noto qu'o mar bramindo em rápido escarcéu,
Pense os lumes cuspir da celsa⁶⁹ religião;
Noto que Babilônia ajunte com São
Um juiz qu' imita bem d'Herodes o inimigo
Pretor, que se fingiu dos Nazareno amigo,
P'ra vingança tomar do tributário rei;
Noto, sim, com razão, e sempre o notarei,
Qu'um juiz mande na cruz pregar um inocente,
P'ra as graças não perder d'um certo pretendente
Noto qu'um juiz qual Jano⁷⁰, adore a Satanaz,
Teimando em perturbar da consciência a paz,
E ao mesmo passo beije a veneranda cruz;
Noto qu'a treva morta abrace a viva luz!....
Mas não debes notar que seja São Miguel⁷¹

⁶⁹ Celsa - (alto, elevado) sublime, excuso. p. 179 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

⁷⁰ Jano - ver nota 30.

⁷¹ Ver nota 18.

Imigo figadal do traidor Lusbel,⁷²

Que já gozou, no céu, d'imensa regalia!

Quando me davas luz, só luz eu refletia;

Hoje és um monte escuro: escuro eu sou também!

Quem pode levantar a pedra a mim?

NINGUÉM!

⁷² Ver nota 20 / 46.

CANTO XVI

O insensato muda e muda o sábio,
 Porém de vária sorte: aquele muda,
 Sem da mudança conhecer a causa;
 Este convicto muda e certo e firme.
 Muda o sandeu, mas sem saber se muda;
 O sábio muda e na mudança pensa:
Seus quês, porquês e paraquês percebe.
 A primeira mudança é só mecânica;
 A segunda - espontânea, refletida:
 Para aquela-o perdão do juiz sensato;
 Para esta o louvor sincero e lhano
 De quem sabe dizer: "Eu penso, eu quero"!

X

Tu, que ficaste inimigo
 Do mais generoso amigo,
 Cedendo no peito abrigo
 Às mais horrendas paixões;
 Tu sim, que te apaixonaste,
 Tu, que súbito mudaste
 E na *Torneira*⁷³ votaste,
 Tens mais direito a baldões⁷⁴!

⁷³ *Torneira* - Segundo Oswaldo Cabral, a expressão "torneira" deve-se a "uma forçada semelhança entre Taunay e Torneira, arranjada para facilitar a rima. p. 11 - Taun.

⁷⁴ *Baldão* - má sorte, azar / trabalho inútil / impropério, ofensa, injúria. p. 223 - Nov. Dic. A. Ling. Port.

X

Assim, d'afeto mudando,
 Lógico fui coerente;
 E d'isto um louco somente
 Achar não pode a razão.
 Ontem me aclarava a fronte
 Do monte a luzente alvura;
 Hoje a triste negregura
 Traz-me negra sensação !....

Deixa as intrigas, ó beca,
 As calúnias e mentiras;
 Vai ler as mimosas liras
 Do teu colega, Dirceu.⁷⁵
 N'elas aprende que tudo
 Sofre mudança no globo
 E não faças mais de bobo,
 Palhaço, truão, sandeu!...

X

Mas nunca te chamei nem te chamo idiota;
 D'isto não sou capaz, nem mesmo por chacota;
 Tem talento e saber afirmo em prosa e verso,
 E por esta razão te acuso de perverso:
 Pois quem liga ao talento experiência e tino
 É apto para ser ladrão ou assassino.
 Crês qu'idiota sou, mas não me dás perdão?!...

⁷⁵ Dirceu - Alusão ao pastor --Dirceu - da obra Marília de Dirceu. Dirceu - Pseudônimo de Tomás Antônio Gonzaga.

E cuidas qu'isto assenta em exemplar cristão?
Acaso ignoras tu qu'o Deus d'eterna paz
Só castigo possui pr'a quem sabe o que faz?

Mudaste sem razão: não podes condenar-me.
Eu mudei com: razão só devo gloriar-me!
Porém, se irado e cego acusas-me e condenas,
Em ti te reconcentra e vê quais são as penas
Que deves tu sofrer! Não muda o bestial
Idiota, sandeu; mudança é natural
No crânio em que rebrilha a luz do pensamento
A caso ignoras tu que traz um movimento
Outro de sorte igual? qu'importa esta mudança
Aquele? Ignoras tu qu'existe semelhança
Entre o efeito e causa? Isto ignoras tudo!
Se és por ventura assim, por que não ficas mudo
Progredir é mudar!

Mudar de trás pra diante

É sempre decoroso e nunca degradante;
Tão somente a mudar de diante para trás
Ao gesto muda a cor, triste vergonha faz...

O velho liberal, qu'é já conservador
No presente urubu, no passado condor,
A consciências e escute, em si reconcentrado,
E afirmo qu'há de ser por ela condenado!...

X

Podes ameaçar me com chicote,
Azorrague, bastão, bengala, espeto;
Juro qu'hei de mudar, mudando as cousas
Direi qu'o branco é branco, o preto é preto!

X

Podes ameaçar-me c'o enxovia,
Ou com o desprezível, baixo açoite;
Ao ver o sol raiar, direi qu'é dia,
Vendo o sol se esconder, direi qu'é noite!
Não existe na terra imunidade
Que me possa tolher a sã verdade!

CANTO XVII

Não cortes, ó musa, o fio,
Deixa a longa digressão;
Continuemos, agora,
Nossa negra narração.

Depois das metamorfoses
Que são narradas por mim,
O diabo transformou-se
Em galo velho⁷⁶, por fim!

Graúdos bagos duzentos
Mandava Temis⁷⁷ lhe dar:
C'o papo de milho cheio,
Se punha a cocoricar.

Dava bicadas em frangos,
Em pintainhos também;
Dos esporões d'esse galo
Não se livrava ninguém!...

Como o tal jamais quisesse
Residir no galinheiro,

⁷⁶ Galo velho - Cantado em mil páginas, possui larga folha de serviços estranhos. A tradição de chamar o dia e perguntar a noite. Crêem que, depois de certa idade, o galo esquece o sexo e põe os ovos. p. 41-42 - Dic. Fol. Bras.

⁷⁷ Temis - a deusa da lei, pertence à raça dos Titãs. Como deusa das leis eternas, figura entre as esposas de Zeus e a segunda depois de Métis. Inventou os oráculos, os ritos e as leis. p. 435 - Dic. Mit. Gr. Lat.

Mandou Plutão qu'esse galo

Não saísse do poleiro.

Porém, não cumprida a ordem

Dada pelo rei Plutão,⁷⁸

Aos duzentos grãos de milho

Themis faz a redução.

Apenas setenta e cinco

Bagos tem ele no papo!

Dos esporões e do bico

Eu julgo-me, agora, escapo!...

Baixa a crista, murcho o papo,

Delgada a pobre moela,

Não serve p'ra renhideiro,

Muito menos p'ra panela.

Mas, se o galo velho arisco

Na selva continuar,

Lá mesmo bem pode, creio,

Nédio, redondo ficar!

Mas por que não vais, meu velho,

Para o teu bom galinheiro?

Pois abrigo mais seguro

Tu quererás qu'um poleiro?

⁷⁸ Ver nota 23.

Olha! se tu não quiseses
No galinheiro pousar,
O deus que te muda as formas,
Manda Temis⁷⁹ te matar!...

⁷⁹ Ver nota 77.

CONCLUSÃO

Rio do esquecimento tenebroso,
Amargamente frio,
Amargamente sepulcral, lutuoso,
Amargamente rio!
(Cruz e Souza)

Para Leopold Sédar Senghor, "preservar os testemunhos da criação e do pensamento e tornar acessíveis à pesquisa internacional os manuscritos dos criadores e intelectuais é um gesto de profundo civismo mediante o qual afirmamos nossa identidade e asseguramos a continuidade, a sobrevivência de nossa herança cultural".¹

Trazendo para o nosso meio, a nossa ilha e a nossa cultura, as palavras de Senghor traduzem e encontram uma comum preocupação com a preservação de nossa memória literária.

Não há esquecimento sem um conhecimento prévio. Como poderia ser esquecido aquilo que sequer se conheceu? Pois, sepultar documentos sem nunca tê-los tornado públicos, sem nunca ter possibilitado a sua leitura e respectiva crítica e/ou fruição torna-se quase um crime contra a memória dos que nos antecederam. Daí, que se compartilha a opinião de Senghor quando dá um cunho de civismo ao ato de resgate.

O resgate ainda é, e deve ser uma constante, já que os textos continuam à espera de pesquisadores; os jornais da Biblioteca Pública se estão esfarelando, e tudo isso precisa ser, urgentemente, salvo do esquecimento.

Conseguiu-se, por ora, alcançar os objetivos a que se propôs: encontrar, mediante pesquisa paciente e atenta, transcrever, atualizar e, em linhas gerais, comentar três poemas satíricos do século XIX, na cidade de Nossa Senhora do Desterro. A pesquisa teórica foi suporte do trabalho,

¹ Apud Sônia Van Dijk. Projeto Ateliê de José Lins do Rego. Mimeo.

nunca sua motivação. O que gerou o trabalho e continuará motivando outros, no futuro, é a paixão do encontro com esse nosso passado de há muito esquecido.

Deve-se deixar claro que não houve, a priori, julgamentos de valor. Percebeu-se, no entanto, que esses textos não são mero "lixo"² (retomando a expressão de Flora Sussekind), e que nem tampouco devam ser esquecidos. São textos que marcaram uma época em que lutas políticas traziam ainda um sabor de ingenuidade e se travavam nos jornais, ganhando, seguramente, não o melhor político mas... o melhor poeta, e contribuíram para a formação de nossa literatura, no século passado.

O suscitar ou não do riso, assim como o julgamento dos textos como superficiais e de circunstância não os desqualifica. O valor dos poemas se encontra na importância para a história da literatura catarinense.

Para finalizar, lendo esses textos, encontra-se, na prática, uma estreita relação com as palavras de Propp: "o nexó entre o objeto cômico e a pessoa que ri não é obrigatório nem natural. Lá, onde um ri, outro não ri."³

² Expressão usada por Flora Sússekind no livro *O Sapateiro Silva* (Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983).

³ PROPP, Vladimir. *Comichidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992. p. 31

ANEXOS

Cariedade

POUNBYDA

POEMA EM DEZ CANTOS

Circular-retrato

I

Qu'importante novidade!
Que risivel babuzeira
Acaba o Major Torneira
D'espalhar n'esta cidade!
Boletim que traz no meio
Um colunga muito feio
C'o seu nome escripto em baixo,
E que fôra mais perfeito
Se não tivesse o defeito
De vir sem o seu pennacho!

II

Sem esta flamante peça
Qu'os nossos cidadãosinhos
Cantarão em tão bons versinhos
Nos muros do Gama d'Eça!
Que redicula figura!
Que tosca caricatura!
Que desasado pinter,
Tão peço, tão bestalhão
Qu'até nem lhe poz na mão
A brocha de um caudor!

(Continúa)

(Da Gazeta da Tarde.)



FBN/DRD/DINF/292/93

Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1993.

Marli n. da Silveira

Prezada Senhora,

Em resposta ao of. COMUT n. 526/93, estamos enviando, cópia manuscrita, dos dez cantos da **Pomada Touney (Boletim Retrato)** publicados na Regeneração de 18 out 1884.

Quanto ao poema **Montenegreidas**:

- cantos III e IV - não possuímos os nºs 1 e 2
- " XIV - não foi publicado no dia 5 fev. 85.
- " XIII - publicado no dia 4 fev. 85.
- " XV - publicado no dia 6 fev. 85.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,

ELIANE PEREZ

Chefe Divisão de Informação Documental
Biblioteca Nacional

PESQUISADOR: Paulo Couto

PC/lis

O ARGOS

ASSIGNATURA COM SELLO.

Por um anno 15 \$ 00

Por seis mezes 8 \$ 00

Por tres mezes 4 \$ 80

Carta de Gil Fabiano escripta ao Salvo Siemando das Intaipavas.

Desterro 26 d'Outubro de 1861.

Meu velho Amigo. Estou de saude como V. m. deseja.

Minha mulher passa bem, e os pequenos vão-se criando.

O seu José demorou-se aqui tres dias por causa do máo tempo.

Esta primavera vai indo um tanto fria, e por isso as plantações procedem pouco. E' quanto sei a respeito de lavoura. A' cerca do commercio, a crise financeira (vulgo, falta de dinheiro) continua, acompanhada de todo cortejo das suas innumerables consequencias. Ainda não demos todos em ladroes, mas, segundo me informão, há aqui já uma soffrivel quadilha, que dá que temer aos que não são do numero.

Temos por cá regular quantidade de artistas, as artefacturas é que são poucas, não correspondem á metade d'elles. Dizem que a causa primordial d'esta desproporção é a preguiça. Não me comprometto a asseveral-o.

A pesca de baldeas nada produziu, apenas na barra do norte matarão uma a tiro. A de enchovas foi abundante, mas sahio carissima. Nella morrerão ná fragos sete pescadores, cinco livres e dois escravos.

A politica administrativa interna, á só que por ora temos, vai indo regularmente. O Ex^{ma}. Sr. Dr. Galvao dirige com acerto os negocios publicos, e sem matianada.

O comportamento dos nossos dois deputados a assembléa geral, tanto na camara, como fóra d'ella, tem sido optimo, pelo que está d'elles assaz contente o partido que os elegueu.

A imprensa provincial, excepto o Argos diario, que se ha conduzido bem, o Correio Official e a Quinzena, que de ninguem dizem mal, tem-se desnorreado um pouco; mas é de presumir que cedo, deixando os desvios, por onde se guindo, suppoz encurtar caminho, volte á estrada do dever, que por ser direito, é sempre a mais breve entre dois pontos.

A' alguns empregados publicos d'este termo, a exasperada parte d'ella tem en

dereção uma torrente d'espantosas accusações, a que elles (ao que parece) accordarão não responder; apenas, de longe a longe, apparecem algumas poucas linhas a respeito, feitas como ao desdém, e assim a modo de quem as escreve por não ter na occasião outra cousa que fazer. Este indifferentismo, e a birra de não se ter querido considerar como redactor de periodicos um estomeado gatuno, que por aqui se esconde (—não sei aonde—mas sei que o vi), com vistas, segundo se diz, de fazer juz ao lugar de membro da quadrilha mencionada, o tem exacerbado a ponto de tornar-se alvo do escárneo de muitos, e da compaixão de alguns, que, como eu, bem sabem que o triste, desagitado como é para qualquer serviço honesto, está em seu direito quando, servindo aos que lhe pagão, assim forceja para não se deixar morrer de fome. Além de que pôde mesmo succeder que algumas d'essas accusações elle as faça em consciencia, pois lá terá seus motivos para suppor q' todos precisão usar de falcatruas, mais ou menos mnemonicas, para poderem viver.

E' portanto descaridosa semelhante

zombaria. Eu de minha parte a reprovoo, pois que assim não he possível trazer-se o homem a estado normal.

Se, por exemplo, elle, arvorando-se em inquisidor geral dos bens alheios, pergunta a qualquer com que direito é senhor de taes e taes bens, que possue, redargue-lhe o inquirido que não responde sem que elle primeiro lhe declare com que direito possue o sacco e a botija de que é homem.

Se argüe de ignorante a gente do partido eleitoral, ultimamente vencedor na provincia, em vez de lhe darem provas em contrario, dizem-lhe: Nós queremos experimentar o reinado da ignorancia, visto que o da sabedoria só se tem distinguido em escamotagens.

E d'este gosto são todas as attentões, que aqui se dispendem com aquella peregrina e acrisolada criatura, digna de melhor sorte, ao menos de um agasalho gratis nas lojas do paço municipal.

Temos recentes noticias da Laguna. O Dr. Accioli, para que d'alli nao se reatice o Salustio (Estes nomes !..... em fim pôde ser que me engane), trata de engañá-lo, seja em que diabo fôr.

Como V. m. sabe, o Dr. Accioli é o homem da duplicata do collegio da Laguna, facto o mais escandaloso que se deu em todo o Brazil na ultima eleição geral. Só por isto pôde o meu amigo presumir o que ha d'elle a esperar como juiz de direito.

O Salustio..... Pelo amor de Deus ! A culpa teve quem para lá o mandou.

Consta que durante a correição, aberta ás vinganças projectadas, serão entregues os concernentes livros e mais papeis ao José Alexandre, que é um dos melhores guarda-livros, que tem pisado as plagas americanas. Haja vista ao das actas de eleição no archivo da camara municipal, e ao diario, e caixa da Estiva,

Quando elle esteve a seu serviço indiano. Mi injuria do pobre Constantino.

O caso é que os empregados publicos da Laguna, pertencentes ao lado maior, se achão, e com razão, assaz aterrorisados. Um juiz de direito é, em nosso paiz, um potentado; e se elle nutre a detestavel capacidade de servir-se do seu emprego para fazer mal a alguém, pode-se considerá-lo como o verdugo, a calamidade publica da sua comarca. Será d'estes o Dr. Accioli ?

— Respon-da quem for juiz—.... singelo, que os *duplicados*..... fôra.

Esqueceu-me dizer-lhe, quando fallei em lavoura, que o Sr. Ministro da agricultura aconselha-uos o plantio do algodão. Se S. Ex., em vez de nos favorecer com o seu conselho, nos remettesse um medico, que soubesse curar os algodoeiros da indefectivel punilha, que os mata, logo no primeiro anno da plantação, teria prestado a nós, e á nossa provincia um relevante serviço. Mas, em fim, V. m. plante sempre alguns, pois que é feio a gente desprezar conselhos de pessoas tão altamente collocadas.

Esperamos que breve chegue o novo juiz de direito d'esta comarca. Há de S. S. excellentes noticias; com tudo, a re-uturada do Dr. Regueira Costa dá-me grande pezar, porque eu vi sempre n'este juiz o magistrado propriamente dito, de que o Brazil muito carece para cada uma das suas comarcas.

Derão ha dias uma queixa, ou denuncia, contra o juiz Municipal, hoje juiz de direito interino, o Dr. Castello-Branco, por expedição de ordem illegal. Ouvindo, opinou que indevidamente se o mandara responder, porque o facto denunciado não era delicto. Isto é o que eu colligi da leitura da resposta, que bem pode dizer cousa diversa, pois, co-

mo V. M. sabe, não é o meu forte entender bem tudo que leio.


Em juiz leigo (o Sr. Manoel Alves Martins) vai decidir, em pontos de direito, sobre actos praticados por um juiz formado. V. M. não acha isto meio de costa á cima?

Talvez tenha vontade de me dizer que o que acho singular é em estar persuadido que lhe interessa saber d'estes altos negocios. Tem razão, mas que fazer? Gosto de contar o que sei aos meus leaes amigos, em o numero dos quaes sempre fez a merecida justiça de lhe conferir o primeiro lugar o seu

Gil Fabiano.

P. S.

O homem, a quem se refere na sua ultima carta, não é—Ambrozio Lamella—, como V. M. lhe chama, mas sim Raposo d'Almeida.


ARGOS.

DESTERRO 29 DE OUTUBRO.

BIBLIOGRAFIA

DE APOIO TEÓRICO E GERAL

ANDRADE, Oswald de. *A Sátira na Literatura Brasileira*. Boletim Bibliográfico. Biblioteca Municipal de São Paulo.

ARÊAS, Vilma. *Iniciação à Comédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BAKHTIN, Michail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rabelais*. São Paulo: Hucitec 1989.

BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre Arte*. São Paulo: Edusp/Imaginário, 1991.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e Revolução*. V.V.A.A. In *Gratidão de Ser*. Homenagem ao Irmão Elvo Clemente. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

_____. *Literatura e Crítica na Imprensa do Rio Grande do Sul 1868 a 1880*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BERGSON, Henri. *O Riso*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BORGES, Jorge Luis. *Literaturas Germânicas Medievais*. Madrid: Alianza Editorial, 1980.

BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. São Paulo: Ática, 1988.

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil-1900*. MEC/Serviço de Documentação.

_____. *Românticos-Pré-Românticos Ultra-Românticos*. São Paulo: Polis/INL/MEC, 1979.

CAMPOS, Humberto de. *Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras*. In: *Humberto de Campos. Trinta Anos de Discursos Acadêmicos. 1897-1927*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite e outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Formação da Literatura Brasileira*. (Momentos Decisivos). 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, vol. 1, 1975.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

CARR, E. H. *Que é História?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CHALMERS, Vera. *A Crônica Humorística*. In : *V.V.A.A. A Crônica - O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Unicamp - Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. 2. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DAMASCENO, Athos. *Imprensa Caricata do Rio Grande so Sul no Século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

DAUS, Ronald. *O Ciclo Épico dos Cangaceiros na Poesia Popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

DIAS, Ângela Maria. *O Resgate da Dissonância*. Rio de Janeiro: Edições Antares: Inelivro, 1981.

DIAS, Gonçalves. *Poemas*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, Edições de Ouro.

DUFOURCQ, Norbert (Org.). *La Musique des Origines à nos Jours*. Paris: Larousse, 1946.

ECO, Umberto. *Como se Faz uma Tese*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FERREIRA, Delson Gonçalves. *Cartas Chilenas (Retrato de uma época)*. 2. ed., Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1986.

FONSECA, Maria Augusta. *Palhaço da Burguesia*. São Paulo: Polis, 1979.

FREITAS, Maria Eurides Pitombeira de. *O Grotesco (na criação de Machado de Assis e Gregório de Matos)*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

FREUD, Sigmund. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas*. Organização Joaci Pereira Furtado. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GOUDEMANT, Yvonne Bradesco. *O Ciclo dos Animais na Literatura Popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1982.

HODGART, Mathew. *La Satira*. Madrid: Ediciones Guadarrama S.A. - Biblioteca para el Hombre Actual, 1969.

LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

JOLLES, André de. *Formes Simples*. Paris: Editions der Seuil, 1972.

JUVENAL, Décimo Júnio. *Sátiras*. 2. ed. São Paulo: Edições Cultura, 1945.

MARTINS, Antônio. *Arthur Azevedo: A Palavra e o Riso*. São Paulo: Perspectiva, Rio de Janeiro, UFRJ, 1988.

MARTINS, Maria Helena. *Agonia do Heroísmo (Contexto e trajetória de Antônio Chimango)*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul / L&PM, 1980.

MATOS, Gregório de. *Obra Poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

MENDES, Nancy Maria. *Ironia, Sátira, Paródia e Humor na Poesia de João Cabral de Melo Neto*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras - UFMG - 1980.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

MOURALIS, Bernard. *As Contra Literaturas*. Coimbra: Almedina, 1982.

NUNES, Cassiano. *Breves Estudos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1969.

POLLARD, Arthur. *Satire. The Critical Idiom*. Methuen & Co. Ltda, 1987.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992.

Rio Grande do Sul - Terra e Povo. 2. ed., Porto Alegre: Globo. V.V.A.A.

SILVA, J. Romão da. *Luís Gama e suas Poesias Satíricas*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1981.

SILVERMAN, Malcom. *A Moderna Sátira Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SUSSEKIND, Flora e VALENÇA, Rachel Teixeira. *O Sapateiro Silva*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

TELES, Gilberto. *Camões e a Poesia Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Quíron/MEC, 1976. Mendonça.

SOBRE SANTA CATARINA

BOITEUX, Lucas Alexandre. *Notas para a História Catarinense*. Florianópolis: Tip. da Livraria Moderna, 1912.

BOITEUX, Lucas. *Imprensa de Santa Catarina. Cópias de Artigos do jornal O Estado*, 1915.

BOPRÉ, Maria Regina. *Regime Eleitoral e Realidade Político-Social no Império. O caso do Altiplano Catarinense nas primeiras Eleições Diretas. (1881-1889)*. Curso de Pós-Graduação em História, UFSC, 1983.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

_____. *História de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CARNEIRO, Glauco. *Roteiro da Ilha Encantada*. Florianópolis: Expressão, 1987.

CARUSO, Waldemar Filho. *Desterro e a Câmara - Traços da Cidade, de sua História, e de sua Gente*.

COLAÇO, Thais Luzia. *O Carnaval no Desterro Século XIX*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.

CORDEIRO, José. *Ogê Mannebach*. Florianópolis: Uruguai, 1970
uguai, 1970.

DUTRA, Marcelino Antônio. *Assembléia das Aves*. Desterro: Central, 1921.

FLORES, Altino. *Sondagens Literárias*. Florianópolis: Edeme, 1973.

GOULART, Janete Jane e OLIVEIRA, Sônia Maria de. *Florianópolis - Nosso Município*. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação, 1992.

JUNKES, Lauro. *Presença da Poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Partidos Políticos de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, UFSC, 1983.

MUZART, Zahidé L. Insulano. *A Crítica a Serviço da Literatura*. Diário Catarinense, 23/06/1987.

PAIVA, Joaquim Gomes d'Oliveira e. *Notícia Geral da Província de Santa Catarina*. Desterro: Tipografia da Regeneração, 1873.

PAULI, Evaldo. *A Fundação de Florianópolis*. Florianópolis: Edeme, 1973

PEREIRA, Carlos da Costa. *Traços da Vida da Poetisa Júlia da Costa*. Florianópolis: FCC, 1982.

PEREIRA, Moacir. *A Imprensa em Debate*. Florianópolis: Lunardelli, 1981.

_____. *Imprensa: um Caminho para a Liberdade*. Florianópolis: Lunardelli, co-ed. Universidade Federal de Santa Catarina, 1980.

PIAZZA, Walter F.. *Santa Catarina: sua História*. Florianópolis: Lunardelli, UFSC, 1983.

_____. *São Miguel e o seu Patrimônio*. São Miguel: Prefeitura Municipal de Biguaçu, 1970.

SACHET, Celestino e SOARES, Iaponan. *Presença da Literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

_____. *Fundamentos da Literatura Catarinense*. In, Jaldyr Faustino da Silva et alii. *Fundamentos da Cultura Catarinense*. Florianópolis: Laudes, 1970.

SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

S. THIAGO, Arnaldo. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro, 1957.

SCHUTEL, Duarte Paranhos. *A Massambu*. Florianópolis: Movimento, 1988.

SOARES, Iaponan et LOCKS, Ana Lúcia Coutinho. *História de Biguaçu através de sua Gente*. Biguaçu, 1989.

_____. *Marcelino Antônio Dutra - Um Aspecto Formativo da Literatura Catarinense*. Porto Alegre: Sulina, ed. 1970.

_____. *Vamos Conhecer Biguaçu*. Prefeitura Municipal de Biguaçu, 1985.

SOUSA, Cruz e. *Poesia Completa*. 12. ed. Florianópolis: FCC: FBB, 1993.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. *As Taunaydes - Um Poemeto Político do Conselheiro do Império João Silveira de Souza*. São Paulo: João Scortecci, 1991.

SCHWEIDSON, Jacques. *Saga Judaica na Ilha do Desterro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

DICIONÁRIOS

ALMEIDA, Francisco de. *Diccionario Ilustrado da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Francisco Pastor, 1898. 2º v.

AULETE, F. J. Caldas. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Parceria Antoni Maria Perez, 1926. 2º v.

BLAKE, Augusto Victorino Sacramento. *Diccionario Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1883-1902.

BROSSE, Olivier de La et alii. *Diccionario del Cristianismo*. Barcelona: Herder, 1986.

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário Escolar*. 11. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1979.

CARVALHO, Antônia José de e Deus, João de. *Diccionario Prosódico de Portugal e Brazil*. Rio de Janeiro: Porto,

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Ltda.

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 4. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

DONATO, Hernâni. *Dicionário das Mitologias Americanas*. São Paulo: Cultrix, 1973.

DONATO, Hernâni. *Dicionário da Mitologia (asteca, maia, aruaque e caraíba, inca, tupi, diaguita, banto, ioruba, ewe e fanti-ashanti, negro - maometana)*. São Paulo: Cultrix.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário Brasileiro Contemporâneo*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 4. ed.
Lisboa: Sociedade Ed. Artur Brandão e Companhia, s/d.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brone S/A, 1923.

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix.

HAAG, V. S. Bom - R. P. Serafim de Ausejo. *Diccionario de la Biblia*.
Barcelona: Herder, 1987.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. (grega e latina).
Rio de Janeiro: J. Zahar, 1937.

LELLO - Universal - *Novo Dicionário Encyclopédico Luso-Brasileiro*.
(organizado sob direção de João Grave e Coelho Netto) Pôrto: Lello &
Irmãos, 19

LOYN, H. R. (Org.). *Dicionário da Idade Média*. Tradução de Alvaro
Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de Literatura Portuguesa-Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1973.

LURKER, Manfred. *Dicionário dos Deuses e Demônios*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix.

NINA, A. Della. *Dicionário da Sabedoria*. São Paulo: Fittipaldi, Vol. IV, 1985.

NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Dicionário de Verbos Portugueses Conjugados*. 7. ed. Lisboa: Clássica.

PIAZZA, Walter. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

RÓNAI, Paulo. *Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira - 1985.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novissimo Diccionario Latino-Portuguez*. 4. ed. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier Livreiro

SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Na Impressão Regia, 1831.

SILVA, Innocência Francisco da. *Diccionario Bibliográfico Portuguez / estudos de Innocência Francisco da Silva*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1862.

SPALDING, Tarssilo Orpheu. *Dicionário de Mitologia (germânica, eslava, persa, indiana, chinesa, japonesa)*. São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. *Dicionário de Mitologia (egípcia, sumeriana, babilônica, fenícia, heurita e hitita, celta)*. São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. *Dicionário da Mitologia Latina*. São Paulo: Cultrix.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi*. 1. ed. São Paulo: Traço, 1985.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

VEGA, Vicente. *Dicionário Ilustrado de Frases Célebres (y citos literários)*. 3. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1952.

VICTORIA, Luiz A. P. *Dicionário de Frases, Citações e Aferismos Latinos*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1956.

PERIÓDICOS

- *A Regeneração*, Desterro, 1884-1885

- *A República*, Florianópolis, 1927-1929

- *Catálogo de Jornais catarinenses 1850-1889*, Org. Biblioteca Pública de Santa Catarina

- *Correio Catarinense*, Desterro, 1852-1854

- *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo/Rio de Janeiro, vol. 19, 1995.

- *Matraca*, Desterro, 1882-1888

- *O Argos*, Desterro, 1860-1861

- *O Cruzeiro*, Desterro, 1860
- *O Despertador*, Desterro, 1881-1882
- *O Moleque*, Desterro, 1884-1885
- *O Mosquito*, Desterro, 1888
- *O Novo Íris*, Desterro, 1850
- *Tribunal de Justiça de Santa Catarina - Um Século 1891-1991*. Edição Comemorativa do Centenário de Instalação do Tribunal de Justiça de Florianópolis, 1991.